



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALEXANDRA SANTUZZI ZUCCOLOTTO

OS BEBÊS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: MAPEANDO A  
PRODUÇÃO ACADÊMICA

VITÓRIA  
2021



Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

**ALEXANDRA SANTUZZI ZUCCOLOTTO**

**OS BEBÊS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: MAPEANDO A  
PRODUÇÃO ACADÊMICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Educação, Formação Humana e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vania Carvalho de Araújo.

**VITÓRIA  
2021**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

- Z94b Zuccolotto, Alexandra Santuzzi, 1976-  
Os bebês nas instituições de educação infantil : mapeando a  
produção acadêmica / Alexandra Santuzzi Zuccolotto. - 2021.  
165 f. : il.
- Orientadora: Vania Carvalho de Araújo.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Educação.
1. Bebês. 2. Educação Infantil. 3. Crianças e legislação. I.  
Araújo, Vania Carvalho de. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

## ALEXANDRA SANTUZZI ZUCCOLOTTO

OS BEBÊS NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:  
mapeando a produção acadêmica

Dissertação apresentada ao Curso  
de Mestrado em Educação da  
Universidade Federal do Espírito  
Santo como requisito parcial para  
obtenção do Grau de Mestre em  
Educação.

Aprovada em 26 de março de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Professora Doutora Vania Carvalho de Araújo  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Professora Doutora Valdete Côco  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Professora Doutora Maria Carmen Silveira Barbosa  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFES - Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES  
Telefone: (27) 4009-2547/4009-2549 (fax) / E-mail: ppgeufes@yahoo.com.br



*A Bento e Maitê, bebês da minha vida inteira!*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aprendi que se depende sempre, de tanta, muita, diferente gente.  
(Gonzaguinha)*

Neste momento de olhar para trás, tantas lembranças expandem minha memória desde a chegada ao Mestrado que, por hora, se aproxima do fim. Foram inúmeras vivências, situações, atos e fatos de tantas coisas. Agradecer somente a essas pessoas é a forma, talvez pequena, de reconhecer o que realmente nos constitui. São pessoas que me permitiram, por meio de seu olhar, de suas contribuições críticas, ir além. Outras, mesmo sem contribuir diretamente, estiveram presentes com seu afeto e carinho durante esse tempo dedicado à pesquisa.

Minha gratidão:

À professora Vania Carvalho de Araújo pela inspiração, pela confiança e paciência. Afinal, foram duas gestações nesse espaço tão curto de tempo. Expresso meu reconhecimento e respeito por tamanha dedicação e indiscutível empenho à pesquisa sobre as infâncias. Obrigada pela forma respeitosa com que me conduziu no processo de pesquisa.

A Diego, Bento e Maitê, amores que, com paciência e compreensão, entenderam meus momentos de ausência.

Às professoras da Banca Examinadora: Valdete Côco e Maria Carmen Silveira Barbosa por aceitarem prontamente o convite e comigo compartilhar seus saberes, suas experiências, que foram primordiais para a consistência desta pesquisa. Também ao professor Jair Ronchi, presente na banca de qualificação, que, infelizmente, por motivos de saúde não pode estar presente.

A minha querida mãe, Maria Julia, e a meu pai, Rubens, pelas orações.

A Dora, minha sogra, sempre solícita e disponível em qualquer situação.

À tia Dulce por sua doação e carinho em ficar com Bento pelos arredores do PPGE.

À professora e colega de linha de pesquisa Rosali Rauta pelas preciosas contribuições no decorrer do processo de pesquisa e escrita desta dissertação.

A Maria Angélica Menezes Freire, amiga especial que o trabalho me deu, por seu carinho, apoio e encorajamento.

A Giovani, Kaira, Vanessa e Zoraide, pelas contribuições quando da feitura do projeto de pesquisa.

À minha cunhada Sabrina Faustini por sua disponibilidade para estabelecermos as primeiras aproximações com o NVivo.

Às colegas da linha de pesquisa Yamilli, Kalinca, Larissa, Franceila e Rennati por dividirem os medos, ansiedades, inseguranças e também pelos cafés... Sentirei saudades.

Às colegas do Iesc pelos inúmeros momentos de estudo, debates e reflexões acerca das infâncias. Foram tantos aprendizados!

As(os) pesquisadoras/autoras(es) das dissertações e teses que fizeram parte deste estudo sem as(os) quais não seria possível realizá-lo.

A Deus, meu guia, que permitiu que eu chegasse até aqui.

*Grande é a poesia, a bondade, as danças... Mas o  
melhor do mundo são as crianças.  
(Fernando Pessoa)*



## RESUMO

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, propõe investigar como os bebês têm sido referenciados nos documentos normativos nacionais, bem como nas produções acadêmicas, no campo da educação infantil, tomando por referência a base de dados do Portal da Capes (dissertações e teses) relativa ao período compreendido entre 2010 e 2018, a partir dos descritores: “bebês” AND “educação infantil”; “bebês” AND “infâncias” e “bebês” AND “creche”. Para o tratamento dos dados, utiliza o *software* NVivo como uma ferramenta que possibilita estruturar e apresentar o volume de informações e dados da pesquisa retratados por meio de “nuvens de palavras”, “árvore de palavras” ou de “mapas de árvore”, exibindo a frequência de uma determinada informação. Dentre as principais conclusões, destaca a pouca referência aos bebês nos documentos que versam e/ou legislam sobre a educação infantil. Nas dissertações e teses analisadas, os principais percursos teóricos e metodológicos utilizados nos estudos que contemplam os bebês apontam para uma concepção deles ancorada segundo os pressupostos da Sociologia da Infância, da Pedagogia da Infância, da Psicologia e da Psicanálise. Embora identificada uma preocupação em demarcar a idade dos bebês, não há consenso entre os pesquisadores investigados. Isso revela ser esse um campo pouco explorado sob o ponto de vista acadêmico, exigindo novas problematizações e estudos acerca dos bebês da/na educação infantil.

Palavras-chave: Bebês. Legislação e bebês. Educação infantil e bebês.

## **ABSTRACT**

This study, of a bibliographic nature, aims to investigate how babies have been referenced in the national normative documents, as well as in the academic productions, in the field of early childhood education, having as a reference the database from Portal da Capes (master theses and doctoral dissertations) related to the period between 2010 and 2018, from the descriptors: "babies" AND "early childhood education"; "babies" AND "childhoods" and "kindergarten". For the data treatment, the software NVivo was used as a tool that enables to structure and present the volume of information and data of the study portrayed through "word clouds", "word trees" or "tree maps", showing the frequency of a given information. Among the main conclusions, it is highlighted the few references to the babies in the documents that discuss or legislate about the early childhood education. In the master theses and doctoral dissertations analyzed, the main theoretical and methodological approaches used in the studies that consider the babies show their conception anchored by the assumptions of Sociology of Early Childhood, Pedagogy of Early Childhood, Psychology and Psychoanalysis. Although it was identified a concern in defining the age of babies, there is no consensus among the researchers investigated. This shows to be a low-explored field from the academic point of view, demanding new problematizations and studies about babies from/in early childhood education.

**Keywords:** Babies. Legislation and babies. Early childhood education and babies.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Recorrência da palavra-chave bebês.....	48
Gráfico 2 – Contextos de investigação.....	56
Gráfico 3 – Principais temáticas das pesquisas.....	61
Gráfico 4 – Conceito de bebês de acordo com a perspectiva teórica.....	70
Gráfico 5 – Distribuição das pesquisas de acordo com a faixa etária.....	87

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Relação de pesquisas cujo termo bebês consta no rol de palavras-chave.....49
- Quadro 2 – Teses e dissertações selecionadas a partir de levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com os descritores “bebês” AND “educação infantil” .....148
- Quadro 3 – Teses e dissertações selecionadas a partir de levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com os descritores “bebês” AND “infâncias” .....159
- Quadro 4 – Teses e dissertações selecionadas a partir de levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com os descritores “bebês” AND “creche” .....160

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização das pesquisas por região de concentração.....	55
Figura 2 – Nuvem de palavras para o código “objetivos”.....	58
Figura 3 – Árvore de palavras dos verbos mais frequentes para o código “objetivos”.. .....	59
Figura 4 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “bebês”.....	66
Figura 5 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “crianças”.....	68
Figura 6 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “infâncias”.....	69
Figura 7 – Concepção de bebês a partir da Sociologia da Infância.....	71
Figura 8 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “são”.....	72
Figura 9 – Concepção de bebês a partir da Pedagogia da Infância.....	77
Figura 10 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “criança”.....	77
Figura 11 – Concepção de bebês a partir da Psicologia.....	80
Figura 12 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “ser”.....	81
Figura 13 – Concepção de bebês a partir da Psicanálise.....	84
Figura 14 – Faixa etária dos bebês.....	86
Figura 15 – Metodologias das pesquisas.....	88
Figura 16 – Etnografia.....	89
Figura 17 – Principais instrumentos de pesquisa.....	90
Figura 18 – Recorrência dos campos de conhecimento/perspectiva teórica.....	92
Figura 19 – Principais autores citados pelas pesquisas.....	92
Figura 20 – Referenciais teóricos citados nos resumos das pesquisas.....	93
Figura 21 – Autores mencionados nos resumos 2010-2014.....	94
Figura 22 – Autores mencionados nos resumos 2015-2018.....	94
Figura 23 – Autores mencionados nas referências.....	95

## LISTA DE SIGLAS

Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
Dcneis – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil  
Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior  
CDC – Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças  
Cmei – Centro Municipal de Educação Infantil  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
lesc – Infância, Educação, Sociedade e Cultura  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
PNE – Plano Nacional de Educação  
PUC – Pontifícia Universidade Católica  
Rcnei – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil  
UCS – Universidade de Caxias do Sul  
UEL – Universidade Estadual de Londrina  
Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Ufba – Universidade Federal da Bahia  
UFC – Universidade Federal do Ceará  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFS – Universidade Federal de Sergipe  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos  
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria  
Unesp – Universidade Metodista de São Paulo  
UNB – Universidade de Brasília

Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Unijuí – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul

Uninove – Universidade Nove de Julho

Unisc – Universidade de Santa Cruz do Sul

Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina

Univali – Universidade do Vale do Itajaí

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>OS BEBÊS NAS LEGISLAÇÕES E DOCUMENTOS NORMATIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL</b> .....	22
<b>3</b>	<b>OS BEBÊS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS</b> .....	36
3.1	REGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DAS PESQUISAS.....	55
3.2	OBJETIVOS DAS PESQUISAS E TEMÁTICAS COMUNS DE MAIOR DESTAQUE.....	58
3.3	CONCEITUALIZAÇÃO DOS BEBÊS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS ANALISADAS.....	65
3.3.1	Conceito de bebê a partir da Sociologia da Infância.....	71
3.3.2	Conceito de bebê a partir da Pedagogia da Infância.....	76
3.3.3	Conceito de bebê a partir da Psicologia.....	79
3.3.4	Conceito de bebê a partir da Psicanálise.....	83
3.3.5	Faixa etária dos bebês.....	85
3.4	PERCURSOS METODOLÓGICOS PREDOMINANTES NAS PESQUISAS....	88
3.5	APORTES TEÓRICOS RECORRENTES.....	91
3.6	PRINCIPAIS RESULTADOS.....	96
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	131
	<b>APÊNDICES</b> .....	148
	APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “EDUCAÇÃO INFANTIL” .....	149
	APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “INFÂNCIAS” .....	161
	APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “CRECHE” .....	162



## 1 INTRODUÇÃO

O ônibus acessa a pequena rua de calçamento precário com trechos de chão batido. Casas de arquiteturas simples e inacabadas margeiam o caminho. Senhoras e idosos aparecem em suas janelas a fim de ver quem passa. Nos quintais crianças brincam de carrinhos, bolinhas de gude, pique-pega. Um mercado, padaria, portas entreabertas com suas propagandas escritas em papelão ou em pequenas tábuas de madeira anunciam serviços de manicure, vendas de *chup-chup*, cabeleireiro. Os transeuntes ocupam as ruas a pé, de bicicletas, motocicletas e, em minoria, de carro, envolvidos em seus afazeres cotidianos. É expressivo o trânsito de caminhões que carregam areia, já que o acesso ao areal se dá unicamente pela via principal da cidade. O ônibus vai cruzando a rua até o meu destino. É o ponto final.

Desço na praça da cidade em frente à igreja antiga, cujo padroeiro é São Benedito, construída alguns anos após o descobrimento do Brasil. Eram idos de fevereiro de 2001. O lugar é Vila do Riacho, pacato distrito pertencente ao município de Aracruz, interior do Espírito Santo. A instituição de educação infantil está instalada em espaço alternativo. Uma antiga casa que tem nos fundos um grande pátio de areia. Em função de ter sido aprovada em concurso público para atuar como professora de educação infantil do município, é nesse lugar que inicio a minha trajetória profissional.

Ali pude vivenciar inusitadas experiências de aprendizagem no encontro com as crianças. Encontros estabelecidos ora nas rotinas que aconteciam dentro da instituição, ora na praça, ali tão perto, ou depois da ponte sobre um riacho onde existia um pequeno pasto com muitas árvores que nos acolhiam e nos permitiam novas descobertas. Era comum sairmos pelas ruas caminhando até os pequenos sítios onde desenvolvíamos juntos diferentes atividades. Apesar de demonstrarem certa familiaridade, a rua, a praça, a ponte, o rio, os sítios com suas chácaras, pastagens e vegetação sempre nos permitiam novas experiências.

Cotidianamente fui aprendendo e me constituindo a partir do olhar sempre sensível às manifestações de desejos, insatisfações, alegrias, tristezas e vontades expressas pelas crianças e, assim, procurava compreender e produzir saberes acerca das infâncias. A partir de 2004, passei a exercer minha profissão docente na rede pública

municipal de Vitória, onde tive a experiência de atuar com turmas de Grupos 1 e 2<sup>1</sup> constituídas por bebês com idade de 6 meses a 1 ano e 11 meses.

Assim, movida pelo desejo de vivenciar o cotidiano dessas turmas, que não se limitasse apenas ao espaço da sala, e por acreditar em outras possibilidades, ousei algumas poucas apostas de experiências que, a meu ver, provocavam a produção de novos saberes que eram expressos nas manifestações sutis dos bebês. Destaco, como uma dessas experiências, o passeio pela cidade de Vitória com os bebês do Grupo 1 que culminou em um piquenique embaixo da castanheira de uma praia.

Ao final da programação, sugeri que experimentássemos o mar molhando os pés ali, na praia. Nesse momento, um dos bebês entra e se banha no mar, expressando tamanha alegria a ponto de contagiar a todos os outros que não hesitaram e, paulatinamente, eles se banharam. As diversas formas de demonstrar o desejo de satisfação que os invadia preencheu os nossos olhares de contemplação.

Outra experiência vivenciada nessa turma, para além dos muros da creche, refere-se ao projeto *Pé na Cidade – Circuito Educacional, Científico e Cultural da Educação Infantil*, desenvolvido nos anos de 2013 e 2014 em parceria com a Gerência de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Vitória (Seme).

Esse projeto, fundamentado em princípios éticos, políticos e estéticos preconizados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Dcneis) (BRASIL, 2009), foi promovido nos 49 Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis), localizados no município de Vitória/ES e teve como objetivo desenvolver experiências curriculares com crianças nos parques urbanos da cidade. O que mais chamou a nossa atenção durante o desenvolvimento do referido projeto foi a relação afetiva e o sentido de pertencimento àquelas áreas verdes que foram se constituindo em espaços propícios de encontros no referido município, nas experiências entre os bebês e entre eles e os adultos.

Tais experiências, somadas a outras tantas, vivenciadas durante 19 anos de trabalho efetivo no exercício da docência na educação infantil, dos quais dois anos foram

---

<sup>1</sup> A rede municipal de Vitória atende a bebês a partir de 6 meses de idade. As turmas de Grupo 1 são compostas por bebês que têm idade entre 6 meses e 11 meses e as turmas de Grupo 2, bebês que têm 1 ano a 1 ano e 11 meses.

dedicados à minha atuação com os bebês, provocaram inquietações que me impulsionaram a imergir nesta pesquisa de mestrado.

Na condição de mestranda, imersa nos intensos debates empreendidos nas disciplinas obrigatórias, bem como no Grupo de Pesquisa denominado *Infância, Educação, Sociedade e Cultura (lesc)*,<sup>2</sup> do qual passei a fazer parte, percebi a invisibilidade dos bebês nos debates, o que reforçou ainda mais meu olhar de inquietude para eles como sujeitos privilegiados de pesquisa.

Também ao me debruçar em estudos que tratam da origem histórica das creches e pré-escolas em nosso país, foi possível perceber sua relação vinculada à assistência, à saúde e preservação da vida sem vínculos diretos com as questões educacionais. Até muito recentemente, década de 1980, por exemplo, havia ausência de creches que atendessem convenientemente à proteção da maternidade. Nessa época a preocupação com os bebês era apenas de guarda para assegurar que as mães trabalhadoras pudessem amamentar seus filhos no local de trabalho, conforme expresso no Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (BRASIL, 1943, p. 60). No entanto, estudos sobre esse tema salientam a necessidade de pesquisar sobre os bebês em creches.

Silva (2015), por exemplo, em sua dissertação de mestrado, destaca as contribuições de Gottlieb (2012) que reflete sobre a importância de estudar os bebês segundo o viés antropológico. Tebet e Abramowicz (2014), por sua vez, ancoradas na perspectiva da Sociologia da Infância, destacam que, embora se tenham observado avanços constantes nos estudos da infância e das crianças, no sentido de definir teoricamente os conceitos “criança” e “infância”, em uma perspectiva social, *secundarizaram-se os bebês*.

Na opinião das autoras, os estudos sobre a criança e a infância não dão conta de pensar os bebês, pois estes possuem especificidades que não são contempladas nos trabalhos existentes. Pesquisas desenvolvidas por Alves (2013), Carneiro (2017), Coelho (2015) e Schmitt (2008), por exemplo, ratificam essa afirmação ao destacar a incipiência ou quase ausência de estudos desenvolvidos acerca dos

---

<sup>2</sup> Criado em 2007, o lesc tem como objetivo desenvolver estudos e pesquisas tendo como eixo central de análise a infância, as culturas infantis, a cidade e as políticas públicas em suas múltiplas manifestações no contexto escolar e não escolar.

bebês. Abramowicz (2019) enfatiza a ausência histórica dos bebês nos estudos da infância em pesquisas de diferentes áreas, como História, Geografia, Filosofia e Sociologia, e que poderiam estabelecer o lugar dos bebês nas ciências sociais. Embora reconheça avanços nas teorias sociológicas em relação às crianças e ao conceito de infância, os bebês continuam ocupando apenas uma condição marginal, na opinião da autora.

Partindo desse preâmbulo e imbuída do desejo de pesquisar os estudos relativos aos bebês, algumas questões foram se apresentando e me instigaram a aprofundar: em que medida os bebês são incorporados nos documentos normativos? Como são conceitualizados nas produções acadêmicas? Que temáticas são discutidas nessas produções? Quais são as metodologias predominantes nesses estudos? Quais são os aportes teóricos recorrentes e os principais resultados das pesquisas analisadas? Na esteira dessa problematização, o objetivo geral desta pesquisa se constitui em analisar as produções acadêmicas (dissertações e teses) que têm como ponto de referência os bebês e os modos pelos quais são incorporados nos documentos normativos.

Como objetivos específicos, proponho verificar em que medida o termo *bebês* aparece de forma expressa nos documentos normativos; descrever como os bebês são referenciados nessas legislações; identificar as temáticas predominantes nas teses e dissertações selecionadas; discorrer sobre as formas pelas quais os bebês são conceitualizados; analisar as abordagens teórico-metodológicas apresentadas e seus principais resultados. Embora os objetivos específicos anunciem as questões a serem privilegiadas, ao dialogar com as produções acadêmicas, outras perspectivas de análise foram surgindo no decorrer do processo de pesquisa, permitindo-me alargar o campo de análise.

Tomando como ponto de partida o objetivo deste estudo, a metodologia adotada apoia-se na pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, pois é considerada a mais apropriada para o tipo de análise que pretendo fazer. De acordo com Gil (1994), a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto. Moreira e Caleffe (2006) salientam que o objetivo principal da

pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi produzido na área em questão, exigindo uma reflexão sobre o que foi consultado. Ao enveredar por esse tipo, Ferreira (2002, p. 258) afirma que a pesquisa bibliográfica assume o papel de:

[...] mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Segundo a autora, as pesquisas bibliográficas são reconhecidas por seu caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que se busca investigar, a partir de categorias e facetas sob as quais o fenômeno passa a ser analisado. Desse modo, por meio dessa metodologia de pesquisa, assumi o desafio de adentrar na interioridade dos documentos normativos e nas produções acadêmicas para analisar questões concernentes aos bebês. A pesquisa bibliográfica reafirma-se “[...] como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44).

Assim sendo, mapeei a produção acadêmica tendo como campo privilegiado a base de dados do portal de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), nos anos de 2010 a 2018, a partir dos descritores: “bebês” AND “educação infantil”, “bebês” AND “infâncias” e “bebês” AND “creche”. O uso desse recorte temporal tomou como referência a publicação da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Dcneis, documento que representa um marco na orientação de políticas públicas e na elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de educação infantil.

A partir de levantamento realizado em *sites* e anais de grupos e instituições que produzem pesquisas na área da educação infantil, identifiquei um total de 48

estudos nos Anais do *Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias* (Grupec)³ e no site da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação* (Anped). Essa busca levou em consideração a data de publicação das Dcneis, em dezembro de 2009, estendendo-se até 2018. Apesar do crescimento quanto ao número de pesquisas sobre a infância no período identificado, consideram-se incipientes as produções que envolvem os bebês, se comparadas com o volume de pesquisas que se referem às crianças com outras idades.

Para o tratamento dos dados, seguindo a trilha de Cordeiro (2019), utilizei o NVivo,<sup>4</sup> que possibilitou arquivar e organizar as informações relevantes para um estudo específico (transcrições de entrevistas, memorandos, imagens, documentos, artigos de jornal etc.). Assim, de acordo com a autora, qualquer parte do documento pode ser codificada em códigos/nós. Os nós podem representar quaisquer categorias, incluindo conceitos, pessoas, ideias abstratas, lugares e outras informações importantes para o processo de pesquisa.

O uso do *software* NVivo permitiu estruturar e apresentar o significativo volume de informações e dados da pesquisa retratados por meio de “nuvens de palavras” ou de “mapas de árvore”, exibindo a frequência de uma determinada informação gerada, como: o autor mais referenciado, a metodologia de pesquisa mais utilizada e as principais evidências contidas nos objetivos gerais de cada pesquisa.

No caso da nuvem de palavras, por exemplo, quanto maior a palavra, maior a frequência de seu uso. No mapa de árvore, a frequência está correlacionada com o tamanho da área reservada para cada item. Quanto maior a área, maior a recorrência, conforme será explicitado no Capítulo 3. Certamente, o NVivo conferiu maior visibilidade aos resultados possibilitando o mapeamento de ideias, a exploração de conexões entre itens, outorgando novas possibilidades de investigação.

Posto isso, além desta introdução e das considerações finais, esta dissertação está dividida em duas partes. Primeiramente, faço uma análise acerca da forma pela qual os bebês são incorporados nas legislações e nos documentos normativos

---

<sup>3</sup> Na busca realizada, não foram encontradas informações sobre os trabalhos apresentados no Grupec realizado em 2012 no Estado de Sergipe.

<sup>4</sup> Foi utilizado o NVivo Pro (versão 12) produto da *QSR International* disponível para download licenciamento no site: <https://portal.myNVivo.com>

materializados em leis, convenções, resoluções, decretos, com relação aos direitos das crianças, assim como aos direitos da educação infantil no Brasil para, em seguida, apresentar o mapeamento das produções acadêmicas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) no campo da educação infantil, no período compreendido entre 2010 e 2018, a partir dos descritores: “bebês” AND “educação infantil”; “bebês” AND “infâncias” e “bebês” AND “creche”.

## 2 OS BEBÊS NAS LEGISLAÇÕES E NOS DOCUMENTOS NORMATIVOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Este capítulo busca identificar em que medida os bebês são incorporados nas legislações materializadas em leis, decretos, resoluções, declarações e em documentos normativos que delineiam as políticas públicas da educação infantil no Brasil.

Uma impactante repercussão na educação infantil brasileira surge a partir da Constituição Federal de 1988. Reconhecida como importante marco no que se refere à educação das crianças pequenas e promulgada em meio ao cenário ulterior à ditadura militar e às grandes lutas pela democratização do país, seu processo de feitura abrangeu intensa mobilização dos movimentos populares pela garantia de seus direitos. Nesse sentido, uma nova ordem social começa a emergir com relação às políticas de atenção à infância, ao reconhecer a criança como cidadã. Nas palavras de Angotti (2006, p.18):

Com a promulgação da Carta Magna em 1988, emerge e se reconhece o estado de direito do cidadão criança, um novo estatuto social deve e terá que ser desenhado para o cotidiano, exigindo investimentos distintos e integrados na consolidação de uma nova ordem social.

Com a Carta Magna, afirmou-se, pela primeira vez na nossa História, a cidadania da criança ao estabelecer que ela é sujeito de direitos desde os primeiros anos de vida. Isso pressupõe que, embora não sejam referenciados de forma expressa no corpo da referida legislação, os direitos dos bebês estão incluídos na Constituição de 1988 que assegura que a criança de 0 a 5<sup>5</sup> anos tem o direito garantido à educação oferecida em creches e pré-escolas.

O art. 208 ratifica: “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de [...]: IV – educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças de até 5 (cinco) anos de idade”. Desse modo, pela primeira vez, também há o reconhecimento de que as crianças de zero a três anos de idade têm direito à educação em creches a serem assegurados pelo Estado. Esse reconhecimento do direito à educação, portanto, é extensivo aos bebês. O art. 7º, XXV, prevê: “São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais além de outros que visem à melhoria de

---

<sup>5</sup> A Emenda Constitucional 53, de dezembro de 2006, limitou a faixa etária para a educação infantil aos cinco anos de idade.



sua condição social: XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré-escolas” (BRASIL, 1988).

Ao ampliar significativamente o proposto pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943, a Constituição criou uma obrigação para o sistema educacional que teve que se equipar para dar respostas a essa nova responsabilidade. Mais uma vez, o direito à educação da criança de 0 a 5 anos de idade é reafirmado ao assegurar a assistência gratuita aos filhos e dependentes dos trabalhadores (homens e mulheres) desde o nascimento até cinco anos em creches e pré-escolas.

O atendimento à infância que antecede a Constituição de 1988 teve predomínio da ação da assistência social desenvolvida por várias instituições, como os asilos infantis (século XIX), as creches, as escolas maternais e os jardins de infância. O diferencial da Carta Magna, de acordo com Cury (1998), reside no fato de não interpretar a criança na perspectiva do amparo ou da assistência, mas na ótica do direito e do dever do Estado. Desse modo, as creches passaram a ser legitimadas como instituições educativas, com direito que se estende às crianças e às famílias trabalhadoras de usufruírem de espaços coletivos para os cuidados e educação de seus filhos. Nesse sentido, conforme afirma Craidy (apud ANDRADE, 2010, p. 91), a Constituição contribuiu para a afirmação de uma nova doutrina em relação à criança e às instituições de educação infantil:

Impunha-se, assim, a partir da Carta Constitucional, a superação da tradição clientelista e paternalista que marca a história do Estado e da sociedade no Brasil. Definiu, ainda, que a creche e a pré-escola são direitos não só da criança como de seus pais trabalhadores, homens e mulheres, e afirmou a natureza educativa da creche e pré-escola.

Outra importante referência na luta pela garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, dentro e fora da escola, é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/90. A proteção integral à criança e ao adolescente garantida por esta lei tem suas bases tanto em documentos internacionais da Organização das Nações Unidas, a exemplo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), como na Constituição Federal (1988) e nas lutas históricas por melhores condições de vida nas fases da infância e adolescência.

Em seu conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro, a criança é entendida como a pessoa de até 12 anos de idade incompletos e adolescente é quem possui entre 12 e 18 anos. O art. 3º reafirma que os direitos da criança devem ser assegurados desde o nascimento, sendo, assim, dever do Estado estabelecer políticas, planos, programas e serviços para a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando a garantir seu desenvolvimento integral.

Art. 3º: A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem (BRASIL, 1990).

Tal documento reafirma o direito à educação para as crianças pequenas em creches e pré-escolas já assegurado na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Por esse motivo, tem-se o ECA como uma prescrição clara do direito baseado na Constituição Federal, uma vez que ratificou, como dever do Estado, garantir o que foi estabelecido desde a Constituição, conforme assevera o art. 54: “É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade;” (ECA, art. 54, IV – Redação dada pela Lei nº 13.306, de 2016). Portanto, os direitos extensivos à educação dos bebês também são expressos nesse ordenamento jurídico visto que a menção do direito à educação se dá a partir do nascimento (idade zero). A esse respeito, Rehem e Faleiros (2013, p. 704) dispõem que:

O artigo mencionado propõe uma mudança valiosa na política para a Educação Infantil, pois estabelece como dever do Estado assegurar espaços institucionais às crianças de 0 a 5 anos. No entanto, esse é um dos grandes desafios para quem milita no campo da defesa dos direitos da infância, pois a realidade ainda não contempla a totalidade das crianças e ainda é grande a diferença entre crianças dessa faixa etária e as de outras faixas etárias que frequentam instituições educacionais.

Dados coletados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018 apontam que, entre as crianças de 0 a 3 anos, 34,2% frequentam a creche<sup>6</sup>. Desse modo, a efetivação do direito dos bebês às creches, direito esse extensivo às suas famílias, ainda deixa a desejar. Por fim, os bebês aparecem de forma expressa no corpo dessa lei ao referir-se à atenção odontológica, de acordo com o art. 14, § 3º:

Art. 14. O Sistema Único de Saúde promoverá programas de assistência médica e odontológica para a prevenção das enfermidades que ordinariamente afetam a população infantil, e campanhas de educação sanitária para pais, educadores e alunos.

§ 3º A atenção odontológica à criança terá função educativa protetiva e será prestada, inicialmente, antes de o bebê nascer, por meio de aconselhamento pré-natal, e, posteriormente, no sexto e no décimo segundo anos de vida, com orientações sobre saúde bucal (BRASIL, 1990).

Embora seja incorporada indiretamente no texto da lei, é notório ressaltar que a palavra bebê aparece uma única vez nos direitos que se remetem à saúde bucal.

Oito anos após a promulgação da Constituição Federal, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), que assegura a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

Essa Lei dá origem à expressão *educação infantil* como a primeira etapa da educação básica e determina que o sistema educacional passe a ofertar o atendimento em creches para as crianças de 0 a 3 anos e em pré-escolas para crianças de 4 a 6 anos, como expresso no art. 21: “A educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio” (BRASIL, 1996). Assegura, como dever do Estado, o provimento de educação em instituições públicas e gratuitas às crianças de 0 a 5 anos de idade, em creches e pré-escolas, o que inclui os bebês, mesmo que tal nomenclatura não apareça nos documentos legais. Importa demarcar que, a partir da LDB, o acesso à educação infantil passa a figurar como uma experiência relevante para o processo de constituição humana.

Passados dez anos da promulgação da LDB, a faixa etária de abrangência da educação infantil foi modificada pela Lei Federal nº 11.274 (BRASIL, 2006), que

---

<sup>6</sup> De acordo com os dados do Censo Escolar 2019, o país registrou um aumento de 4,4% no número de matrículas de crianças de 0 a 3 anos de idade em creches públicas.

determinou o ensino fundamental de nove anos com ingresso a partir dos seis anos. A educação infantil, a partir de então, passou a atender às crianças com idade entre 0 a 5 anos. Outra alteração foi realizada 13 anos depois, com a aprovação da Emenda Constitucional nº 59, de 2009, ao determinar a obrigatoriedade do ensino a partir dos quatro anos de idade. Também em 2009 a educação passou a assumir integralmente o financiamento das instituições de educação infantil no lugar da Assistência Social.

Desse modo, como parte da educação básica, a educação infantil passa a estar sob a responsabilidade política, administrativa e pedagógica das Secretarias Municipais de Educação em todo o território nacional, devendo as creches e pré-escolas exercer a função de cuidar e educar de forma indissociável, superando a concepção de atendimento caritativo para os pobres (CERISARA, 2002). Não se pode negar que tais determinações configuram-se em importantes conquistas para a infância, mas ainda insuficientes em frente ao cenário político, econômico e social, marcado pela desigualdade e descompasso nas garantias legais:

Um descompasso é o acesso desigual à Educação Infantil, ainda mais com a versão de 2013 da LDB, Lei nº 9394/96, que institui, com a Emenda Constitucional 59/09, a obrigatoriedade da matrícula na educação básica de crianças a partir de quatro anos de idade, acirrando uma cisão na Educação Infantil: prioriza-se as crianças maiores, aproximando-as do Ensino Fundamental, principalmente, em termos de proposta pedagógica e critérios de avaliação, e os bebês e crianças pequenas ficam reféns de soluções dúbias para resolver a dívida histórica de acesso à vaga (LAZARETTI; MAGALHÃES, 2019, p. 6).

Gil e Vasconcellos (2018) endossam essa afirmação ao enfatizarem que a Emenda Constitucional nº 59/2009 fragmenta a unidade e a integralidade da educação infantil, deixando a creche frágil perante as outras etapas do nível educativo. Na opinião das autoras, o lugar do bebê na legislação brasileira acaba por permanecer incluído na palavra criança e, nesse jogo semântico, o vocábulo criança é utilizado de forma ampla e as garantias legais destinadas aos bebês tornam-se incorpóreas. Embora afirmem direitos, as legislações acabam invisibilizando os bebês ao generalizá-los como crianças, permitindo, assim, a subjetivação dos seus direitos nos textos legais.

Vale ressaltar que as legislações até aqui analisadas foram um marco na história e na garantia do direito das crianças com idade de 0 a 5 anos às instituições de

educação infantil, pelo menos no âmbito legal. No entanto, paradoxalmente, tais normativas não contemplam o termo bebê.

Em 1998, o Ministério da Educação lançou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Rcnei) (BRASIL, 1998). Com o objetivo de auxiliar o professor de educação infantil no trabalho educativo diário com as crianças pequenas, sua divulgação teve a intenção de oferecer uma base nacional comum para os currículos, apesar de não ter caráter obrigatório. É notório ressaltar que os três volumes que constituem o documento fazem menção aos bebês. Embora não siga a divisão creche e pré-escola como preconiza a LDB, o Referencial adota a mesma divisão, porém por faixa etária:

Este Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil adota a mesma divisão por faixas etárias contemplada nas disposições da LDB. Embora arbitrária do ponto de vista das diversas teorias de desenvolvimento, buscou-se apontar possíveis regularidades relacionadas aos aspectos afetivos, emocionais, cognitivos e sociais das crianças das faixas etárias abrangidas [...]. A opção pela organização dos objetivos, conteúdos e orientações didáticas por faixas etárias e não pela designação institucional — creche e pré-escola — pretendeu também considerar a variação de faixas etárias encontradas nos vários programas de atendimento nas diferentes regiões do país, não identificadas com as determinações da LDB (BRASIL, 1998a).

O volume 2 concentra os objetivos a serem alcançados bem como os conteúdos a serem explorados considerando as particularidades da faixa etária de 0 a 3 anos de idade, na qual estão inseridos os bebês:

A instituição deve criar um ambiente de acolhimento que dê segurança e confiança às crianças, garantindo oportunidades para que sejam capazes de: • experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia; • familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz; • interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene; • brincar; • relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses (BRASIL, 1998b).

- Comunicação e expressão de seus desejos, desagrados, necessidades, preferências e vontades em brincadeiras e nas atividades cotidianas.
- Reconhecimento progressivo do próprio corpo e das diferentes sensações e ritmos que produz.
- Identificação progressiva de algumas singularidades próprias e das pessoas com as quais convive no seu cotidiano em situações de interação.
- Iniciativa para pedir ajuda nas situações em que isso se fizer necessário.
- Realização de pequenas

ações cotidianas ao seu alcance para que adquira maior independência.

- Interesse pelas brincadeiras e pela exploração de diferentes brinquedos.
- Participação em brincadeiras de 'esconder e achar' e em brincadeiras de imitação.
- Escolha de brinquedos, objetos e espaços para brincar.
- Participação e interesse em situações que envolvam a relação com o outro.
- Respeito às regras simples de convívio social.
- Higiene das mãos com ajuda.
- Expressão e manifestação de desconforto relativo à presença de urina e fezes nas fraldas.
- Interesse em desprender-se das fraldas e utilizar o penico e o vaso sanitário.
- Interesse em experimentar novos alimentos e comer sem ajuda.
- Identificação de situações de risco no seu ambiente mais próximo (BRASIL, 1998b).

Contempla ainda as questões de cuidado que dizem respeito ao banho e troca de fraldas:

Os bebês e crianças pequenas que ainda usam fraldas e que permanecem durante muitas horas na instituição educativa podem precisar de um banho, tanto para maior conforto como para prevenção de assaduras e brotoejas. Entretanto é aconselhável que o banho sirva também para relaxar, refrescar, proporcionar conforto e prazer e preservar a integridade da pele. Os professores não devem tolher as brincadeiras e explorações dos bebês ou crianças pequenas com medo de que se sujem. Algumas famílias preferem dar banho em seus bebês em casa e esse desejo deve ser acolhido, desde que respeitado o direito das crianças ao conforto, à saúde e ao bem-estar durante o período em que estão na instituição (BRASIL, 1998b).

A organização do ambiente e o planejamento dos cuidados e das atividades com o grupo de bebês deve permitir um contato individual mais prolongado com cada criança. Enquanto executa os procedimentos de troca, é aconselhável que o professor observe e corresponda aos sorrisos, conversas, gestos e movimentos da criança. Para evitar que esse cuidado individualizado implique num longo tempo de espera para as demais crianças, ou se torne uma rotina mecanizada, é importante considerar o número de bebês sob a responsabilidade de cada professor, a localização e as condições do local de troca e a organização do trabalho (BRASIL, 1998b).

O volume 3 trata dos seis eixos de trabalho orientados para a construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento, quais sejam: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Dentre os objetivos voltados para as crianças de 0 a 3 anos de idade, a partir de cada eixo, estão:

[...] • familiarizar-se com a imagem do próprio corpo; • explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação; • deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras; •

explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para o uso de objetos diversos [...];

- ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais [...];
- ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística;
- utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação [...];
- participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências;
- interessar-se pela leitura de histórias;
- familiarizar-se aos poucos com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com livros, revistas, histórias em quadrinhos etc [...];
- explorar o ambiente, para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, manifestando curiosidade e interesse [...];
- estabelecer aproximações a algumas noções matemáticas presentes no seu cotidiano, como contagem, relações espaciais etc. (BRASIL, 1998c).

A publicação do Rcnei recebeu críticas de vários pesquisadores, entre eles, Cerisara (1999), Kramer (2002) e Palhares e Martinez (2003), no que se refere à forma de elaboração do conteúdo e também pela maneira como foi implementado. Cerisara (1999), por exemplo, fez críticas ao documento ao afirmar ser um retrocesso para a educação infantil no Brasil por exibir uma proposta “escolarizante” para as crianças de 4 a 6 anos e estender essa proposta para as crianças de 0 a 3 anos. Palhares e Martinez (2003, p. 13), por sua vez, demonstraram preocupação com o distanciamento entre o que propunha o Referencial e a realidade instalada:

O Referencial não contempla a questão das diversas camadas sociais. Em especial, na idade de 0 a 3 anos, para a qual se tem um vasto conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, mas pouco conhecimento sistematizado sobre a educação de crianças pequenas em creche, o Referencial parte de uma proposta importante, real para as classes altas, mas não considera a maioria da realidade das creches nas camadas populares – desconhece o valor do trabalho que vem se realizando com esta população.

Apesar de os Rcneis trazerem, em cada um dos três volumes, aspectos relacionados com a educação dos bebês nos espaços coletivos, Cerisara (2003, p. 35) ressalta que o documento em análise “[...] não explicita as diferenças em relação aos recém-nascidos, bebês que ainda não andam, ainda não falam, das crianças que estão tirando as fraldas, das que estão sendo amamentadas e assim por

diante”. A autora salienta que, em frente a essa realidade, a compreensão é de que as propostas pensadas para as crianças menores ficam subordinadas ao que é pensado para as maiores.

As Dcneis (2009), aprovadas 13 anos após a promulgação da LDB (1996), propõem princípios, fundamentos e procedimentos para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares da educação infantil. Abuchaim (2018) destaca que as Diretrizes, ao tratar do currículo da educação infantil, explicitar seus objetivos e definir de forma clara a sua identidade, afirmam a indissociabilidade do cuidado e da educação no atendimento às crianças pequenas.

Além de reafirmarem a educação infantil como direito social e primeira etapa da educação básica, conforme assegurado na LDB, essas Diretrizes contêm orientações e direcionamentos sobre essa etapa em creches e pré-escolas, espaços institucionais, públicos ou privados, que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade. Isso implica pensar nas especificidades e nas características que demarcam a faixa etária dos bebês. Além disso, educação e cuidado aparecem como elementos centrais nas práticas pedagógicas que devem ser permeadas pelas interações e brincadeiras sob a égide dos princípios éticos, políticos e estéticos que visam a direcionar o trabalho educativo. Ao tratar das propostas pedagógicas, cabe destaque ao art. 4º, no qual a criança é o centro do planejamento curricular, entendida como:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Ao assegurar a criança como centro do planejamento curricular, as Diretrizes a assumem como primeiro plano da ação pedagógica, pois levam em consideração os seus saberes, interesses e suas necessidades. Contudo, no que se refere à temática deste estudo, as Dcneis não fazem referência às questões curriculares, em específico, relacionadas com os bebês, apesar de, no Parecer CNE/CEB nº 20/2009 (BRASIL, 2009), documento que antecede a publicação das Dcneis, serem feitas



algumas menções acerca da singularidade da educação e do cuidado das crianças de 0 a 3 anos de idade, sobretudo ao expressar certa preocupação com a educação das crianças dessa faixa etária, ao afirmar que “[...] tem se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches” (BRASIL, 2009). Ao tratar das práticas pedagógicas para as creches e pré-escolas, as Dcneis não especificam as idades que compõem esse universo, deixando essa organização a cargo das instituições.

Nessa perspectiva, Carneiro (2017) enfatiza que as peculiaridades do trabalho com os bebês em creches não são privilegiadas no texto das Diretrizes e cita o documento Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que, de acordo com suas análises, não faz menção aos bebês. Contudo, embora não seja de forma expressa, a atenção aos bebês está inserida nos arts. 3º e 5º:

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009).

Ainda no mesmo ano de promulgação das Dcneis, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica, reeditou o documento *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, sob a coordenação das professoras Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. Publicado pela primeira vez em 1995, esse documento tornou-se, ao longo dos anos, referência clássica para a área ao sistematizar, por meio de 12 critérios, um conjunto de compromissos com as crianças nas instituições de educação infantil, utilizando uma linguagem direta e propositiva, em uma perspectiva que traz o cotidiano e as minúcias do trabalho educativo. Embora se refira à creche, o documento se utiliza da expressão criança ao longo de seu texto. A menção aos bebês se resume às fotos ilustrativas. Desse modo, a referência aos bebês se dá de forma indireta no documento, pois eles estão incluídos na expressão *crianças*.

Nesse rol de legislações, inclui-se o Plano Nacional de Educação (PNE/2014-2024), que define as diretrizes, metas e estratégias para a educação no Brasil para os próximos dez anos, com início em 2014. Pautado em um modelo de educação de qualidade socialmente referenciada, com equidade, promoção das diversidades e gestão democrática, o PNE é considerado a principal política educacional vigente hoje e é constituído por 20 metas e centenas de estratégias, desde a educação infantil até o ensino superior, passando pelo combate ao analfabetismo, pela universalização do atendimento escolar, pela superação das desigualdades educacionais e pela formação, condições de trabalho e valorização dos profissionais da educação.

Tornou-se exigência constitucional, por meio da Emenda Constitucional nº 59, ser construído a cada dez anos e serviu de base para os planos estaduais, distrital e municipais, em um esforço de estimular a colaboração entre os entes federados que podem atuar de forma articulada em prol das metas do Plano. O cumprimento do PNE busca garantir a constituição do Sistema Nacional de Educação (SNE), vinculando suas ações ao percentual do Produto Interno Bruto (PIB) a ser investido na educação.

A Lei nº 13.005/2014, que aprovou o PNE, representa um marco no que se refere ao processo de consolidação da educação infantil no Brasil. Em sua primeira meta, o plano determina a universalização da pré-escola para as crianças de 4 e 5 anos de idade até 2016 e a ampliação da oferta em creches, de forma a atender, no mínimo, 50% das crianças de até três anos até 2024.

Essa meta compõe-se de duas partes distintas porque apenas a matrícula em pré-escola tem caráter obrigatório. A educação dos bebês é restrita à ampliação da oferta. Nesse sentido, vale ressaltar as graves consequências sofridas no que se refere ao cumprimento das metas, em virtude da Emenda Constitucional nº 95/2016, conhecida como a Emenda do *Teto dos Gastos Públicos*, que limita por 20 anos os gastos públicos.

Pellanda (2020), ao discorrer sobre as consequências geradas à educação pela EC 95, assevera que já se contabiliza uma perda de R\$ 99,5 bilhões (USD 20 bilhões), R\$ 32,6 bilhões só em 2019 (USD 7 bilhões), segundo cálculos da Campanha

Nacional pelo Direito à Educação. De acordo com a mesma autora, já se passaram quatro anos desde a sua aprovação e, nesse tempo, seus efeitos foram muito graves. A principal consequência foi a inviabilização da implementação do PNE 2014-2024. A autora assevera, ainda, que “A EC 95 asfixia não só o PNE vigente hoje, como também o próximo, que deverá ter vigência entre 2025-2035, já que o Teto é de 20 anos, ou seja, até 2036” (PELLANDA, 2020).

O ponto de tensão instaurado diante de tal cenário, no que se refere ao objeto deste estudo, resume-se à impossibilidade de ampliação de vagas para a creche até 2024, logo ao atendimento dos bebês diante da previsão de diminuição de orçamento para os municípios, uma vez que, para alguns, o desafio de ampliação é enorme.

Outro importante documento é a Base Nacional Comum Curricular<sup>7</sup> (BNCC), homologada em 2017, que propõe para a educação infantil as competências gerais distribuídas entre os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento e os Campos de Experiência. Tais Campos de Experiência são apresentados subdivididos nas faixas etárias – bebês (0 - 1a 6m), crianças bem pequenas (1a7m - 3a11m) e crianças pequenas (4a - 5a11m) e nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Mota (2019), em trabalho apresentado na 39<sup>o</sup> Reunião da Anped, afirma que, em sua versão final, a BNCC chama a atenção para o fato de que a palavra *bebês* aparece apenas no detalhamento dos objetivos de aprendizagem, cuja organização se divide em três grupos segundo a faixa etária, no qual os bebês têm idade compreendida entre 0 e 1 ano e 6 meses. Consta apenas uma vez no texto escrito que fundamenta a etapa da educação infantil:

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula **educar e cuidar**, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas

---

<sup>7</sup> O processo de elaboração da BNCC, homologada pelo MEC em dezembro de 2017, envolveu três versões. Baseado em muitas tensões e questionamentos em meio às ações políticas e econômicas do Governo Federal que levaram ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, conforme acenado por Barbosa, Silveira e Soares (2019), ao contrário da segunda versão, não houve escuta efetiva das entidades representativas da educação básica em frente à terceira versão: “[...]. As entidades organizadas e universidades, os movimentos sociais, os pesquisadores e professores se posicionaram contrários à metodologia pela qual ela foi construída, considerando o curto prazo para o aprofundamento dos debates acerca do seu conteúdo e suas consequências para o campo educacional, incluindo a formação de professores” (BARBOSA; SILVEIRA; SOARES, 2019, p. 82). Apesar da ampla e calorosa discussão acerca da legitimidade da BNCC, pela interferência do estado e revisões em crescente dissintonia com um processo de participação democrática dos grupos interessados, o documento foi promulgado.

crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2017, *grifo nosso*).

Na visão da pesquisadora, esse aspecto acaba por reforçar a ênfase dada na BNCC às competências e habilidades a serem desenvolvidas, em detrimento da discussão acerca das especificidades de cada faixa etária que corresponde à educação infantil. Vitta, Cruz e Scarlassara (2018, p. 70), por sua vez, asseveram que a BNCC:

[...] traz um foco maior que documentos anteriores à educação dos bebês, apresentando objetivos de aprendizagem que vão além dos cuidados, porém ainda pouco instrumentais no que tange a metodologias aplicáveis para se atingir a indissociabilidade de cuidado e educação, ficando esse papel a cargo das instituições e profissionais.

Nessa perspectiva, a BNCC pretende apresentar aos profissionais da educação um ponto de partida para a organização curricular que atenda ao trabalho nas instituições de educação infantil. Com relação à dicotomia cuidado x educação que envolve a identidade da creche, em específico o atendimento aos bebês, as autoras alertam sobre a necessidade de sua incorporação e discussão durante a organização da proposta pedagógica em cada instituição, ficando a cargo dos profissionais a importância de levar em consideração as questões que dizem respeito à proposta pedagógica no contexto da educação dos bebês de 0 a 18 meses, à rotina do atendimento a essa faixa etária e suas características específicas, bem como à especificidade da docência, buscando articulação com os objetivos definidos privilegiados na BNCC.

A partir das análises empreendidas, corroboro o pensamento de Barbosa (2010, p.1) ao afirmar que “[...] até hoje as legislações, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia educacional privilegiaram a educação das crianças maiores”. Desse modo, cumpre-nos reconhecer que o movimento dos documentos normativos no campo da educação infantil possui desafios a serem superados, uma vez que os bebês são pouco ou nada referidos. A palavra *bebê* nesses documentos,

no que concerne ao atendimento em creches, não aparece. Essa ausência se estende, inclusive, aos documentos mais abrangentes internacionais ou nacionais.

A palavra *bebê* não é encontrada na Constituição Federal (BRASIL, 1988) e nem na LDB/1996. Quanto ao ECA/1990, aparece apenas uma vez (art. 14, § 3º), referindo-se à atenção odontológica. Ao alterar a forma de busca para a faixa etária, no ECA (BRASIL, 1990, art. 54, IV) e nas Dcneis (BRASIL, 2009, art. 3º), encontramos a menção do direito à educação a partir do nascimento (idade zero).

Rosemberg e Mariano (2010), em estudo realizado a respeito da Convenção sobre os Direitos das Crianças (CDC), enfatizam, por exemplo, que a criança da Convenção também tem uma idade privilegiada que, em suma, não é a pequena infância na qual estão situados os bebês. Nesse sentido, tornar efetivos os direitos solenemente declarados, tanto em discursos das Nações Unidas como na legislação nacional, é um desafio político puramente atravessado por impasses. Afinal, o reconhecimento legal não garante automaticamente a efetiva materialização desses direitos. Essa materialização torna-se ainda mais incerta uma vez que a invisibilidade dos bebês no corpo da lei é o primeiro dos impasses.

### 3 OS BEBÊS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Analisar as produções acadêmicas (dissertações e teses) que têm como ponto de referência os bebês me possibilitou apreender as formas pelas quais sua inserção se dá nos estudos acadêmicos. As contribuições oriundas das pesquisas identificadas revelam que, embora o tema tenha conquistado notoriedade na educação, o reconhecimento dos avanços e desafios que permeiam a pesquisa com e sobre os bebês sugere que ainda há muito por discutir. Cabe reconhecer o longo caminho a ser percorrido a partir do observar, ouvir, estar junto e aprender com os bebês da educação infantil.

Portanto, na busca de uma maior proximidade com o tema a ser pesquisado, neste capítulo, foi realizada uma busca sistemática da produção acadêmica na base de dados disponível na Biblioteca Digital Brasileira de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), no período compreendido entre 2010 e 2018,<sup>8</sup> no campo da educação. O uso desse recorte temporal levou em consideração a publicação da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Dcneis, documento orientador de políticas públicas no planejamento, elaboração, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de educação infantil. Para o levantamento das pesquisas no site da Capes, foram privilegiados os descritores “bebês” AND “educação infantil”; “bebês” AND “infâncias”; “bebês AND “creche” dos quais foram identificados 118 estudos distribuídos em 89 dissertações de mestrado e 29 teses de doutorado de diferentes Programas de Pós-Graduação. A pesquisa inicial envolveu o descritor “bebês” AND “educação infantil” (APÊNDICE A, Quadro 2) e resultou em 75 dissertações de mestrado e 27 teses de doutorado. Em um segundo momento de busca (APÊNDICE B, Quadro 3), baseada nos descritores “bebês” AND “infâncias” foram encontradas seis dissertações de mestrado. Por fim, a terceira busca teve como descritores “bebês” AND “creche”, na qual foram identificadas (APÊNDICE C, Quadro 4) oito dissertações de mestrado e duas teses de doutorado.

O número reduzido de pesquisas nos dois últimos filtros deve-se ao fato de que muitos trabalhos já constavam no primeiro descritor. As impressões iniciais em frente

---

<sup>8</sup> A busca no site da Capes e sistematização dos dados analisados neste capítulo se deu em 2018. A título de informação, a partir dos mesmos descritores, foram encontradas 14 pesquisas realizadas no ano de 2019, dentre as quais um total de oito estudos contém em seu conjunto de palavras-chave a palavra bebê.

aos estudos identificados possibilitaram observar a periodicidade de trabalhos em nove anos. De um modo geral, há que se ressaltar o crescimento de produções acadêmicas em torno do tema *bebês* no campo da Educação (Tabela 1) desde a publicação das Dcneis.

Tabela 1 – Número de pesquisas realizadas por ano

Ano	Dissertações	Teses	Total
2010	6	-	6
2011	9	4	13
2012	4	-	4
2013	8	3	11
2014	10	4	14
2015	13	4	17
2016	8	2	10
2017	14	6	20
2018	17	6	23
<b>TOTAL</b>	<b>89</b>	<b>29</b>	<b>118</b>

Fonte: Elaboração da pesquisadora com base no banco de dados da Capes.

O maior volume de pesquisas realizadas se concentrou no ano de 2018. Embora tenha havido um aumento quanto ao número de pesquisas por ano, é interessante observar um decréscimo no que se refere às produções defendidas em 2012 e 2016, tanto de dissertações quanto de teses.

A primeira aproximação com as 118 pesquisas identificadas se deu por meio da leitura dos resumos. Desse modo, a seguir, foi possível traçar um panorama acerca dos principais objetivos propostos bem como dos resultados obtidos nos estudos. Berbel (2017), por exemplo, em sua pesquisa intitulada *O trabalho docente na primeira etapa da educação infantil: as interações com o mundo letrado*, teve como objetivo descrever as práticas pedagógicas de professoras que atuam nos três anos iniciais da educação infantil. Os resultados indicaram que o caráter pedagógico ainda não se encontra plenamente consolidado nos três primeiros anos da educação infantil e que a formação inicial do pessoal docente carece de ajustes, tornando relevantes as ações relativas à formação continuada, fazendo-se necessário,

sobretudo, determinar qual é o papel do professor nessa fase da escolaridade, de modo a definir esse espaço de docência.

Em sua dissertação de mestrado, denominada *Manifestações afetivas nas concepções e práticas educativas no contexto da creche: reflexões a partir da perspectiva walloniana*, Cacheffo (2012) teve por objetivo investigar as concepções de afetividade – emoção, sentimento e paixão – de professoras de uma creche universitária e identificar como elas lidam com as manifestações afetivas das crianças, buscando dar visibilidade às práticas educativas que favoreçam o desenvolvimento infantil.

Os dados categorizados revelaram que as concepções de afetividade e suas manifestações são definidas com base nas relações de interação que as professoras estabelecem com as crianças e que emoção, sentimentos e paixão são considerados sinônimos por parte das professoras analisadas. No que concerne às práticas educativas, constataram-se episódios que evidenciaram posturas e estratégias adequadas para lidar com as manifestações emocionais dos bebês e das crianças pequenas e episódios em que as professoras foram contaminadas pelo “circuito perverso”.

As interações entre criança-criança, fundamentais para o desenvolvimento psicológico infantil, são permeadas constantemente pela mediação das professoras, apontando a necessidade do planejamento de situações que afetem positivamente as crianças. Assim, de acordo com a pesquisadora, o professor, como mediador qualificado e promotor de interações, precisa ter subsídios teóricos para compreender que o desenvolvimento afetivo, na perspectiva walloniana, é composto por uma gama de manifestações que possibilita à criança se constituir como pessoa de modo integral.

Em sua tese intitulada *Afetividade na creche: construção colaborativa de saberes e práticas docentes a partir da teoria walloniana*, Cacheffo (2017) objetivou realizar um curso de formação continuada em serviço, com base nos pressupostos teóricos wallonianos, para construir, de modo colaborativo, com as professoras de creche do município de Pirapozinho/SP, saberes e práticas para subsidiar o trabalho com a afetividade do bebê e da criança pequena (4 meses a 3 anos e 11 meses). A partir da recolha e análise dos dados, constatou que o estudo sistematizado sobre a



dimensão afetiva é uma lacuna na formação inicial das professoras investigadas e que, embora elas apontem que sua função é cuidar e educar a criança, em suas justificativas, a maternagem comparece como um dos aspectos constituintes da identidade da professora de creche.

Tormin (2014), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Dubabi Du: uma proposta de formação e intervenção musical na creche*, teve por objetivo investigar como as professoras de creche de um Centro de Educação Infantil da cidade de São Paulo utilizam a linguagem musical com os bebês e se suas ações propiciavam ou não aprendizagem e desenvolvimento musical infantil. Ao final do processo, foi possível concluir que a proposta de oferecer uma aprendizagem que conduza ao desenvolvimento musical infantil é também possível de ser realizada em creches públicas. Para tanto, sugere que se invista na formação musical continuada e no desenvolvimento potencial do professor dentro de uma perspectiva de Formação em Contexto.

Em seu estudo, denominado *Cultura newborn: a pequena infância na cultura do consumo e da performatividade*, Teixeira (2015) analisou a relação entre a cultura *newborn* e a cultura do consumo e performatividade. A partir das análises, foi possível observar que os principais sujeitos envolvidos na cultura *newborn* são modelados pela cultura do consumo e da performatividade. As condutas do fotógrafo estão atravessadas pelo consumo em diferentes momentos da sua carreira – desde os cursos que precisa fazer até o constante investimento em equipamentos e produções, ao passo que suas performances o incitam sempre a apresentar uma versão atualizada de si mesmo. A mãe destaca-se como a principal endereçada na cultura *newborn*, a quem são direcionadas as setas do consumo. Ao realizar álbuns fotográficos, de certa forma, ela insere o seu bebê na cultura da performatividade, garantindo que se torne um produto bastante valorizado, que o diferencia e o distingue.

A pesquisa realizada por Salgado (2018), intitulada *Educadoras de bebês: desafios na construção da identidade profissional*, teve por objetivo compreender como as educadoras de bebês da Rede Municipal de Educação da cidade de São Caetano do Sul/SP constituem sua identidade profissional. Os resultados evidenciaram um

modelo de atendimento exclusivamente assistencialista nos primeiros anos dos berçários no município.

Diante das demandas que surgiam no dia a dia, as educadoras foram construindo seus fazeres e saberes, apoiadas em conhecimentos do senso comum e também naqueles adquiridos em formações em serviço planejadas e desenvolvidas por diretoras e professoras das próprias unidades educacionais que buscavam qualificar o trabalho.

O Projeto Bebê 2000, considerado pelas educadoras como a primeira ação formativa dedicada às auxiliares, promoveu a reorganização dos espaços dos berçários, trazendo uma nova concepção de atendimento que passou a compreender a potência dos bebês como seres que se relacionam por meio de muitas linguagens. No entanto, a pesquisa revelou que a atuação de profissionais sem formação em magistério nos berçários produziu um contexto no qual as educadoras assumem atribuições de auxiliares e de docentes, em que se observa uma dicotomização do cuidar e educar presente nos relatos das educadoras que classificam as práticas como pedagógicas e não pedagógicas. As últimas referem-se aos cuidados com alimentação e higiene.

Em sua pesquisa intitulada *Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil*, Aguiar Júnior (2017) analisou o que acontece nas escolas de educação infantil, mais especificamente em berçários, quando há presença de professores do sexo masculino. Os resultados obtidos permitiram confirmar as hipóteses, segundo as quais professores de educação infantil atuantes em Centros de Educação Infantil sofrem preconceito por parte da comunidade escolar nas esferas pessoal (orientação sexual, temperamento e conduta social) e profissional (competência técnica, formação, experiência com a faixa etária e motivos que os levaram a escolher a carreira).

Os resultados também apontaram que o sistema educacional ainda não está preparado para receber tal profissional e dar suporte aos envolvidos, já que não há ações específicas para acolhimento e orientação desses profissionais em sua atuação nas creches.

O estudo desenvolvido por Lucca (2018), *A rotatividade de professores na educação infantil: e as crianças como ficam?*, teve por objetivo investigar formas de minimizar

os efeitos gerados pela rotatividade de professores na educação infantil, em relação ao estabelecimento de vínculos afetivos – seguros – com os bebês e as crianças, sem que haja ruptura brusca que comprometa o seu desenvolvimento. A partir das análises realizadas, foi possível constatar que a unidade escolar tem um elevado índice de rotatividade no decorrer de cada ano letivo. A organização política relativa à contratação, ao encerramento ou à remoção do quadro docente não está alinhada às necessidades desses bebês e das crianças, pois ocorre de forma desenfreada e em diversos momentos do ano letivo.

Em seu estudo, intitulado *A judicialização na expansão das vagas em creches: o diálogo entre Poder Judiciário e Poder Executivo*, Inafuku (2017) teve por objetivo estudar o processo de judicialização das vagas em creches e o diálogo entre o Poder Judiciário e o Executivo. Além disso, buscou investigar como ocorreu o processo de judicialização de expansão de vagas nas creches da rede no município de São Paulo, a partir da sentença que determinou que a Prefeitura de São Paulo matriculasse 150 mil crianças em creches e pré-escolas em 2013.

Dentre os resultados, constatou que a garantia do acesso dos bebês de 0 a 3 anos em creches ainda não é universalizada e há uma proposição utilizada especialmente pelo Poder Executivo municipal de que o acesso à creche não é um direito público subjetivo, motivo pelo qual ocorreu no município de São Paulo uma ampliação de ações civis no Ministério Público e Defensoria Pública para solicitação de vagas em creches, que culminou com a condenação do município a inserir 150 mil crianças.

A resposta do município para cumprir a sentença se deu, majoritariamente, por meio de creches conveniadas ou indiretas, o que suscita preocupações com relação à qualidade e equidade do atendimento. Concluiu que é necessário não somente um olhar direito à vaga dos bebês, mas também é importante atentar para a qualidade do atendimento, em especial, para o acolhimento de cerca de 75 mil bebês que foram inseridos nas creches como fruto da expansão judicializada nos últimos três anos (SÃO PAULO, Acórdão 2013).

Nanaka (2018), em sua pesquisa intitulada *Contribuições da formação continuada a professores de crianças de zero a três anos*, teve como objeto de investigação a formação continuada dos professores dessa faixa etária de um Centro de Educação Infantil de Curitiba, cujo objetivo buscou identificar contribuições e pontos frágeis da

formação continuada sobre o conhecimento e o uso da documentação pedagógica. Os dados revelaram que a formação continuada contribuiu para a visibilidade da criança e do professor, por meio dos estudos e discussões sobre a documentação pedagógica que possibilitaram mudança no olhar das professoras não só sobre si mesmas, quando assumem a autoria do trabalho e atribuem sentido ao fazer pedagógico, mas também quando passam a conceber a criança de um novo modo.

A pesquisa intitulada *A formação continuada do professor de educação infantil numa perspectiva da autoria por meio de ateliês biográficos*, realizada por Santos (2018), teve por objetivo propiciar ao professor de educação infantil um exercício reflexivo do seu papel profissional como protagonista da ação docente, visando à formação continuada e à formulação de princípios norteadores que possam contribuir no projeto de formação de professores em um CEI da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. A partir da análise, esse estudo propôs princípios norteadores para um projeto de formação que atendesse às necessidades individuais de educadores, respeitando o espaço coletivo na unidade escolar, fazendo cumprir a legislação educacional e, principalmente, contribuindo para mudanças nas práticas pedagógicas de professores e para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem construídos com bebês e crianças na educação infantil.

Moura (2018), em sua tese intitulada *Interações e brincadeiras vivenciadas por crianças de um e dois anos na educação infantil*, teve por principal objetivo analisar modos como crianças bem pequenas – com 1 e 2 anos de idade – vivenciam as interações e as brincadeiras na educação infantil. O estudo possibilitou construir uma resposta à questão de partida e corroborar o pressuposto de que as crianças bem pequenas vivenciam, cotidianamente, em condições diversas, por vezes adversas, interações e brincadeiras, em situações das quais participam em posições diferentes no movimento das relações. As crianças bem pequenas (inter)agem com/sobre as outras e com/sobre os adultos por meio tanto da oralidade – ainda que em produções bem iniciais – como de olhares, expressões, gestos, movimentos, choros, entre outras manifestações que assumem o caráter de meio de comunicação. Quanto à brincadeira, tanto a frequência, quanto a significação das situações vivenciadas revelaram a ausência de mediação intencional das professoras.

Monteiro (2014) realizou a pesquisa *O brincar do ponto de vista das crianças: uma análise das dissertações e teses do portal Capes (2007 a 2012)*, cujo objetivo consistiu em analisar as dissertações e teses na área da educação infantil, publicadas entre os anos de 2007 e 2012, que focalizassem os pontos de vista das crianças em relação ao brincar. Os resultados demonstraram que as pesquisas com crianças têm utilizado diversos instrumentos metodológicos que buscam captar sua voz com comprometimento ético. Demonstrem ainda que as pesquisas estão muito voltadas ao ambiente escolar e, nesse contexto, são perceptíveis as limitações de tempos e espaços para brincar, sobretudo nas escolas públicas.

Fontana (2015), em sua tese intitulada *As pedagogias online do complexo kids: crianças, mães e pais em conexão*, objetivou indicar “pedagogias” colocadas em operação nos artigos postados na seção *MyKids – Conectados com seus filhos* – voltadas ao gerenciamento das atitudes das crianças a cujas mães e pais está endereçada a seção *MyKids*. Constatou que esses artigos focalizam uma grande diversidade de temáticas, bem como de representações de crianças. Essas representações de crianças são (re)criadas nas pedagogias acionadas nos artigos da *MyKids* (e nas outras seções do site) em um mix de lições que descrevem, exemplificam, explicam, delimitam e projetam condutas desejáveis para as crianças que vivem nos dias atuais. As considerações feitas nos artigos examinados projetam a “felicidade” das crianças para o futuro.

Em sua pesquisa denominada *A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas*, Pecker (2017) teve por objetivo compreender a gênese da formação do conhecimento novo na performance musical de instrumentos de percussão com bebês. O trabalho apoiou-se teoricamente na Epistemologia Genética de Jean Piaget e inspirou-se no Método Clínico como metodologia de pesquisa. Os resultados da investigação proporcionaram uma melhor compreensão das condutas musicais infantis e fomentaram a reflexão do educador sobre sua prática pedagógico-musical, visando a situações de aprendizagem significativas e que vão ao encontro das possibilidades cognitivas das crianças.

Carneiro (2017), em sua pesquisa intitulada *Currículo para bebês no contexto da creche: concepções, práticas e participação das crianças*, objetivou analisar o currículo em desenvolvimento para crianças na faixa etária de 4 a 18 meses em

turmas de Berçário, no contexto de uma creche pública municipal no Estado do Ceará.

A análise dos dados revelou, entre outros aspectos: a inexistência de um currículo para bebês na proposta pedagógica sistematizada da creche pesquisada; a ausência de um planejamento intencional para a maioria das atividades que acontecia no berçário; a dificuldade das educadoras de perceber a especificidade do trabalho a ser realizado com os bebês, considerando suas particularidades e seu potencial para aprender ativamente; uma suposta dissociação entre cuidado (entendido como atividades para o atendimento das necessidades corporais) e educação (compreendida como atividades que visam a desenvolver apenas o aspecto cognitivo das crianças); o conhecimento advindo da “maternidade” visto como necessário para atuar com os bebês; a indiscutível capacidade dos bebês de participar das situações que acontecem no espaço coletivo, mesmo quando as condições oferecidas não fazem jus ao seu potencial criativo, comunicativo e interacional.

Pens (2015), por meio de seu trabalho intitulado *O simbolismo da criança e a criança como símbolo: abandonos e sopros de vida na emergência de educar-se na Copame*, teve como objetivo compreender como os bebês e as crianças bem pequenas simbolizam a dinâmica do abandono na relação com suas cuidadoras. O resultado da interação da pesquisadora com as crianças evidenciou algumas emergências simbólicas demonstradas em eventos repetitivos que possibilitaram perceber os processos de abandonos e sopros de vida vivenciados pelas crianças.

Pereira (2015), em sua tese intitulada *Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto na educação infantil*, objetivou compreender os processos de socialização vividos por nove bebês, com 4 meses a 1 ano e meio de idade, e três educadoras em uma escola de educação infantil do Rio Grande do Sul. As análises ressaltaram as ações dos adultos que buscam inserir os bebês na cultura, e as ações dos bebês entre eles e suas produções. Com relação às ações dos adultos, constatou que estão diretamente articuladas ao momento histórico que a educação infantil vive no país. Um momento marcado pelo rompimento das concepções assistencialistas de creche, pela intenção latente de escolarização, bem como pela busca por formas específicas de Pedagogias para e com os bebês. Com

relação às ações dos bebês, a pesquisa evidenciou que eles se transformavam por meio da apropri(ação) de sua particip(ação) contínua nas atividades, que, por sua vez, contribuíam para as transformações em suas comunidades culturais.

Duarte (2012), em sua dissertação *As reações das educadoras diante dos bebês e suas demandas no cotidiano das creches*, teve como objetivo conhecer as principais demandas das crianças na creche; identificar as reações das professoras no cotidiano da creche; caracterizar as ações utilizadas pelas professoras ao lidar com as demandas das crianças; observar as principais dificuldades das professoras para atender às necessidades das crianças. Os dados indicaram que as crianças demandam de suas professoras interações regulares, espontâneas, ativas e também são ávidas por atenção, necessitam explorar individual e coletivamente e vivenciar momentos lúdicos. Para tal, as crianças precisam de incentivo do educador para mediar suas iniciativas em seus desafios, tentativas, acertos, erros e incidentes.

Em sua pesquisa intitulada *Da família à creche: narrativas de mães sobre processos de transição de seus bebês*, Fernandes (2014) buscou descrever e interpretar narrativas de mães acerca dos processos de transição de seus bebês do contexto familiar à creche. A análise dos dados identificou duas categorias explicativas da transição, a saber: socialização e eventos preparatórios para a inserção do bebê na creche. Dessa forma, foi possível concluir que as mães buscam instituições educativas como parceiras na educação e cuidado de seus bebês, motivadas pela socialização que promovem. Igualmente, o momento de inserção é de fundamental importância para as mães e requer preparação antecipada e contínua para vivenciarem o processo de transição de seus bebês.

Novaes (2018), por meio de sua pesquisa *Construindo vínculos e compartilhando experiências: educação infantil de zero a três anos e o trabalho com as famílias*, teve como objetivo investigar um centro de educação infantil municipal inaugurado em pleno processo de transição entre as Secretarias, cujo trabalho com as famílias apresentava uma trajetória reconhecida em sua região e entre os educadores que acompanharam seu percurso. Diante da análise dos dados coletados, pôde concluir que o trabalho de qualidade com as famílias e responsáveis de crianças que frequentavam a instituição educativa resultou de um conjunto de práticas

construídas gradativamente a partir de um trabalho reflexivo de avaliação, retomada de ações significativas e diálogo constante entre gestores, docentes, equipe de apoio à educação e familiares, e da observação das necessidades e interesses de bebês e crianças.

A pesquisa realizada por Pantalena (2010), intitulada *O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais*, teve por objetivo observar, descrever e compreender o processo de adaptação na instituição infantil e verificar se a voz dos bebês é considerada na adaptação. A análise dos dados evidenciou relações de caráter didático, interações lúdicas pouco planejadas e ausência de escuta da voz da criança. As tensões e carências observadas são reflexo de uma formação inicial e continuada que não contempla o estudo da formação dos vínculos no âmbito de uma instituição educacional.

Delbon (2018), ao realizar a pesquisa *A documentação pedagógica como reveladora do currículo na creche*, teve por objetivo identificar e analisar se a documentação pedagógica sistematizada pela professora proporciona evidências do currículo destinado a uma turma do Maternal I de uma creche de Rio Claro/SP e visibilidade ao trabalho da docente. Os resultados obtidos indicaram que a documentação pedagógica elaborada pela professora foi capaz de dar visibilidade ao seu trabalho pedagógico, porém tal visibilidade ocorreu de maneira parcial, tendo em vista a necessidade de aprimoramento dos registros reflexivos da docente. As conclusões remetem à necessidade de se sensibilizar professores e equipe gestora que trabalham em creches sobre a importância do registro sistemático, cuidadoso, reflexivo e formativo que permita promover, de maneira consciente e intencional, o desenvolvimento das crianças e que, ainda, sirva como troca de saberes e experiências em estudos com outros docentes que estejam se constituindo como profissionais na especificidade que é o trabalho com crianças bem pequenas.

A pesquisa denominada *O desenvolvimento das funções psíquicas superiores de crianças de zero a três anos: a atenção e a memória: uma análise histórico-cultural*, realizada por Faria (2013), objetivou identificar conceitos da Teoria Histórico-Cultural que possam auxiliar na atividade docente com crianças de 0 a 3 anos para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores da atenção e da memória. Os resultados ratificaram que o desenvolvimento infantil dos bebês não é universal e



não depende apenas das bases biológicas humanas. As relações sociais são cruciais para o desenvolvimento humano. A educação escolar é a principal responsável pelo êxito dos processos de aprendizagem e desenvolvimentos infantis nos dias atuais. Portanto, o ensino deve ser intencional e planejado, levando em conta as especificidades do desenvolvimento infantil e, ainda, proporcionando condições ambientais seguras e com variedade de experiências culturais e intelectuais que promovam o desenvolvimento psíquico de crianças de 0 a 3 anos.

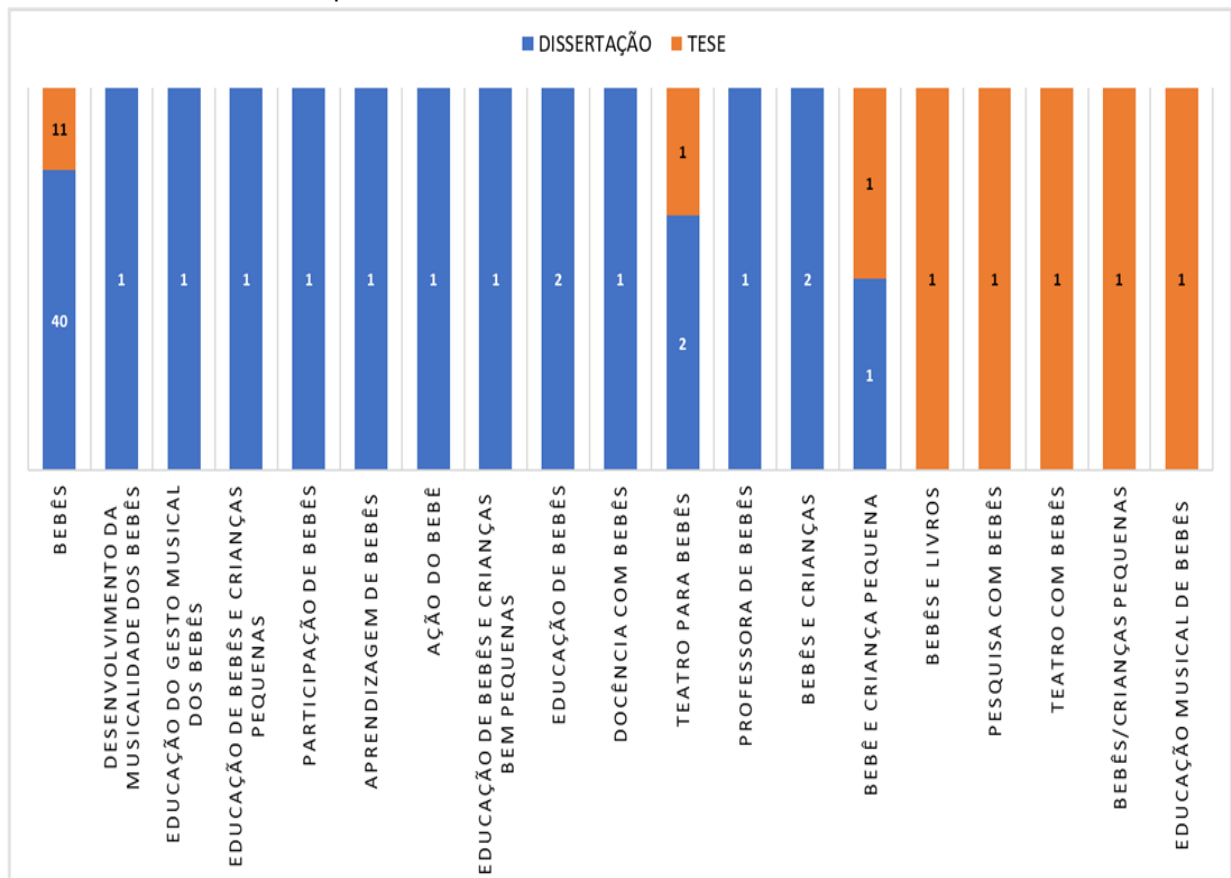
A pesquisa *Berçário como lugar: significações segundo profissionais de educação infantil das unidades de atendimento à criança de até três anos no município de Cuiabá*, realizada por Silveira (2013), cujo objetivo foi identificar as significações compartilhadas por um grupo de profissionais de educação infantil que atuam nas creches da rede municipal de ensino acerca do berçário como lugar de trabalho, evidenciou, dentre os principais resultados, que as representações sociais do grupo estudado objetivam o berçário como lugar de guarda e proteção, remetendo à sua concepção historicamente construída. Quanto ao profissional de educação infantil, os significados partilhados pelo grupo ancoram-se mais fortemente na imagem de uma segunda-mãe, que apresenta características atribuídas a uma babá competente. A imagem de uma professora de bebês surge na figura da educadora, anunciando a presença de novos significados conferidos a esse profissional.

A dissertação de mestrado, intitulada *PEI egressos da Uerj no facebook: uma busca pelas falas a respeito dos saberes e práticas no berçário carioca*, realizada por Zadminas (2016), analisou os saberes e as práticas que professores de educação infantil, egressos do Curso de Pedagogia da Universidade do Rio de Janeiro, trouxeram de conhecimento construído na graduação para realizar o trabalho cotidiano com bebês. Os resultados apontaram que o Curso de Pedagogia da Uerj possui lacunas no que tange às disciplinas que subsidiam a prática com bebês, bem como no que se refere à relação entre o agente de educação infantil e o professor de educação infantil X cuidar e educar, como também à dificuldade de atuação desse professor no berçário.

Desse modo, feita a apresentação de algumas das pesquisas identificadas, é relevante destacar que, ao proceder às leituras de forma mais aprofundada, observei as palavras-chave reservadas a cada pesquisa nas quais a palavra *bebês* possuiu a

maior prevalência (61%), seguida das palavras *educação infantil* e *creche*. Vale ressaltar que, embora as 118 pesquisas identificadas versem sobre a temática *bebês*, 46 trabalhos não incluem esse termo em suas palavras-chave<sup>9</sup>. Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, optei por privilegiar os 72 estudos que incluem no rol de suas palavras-chave a palavra *bebês*. O Gráfico 1 demonstra a recorrência à palavra *bebês* bem como as formas pelas quais se apresenta na estrutura das palavras-chave.

Gráfico 1 – Recorrência da palavra-chave *bebês*



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

A palavra *bebês* compõe o rol das palavras-chave ora isoladamente, ora articulada a outros termos conforme apresentado no gráfico. Portanto, a seguir (Quadro 1), apresentarei a relação de pesquisas que foram foco das análises propostas para este estudo bem como o conjunto de palavras-chave reservada a cada uma. Ao todo

<sup>9</sup> As palavras-chave visam facilitar a recuperação eficiente do conteúdo de um texto para os leitores. Elas atuam como porta de acesso ao texto já que são ferramentas fundamentais para a indexação nas bases de dados. Sendo assim, a escolha estratégica e cuidadosa das palavras-chave deve considerar as sinônimas do conteúdo do texto (GARCIA e GATTAZ, 2019).

são 55 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado, totalizando 72 pesquisas acadêmicas.

Quadro1 – Relação de pesquisas cujo termo *bebês* consta no rol de palavras-chave (continua)

<b>Dissertações</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavras-chave</b>
1 Bebês, por entre vivências, afordâncias e territorialidades infantis: de como o berçário se transforma em lugar	Iury Lara Alves	Bebês. Educação. Espaço. Histórico cultural
2 Batuca bebê: a educação do gesto musical	Carla Patrícia Carvalho de Amorim	Desenvolvimento da musicalidade dos bebês. Educação do gesto musical dos bebês. Educação musical. Música corporal. Perspectiva histórico-cultural
3 Escuta estética/poética na creche: encontros musicais com bebês e crianças pequenas	Clarice de Campos Bourscheid	Educação de bebês e crianças pequenas. Música. Estética. Poética. Creche. Educação infantil
4 Currículo para bebês no contexto da creche: concepções, práticas e participação das crianças	Maria Crelia Mendes Carneiro	Creche. Currículo. Participação de bebês
5 “Agora quando eu olho pra ele, ele sorri pra mim, porque a gente começou a ser amigo”: o que fazem juntos bebês e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil	Carolina Machado Castelli	Bebês. Crianças. Educação infantil. Relações multietárias. Currículo
6 A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil	Joselma Salazar de Castro	Bebês. Educação infantil. Linguagem. Comunicação
7 O aprender do bebê: representações sociais segundo acadêmicos de pedagogia da UFMT, Campus Cuiabá	Sandra Aparecida Cavallari	Aprendizagem de bebês. Educação Infantil. Representação social
8 A convivência nos CEIS: implicações para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas	Fernanda Seara Cera	Convivência. Tipos de violência. Bebês. Crianças pequenas. Educação infantil
9 Espaços e tempos da educação infantil: investigando a ação pedagógica com os bebês	Flávia de Oliveira Coelho	Espaço-tempo. Bebês. Interações. Creche
10 “Pequenos-Gigantes” entre si: notas etnográficas acerca da capacidade e da disponibilidade dos BEBÊS em viver socioculturalmente	Ana Paula Gomes Cuzziol	Interações entre bebês. Cultura. Teoria histórico-cultural
11 Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?	Ana Paula Rudolf Dagnoni	Bebês. Rotinas. Saberes

<b>Dissertações</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavras-chave</b>
12 Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente	Fabiana Duarte	Educação infantil. Docência. Bebês. Creche
13 A formação do leitor-literário na educação infantil: a interação da palavra da vida cotidiana com a palavra literária	Nívia Barros Escouto	Formação do leitor-literário. Bebês. Creche. Literatura
14 A escuta e as palavras nos anos iniciais da vida: diálogos entre os bebês, a psicanálise e a educação infantil	Simoni Antunes Fernandes	Bebês. Educação infantil. Psicanálise. Subjetividade
15 "Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?": documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva	Paulo Sérgio Fochi	Ação do bebê. Creche. Documentação pedagógica. Pedagogia
16 Concepções de creche em artigos acadêmicos publicados nos periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação	Michelle Abreu Furtado	Creche. Artigos acadêmicos. Análise de conteúdo. Bebê. Primeira infância
17 Os bebês estão por todos os espaços!: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil	Carolina Gobbato	Educação infantil. Creche. Bebê. Espaço. Contexto. Vida coletiva
18 A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: uma análise da produção científica recente	Fernanda Gonçalves	Educação infantil. Produção científica. Bebês. Crianças pequenas. Docência
19 Um estudo exploratório: interação socioafetiva entre bebês	Katiuska Marcela Grana	Interação Social. Bebês. Creche
20 Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário	Rosele Martins Guimarães	Educação de bebês e crianças bem pequenas. Prática pedagógica no berçário. Uso do objeto livro. Literatura infantil
21 A documentação pedagógica e o trabalho com bebês: estudo de caso em uma creche universitária	Juliana Guerreiro Lichy	Creche. Documentação pedagógica. Educação de bebês. Prática educativa. Registro
22 A potência das interações dos bebês em uma creche pública do município de Juiz de Fora	Alice de Paiva Macario	Bebês. Interações. Creche

<b>Dissertações</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavras-chave</b>
23 Artesãs do desejo: a função das educadoras de creche na constituição subjetiva dos bebês	Silvia Helena de Rezende Siste Maia	Constituição subjetiva. Educação. Psicanálise. Educadora de creche. Bebês
24 Materiais potencializadores e os bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário	Elisete Mallmann	Bebês-potência. Materiais potencializadores. Experiências sensoriais e sensíveis. Berçários
25 Formação inicial de professores para a docência com bebês: o caso do Curso de Pedagogia da Faced/UFC.	Ana Paula Cordeiro Marques	Formação inicial de professores. Docência com bebês. Curso de Pedagogia
26 “Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...”. O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil	Jacira Carla Bosquetti Muniz	Bebês. Cuidado. Práticas pedagógicas
27 A rotina com bebês e crianças bem pequenas nos centros municipais de educação infantil de Guarapuava/PR: invisibilidades e silenciamentos	Edaniele Cristine Machado do Nascimento	Educação infantil. Rotina. Bebês
28 Desejo e cuidado na educação de crianças pequenas em creches	Ana Carolina Linardi Munguia Payes	Desejo. Cuidado da criança. Psicanálise. Creches. Educação infantil. Bebês
29 Teatro para bebês, estreias de olhares	Luiz Miguel Pereira	Teatro para bebês. Infância. Educação
30 Interação de bebês com livros literários	Marcela Lais Allgayer Pinto	Educação. Educação infantil. Mediação de leitura. Literatura infantil. Bebês
31 De mãe substituta a babá malvada? Representações sociais sobre professora de bebês segundo acadêmicos de pedagogia da UFMT, campus Cuiabá	Carla Adriana Rossi Ramos	Representação social. Professora de bebês. Educação infantil
32 Docência com bebês e crianças pequenas na educação infantil: encontro com a ação de começar-se no mundo	Amanda de Cassia Borges Ribeiro	Docência. Educação infantil. Educação de bebês. Natalidade
33 Lições e desafios da educação de bebês no município de Lajeado/RS	Aline Cardoso Richter	Educação infantil. Bebês. Creche. Docência no berçário
34 Culturas da infância na primeira infância: processos educativos em um projeto de musicalização infantil	Camila Marques dos Santos	Bebês e crianças. Culturas da infância. Musicalização. Práticas sociais. Processos educativos

<b>Dissertações</b>		
<b>Título</b>	<b>Título</b>	<b>Título</b>
35 Bebês no Museu de Arte: processos, relações e descobertas	Maria Emília Tagliari Santos	Arte. Museus. Educação. Bebês. Famílias
36 A inserção de bebês em creches: um olhar para as políticas públicas	Patrícia Cristina Santos da Silva	Políticas públicas. Educação infantil. Creches. Bebês
37 O cotidiano na educação infantil: espaços, tempos, ações e o lugar dos bebês	Andreia Aparecida Liberali Schorn	Educação infantil. Bebês. Integração com o ensino fundamental
38 Livros de literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores e editores brasileiros premiados	Maria Beatriz de Almeida Serra	Linguagem. Bebês e crianças. Literatura infantil. Autores e editores
39 A qualidade das práticas educativas em uma creche do município de Santo André/SP	José Carlos da Silva	Qualidade na educação infantil. Berçário. Creche. Bebês. Práticas educativas
40 Teatro para bebês: desafios em cena para as artes e a educação na primeiríssima infância	Adriele Nunes da Silva	Teatro para bebês. Artes e educação na primeira infância
41 O uso do tempo no cotidiano de bebês	Lucélia de Almeida Silva	Bebês. Família. Creche. Diário do uso do tempo. Cotidiano
42 As formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas no contexto de uma creche municipal	Márcia Vanessa Silva	Bebês. Participação social. Práticas cotidianas. Creche
43 O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil	Viviane dos Reis Silva	Bebês. Creche. Educação infantil. Espaços. Saberes docentes
44 Meu quintal é maior que o mundo... A configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês	Luciane Pandini Simiano	Educação Infantil. Bebê. Espaço. Lugar
45 A inserção de bebês na creche e a separação como operador simbólico	Andreia Aparecida Oliveira de Souza	Bebês. Creche. Psicanálise. Separação. Subjetividade
46 Educação Física com bebês: as práticas pedagógicas nas creches da rede municipal de ensino de Florianópolis	Mirte Adriane Varotto	Educação infantil. Infância. Educação Física. Bebês. Prática pedagógica
47 As especificidades das práticas educativas na creche: o que as crianças expressam em suas vivências na educação infantil?	Diolinda Franciele Winterhalter	Bebês e crianças pequenas. Especificidade das práticas educativas na creche. Educação infantil. Currículo.
48 Bebês e suas professoras no berçário: estudo de interações à luz de pedagogias participativas	Andrea Costa Garcia	Creche. Bebês. Pedagogia. Participação. Interação
49 As imagens de crianças na escola da infância: espaço, tempo e materiais	Deise Raquel Cortes Pinheiro	Bebês. Educação infantil. Etnografia. Imagem de criança

<b>Dissertações</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavras-chave</b>
50 O lugar do brincar dos bebês, uma reflexão da psicanálise à educação	Fátima Cleonice de Souza	Brincar. Bebês. Ação autônoma. Educação da infância.
51 Creche: desafios e possibilidades uma proposta curricular para além do educar e cuidar	Rita de Cassia Marinho Oliveira André	Aprendizagem. Bebê. Creche-educação. Afetividade
52 Os espaços lúdicos como elementos formadores em uma creche do município de Santo André	Djanira Alves Biserra Araújo	Espaços lúdicos da creche. Bebês. Brincadeiras. Mediação dos professores. Educação continuada em serviço
53 E os bebês na creche... Brincam? O brincar dos bebês em interação com as professoras	Michelle Duarte Rios Cardoso	Bebê. Professoras. Brincar. Interação. Creche
54 Pelos fios das histórias: narrativas de professoras sobre práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos	Luziane Patrício Siqueira Rodrigues	Leitura. Literatura. Bebês. Creche. Narrativas de professoras
55 O que aprendemos com os bebês? Uma experiência de pesquisa no berçário de uma creche pública de Niterói	Maria do Nascimento Silva	Educação infantil. Crianças pequenininhas. Pequena infância. Bebês. Cotidiano do berçário. Sociologia da infância
<b>Teses</b>		
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Palavras-chave</b>
1 As linguagens dos bebês na educação infantil: diálogos do círculo de Bakhtin com Henri Wallon.	Viviane Maria Alessi	Linguagens. Bebês. Educação Infantil. Corpo e movimento
2 Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de educação infantil	Marisa Zanoni Fernandes	Projeto pedagógico. Bebê e criança pequena. Abordagem sistêmica e integrada. Educação infantil
3 Formação corporal de professoras de bebês: contribuições da pedagogia do teatro	Lúcia Maria Salgado dos Santos Lombardi	Formação de professores. Bebê. Linguagem corporal. Pedagogia do teatro
4 Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon	Fabiana Leite Rabello Mariano	Bebês. Edwin Gordon. Formação de professores. Música. Música nos berçários. Musicalização infantil
5 Bebês e livros: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo	Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos	Bebês e livros. Relação, sutileza, reciprocidade, vínculo. Creche. Martin Buber. Donald Wood Winnicott
6 CUIDAR: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da educação infantil	Érica Dumont Pena	Cuidado. Educação infantil. Bebês. Pedagogia

<b>Teses</b>		
<b>Título</b>	<b>Título</b>	<b>Título</b>
7 Teatro com bebês, enunciações e vivências: encontros da arte com a vida	Luiz Miguel Pereira	Pesquisa com bebês. Teatro com bebês. Estudos da infância. Teoria histórico-cultural
8 As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente	Rosinete Valdeci Schmitt	Ação docente. Bebês/crianças pequenas. Relações sociais
9 O movimento do bebê na creche: indício orientador do trabalho docente	José Ricardo Silva	Bebês. Movimento. Teoria histórico-cultural. Desenvolvimento infantil. Intervenção pedagógica
10 Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa	Gabriela Guarnieri de Campos Tebet	Pesquisa – metodologia, Singularidades (Filosofia). Bebês. Sociologia da infância
11 Bebês em suas experiências primeiras: perspectivas para uma escola da infância	Gardia Maria Santos de Vargas	Bebê. Infância. Experiência. Corporeidade
12 Tramas e dramas no teatro para bebês: entre significações e sentidos	Maria Paula Vignola Zurawski	Dieta cultural. Teatro para bebês. Teatro para a primeira infância. Teatro pós-dramático. Rede de significações. Vigotski
13 Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário	Aruna Noal Correa	Educação musical de bebês. Brincar-musical. Pedagogia da creche italiana
14 Uma escola municipal de educação infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma Pedagogia da Infância	Maria Cristina Madeira	Pedagogias da infância. Bebês. Crianças pequenas. Experiência. Acolhimento. Comunicação
15 Nós estamos falando! E vocês, estão escutando? Currículos praticados com bebês: professoras com a palavra	Marlene Oliveira dos Santos	Currículos praticados. Praticantes do currículo. Professoras. Bebês. Docência. Narrativas
16 Crianças pequenininhas e a luta de classes	Elina Elias de Macedo	Bebês. Creches. Culturas infantis. Divisão sexual do trabalho. Educação emancipadora
17 Um <i>locus</i> de constituição do humano: vivências e afecções de bebês e educadoras na creche	Luciana da Silva de Oliveira	Bebês. Educadoras. Creche. Vivências. Afecções. Constituição histórico-cultural do ser humano

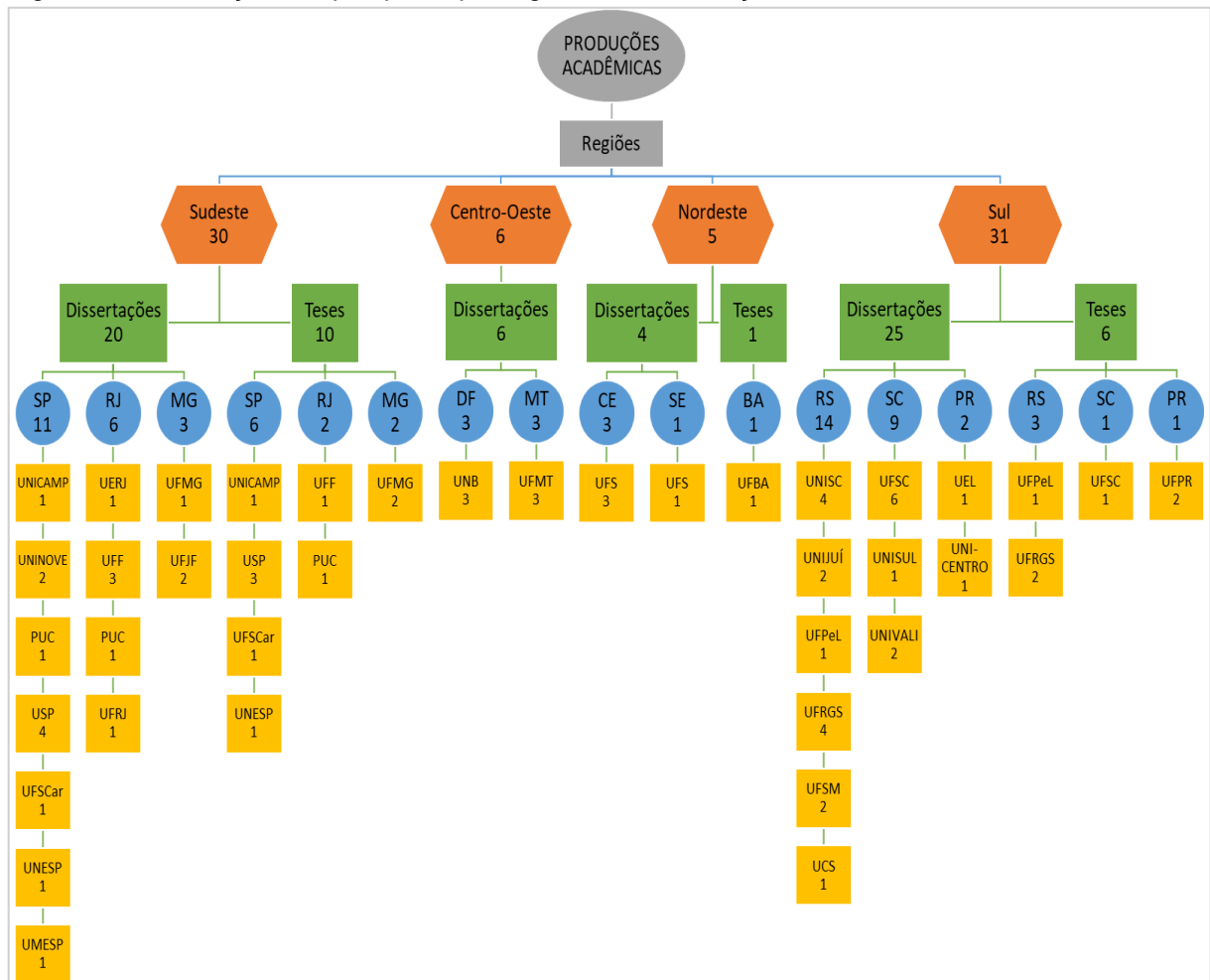
Fonte: Elaboração da pesquisadora.



### 3.1 REGIÕES DE MAIOR CONCENTRAÇÃO DAS PESQUISAS

Em se tratando das regiões brasileiras onde foram realizadas as pesquisas (Figura1), cabe destaque para as Regiões Sul e Sudeste que concentram o maior volume de produções relacionadas com bebês no período compreendido entre 2010 e 2018. De acordo com as buscas, somente a Região Norte do país não contém estudos desenvolvidos nesse período.

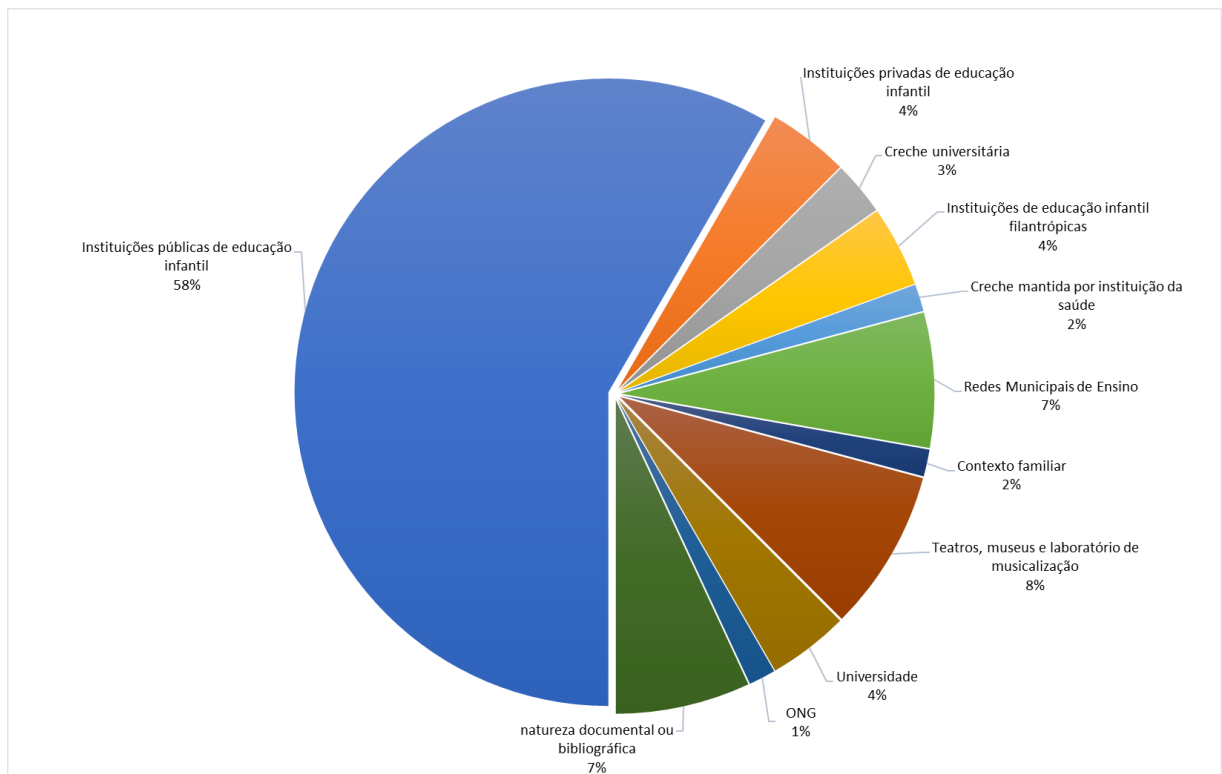
Figura 1 – Localização das pesquisas por região de concentração



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Ao analisar a procedência de pesquisas, as Regiões Sul e Sudeste apresentam o maior número de estudos com destaque para o Estado do Rio Grande do Sul e o Estado de São Paulo. Com relação ao vínculo institucional, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade de São Paulo (USP) concentram o maior número das pesquisas realizadas. Cabe destacar ainda os contextos de investigação privilegiados em cada pesquisa (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Contextos de investigação



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Os contextos de pesquisa privilegiados evidenciaram que a maioria dos estudos (58%) se deu em instituições públicas municipais de educação infantil cujos sujeitos de investigação foram os bebês. Por outro lado, em menor quantidade, outros atores foram foco de investigação, como professoras, profissionais que desempenham o papel de coordenar o trabalho pedagógico e gestores das instituições.

As instituições privadas de educação infantil também foram cenário de investigação (4%). Maia (2011), por exemplo, ao investigar as maneiras pelas quais as educadoras de creche participam da constituição subjetiva dos bebês que frequentam a instituição, reuniu seus dados por meio de entrevistas abertas, não diretas, com sete educadoras – três da instituição pertencente à rede privada e quatro da instituição filantrópica. Há estudos (8%) que elegeram outros contextos para além da instituição de ensino, quais sejam: teatros, museu e laboratório de musicalização.

Nesse caso, Santos (2015), ao dialogar sobre as culturas da infância na primeira infância em um projeto de musicalização infantil, privilegiou, como sujeitos de investigação, 2 bebês e 6 crianças na faixa etária de 6 meses a 1 ano e 11 meses,

com seus responsáveis, e cinco mediadores de aulas no Laboratório de Musicalização de um projeto de extensão de uma universidade do interior do Estado de São Paulo. O Gráfico 2 expressa ainda que 7% das pesquisas elegeram, como contexto de investigação, as redes municipais de ensino, cujos sujeitos envolvidos foram professoras que exercem a docência com a faixa etária de 0 a 3 anos de idade.

Destaco também que 4% dos estudos elegeram instituições filantrópicas. É o caso da pesquisa realizada por Castelli (2015), que se propôs investigar as relações estabelecidas entre bebês de uma turma de Berçário 2 e crianças mais velhas de uma escola de educação infantil filantrópica. No que se refere à universidade, 4% dos estudos privilegiaram tal contexto. A pesquisa realizada por Cavallari (2011), por exemplo, teve como sujeitos da investigação 213 acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia no qual a temática se referiu ao *aprender* do bebê.

As creches universitárias também foram contempladas e corresponderam a 3% das pesquisas realizadas. Já as ONGs contabilizaram 1% dos contextos de realização das pesquisas. Trata-se da investigação realizada por Grana (2011) acerca da interação socioafetiva entre bebês. Os sujeitos da investigação constituíram dois grupos: Berçário I, composto por 10 bebês de 10 a 13 meses de idade e o Berçário II, com 14 bebês de 15 a 24 meses. Consultei também a pesquisa realizada por André (2016) que se deu em uma creche mantida por instituição de saúde (1%).

Finalmente, a pesquisa desenvolvida por Amorim (2017), de caráter colaborativo, foi realizada em contexto familiar (1%) e envolveu a participação de famílias que tiveram disponibilidade para cumprir as demandas da pesquisa no sentido de acompanhar e realizar todas as atividades desenvolvidas durante o processo investigativo com bebês na faixa etária de 0 a 3 anos. Outros (6% das pesquisas) não privilegiaram espaços institucionais de educação infantil, pois são de natureza documental ou bibliográfica.

As dissertações de mestrado e teses de doutorado selecionadas (Quadro 1) a seguir foram organizadas a partir das evidências comuns e de maior destaque de acordo com os objetivos gerais das pesquisas, a conceitualização dos bebês, os principais percursos metodológicos e instrumentos de pesquisa adotados, os aportes teóricos recorrentes e os principais resultados para o campo da pesquisa com bebês.

### 3.2 OBJETIVOS DAS PESQUISAS E TEMÁTICAS DE MAIOR DESTAQUE

Tomando por referência as 72 pesquisas privilegiadas, considerei importante analisar os objetivos gerais que sobressaem nos trabalhos realizados. Como estratégia para a análise, foram importados para o *software* NVivo todos os objetivos gerais enunciados, organizados a partir da criação de um código (objetivos) seguido de “subcódigos” hierárquicos subjacentes a ele, correspondentes a cada verbo de definição contido em cada objetivo (compreender, investigar, analisar, desencadear, identificar, conhecer, construir, refletir, perceber, evidenciar, verificar, engendrar, avaliar, discutir, desconstruir, destacar, dar, observar, isolar, mapear, explicitar, reconhecer, afirmar, demonstrar, explorar). Posteriormente, seleccionei todos os códigos para os quais foi gerada uma “consulta por frequência de palavras”, procedendo ao refinamento das 50 mais recorrentes com agrupamento por derivação (o NVivo agrupa as palavras similares, por exemplo, infantil, infantis; bebê, bebês). A partir desse processo, foi gerada uma “nuvem de palavras” (Figura 2) para verificação das evidências.

Figura 2 – Nuvem de palavras para o código “objetivos”



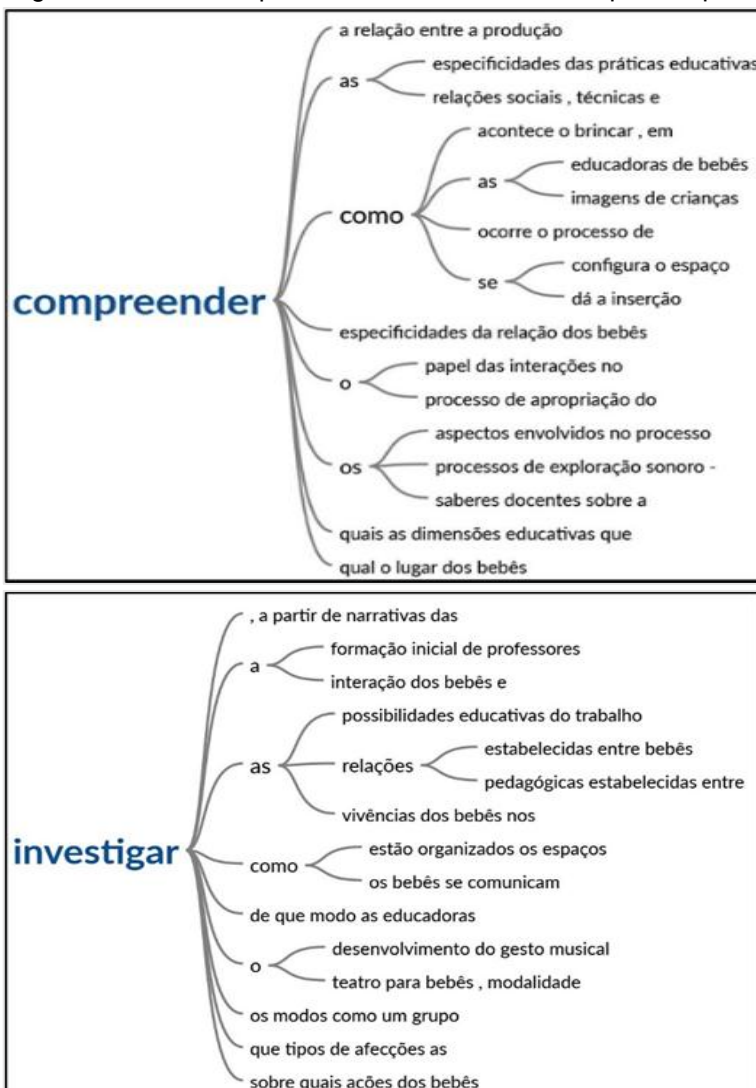
Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

Em meio às inúmeras palavras que se evidenciaram nos objetivos, enfatizo o uso significativo de *compreender* – *investigar* – *analisar*, que consistem nos verbos mais utilizados na estrutura dos objetivos gerais das pesquisas. Essa recorrência sugere

que as intenções e delimitações, por parte de cada pesquisador(a), são constituídas majoritariamente por verbos de compreensão e de análise.

Com o intuito de aprofundar essas constatações, para cada um dos verbos mais recorrentes, realizei a “consulta de pesquisa de texto” (recurso disponibilizado pelo NVivo que permite visualizar as conexões existentes entre a palavra analisada e o contexto em que está inserida, ou seja, os grupos de palavras que aparecem frequentemente antes e depois do vocábulo selecionado, nesse caso, os verbos *compreender*, *investigar*, *analisar*) para a qual foi gerada uma ‘árvore de palavras’ (Figura 3). Contudo, uma vez que o verbo é a palavra que introduz o objetivo, optei por demarcar as frases que aparecem imediatamente. Por meio desse refinamento, é possível perceber mais claramente as associações feitas pelos autores na elaboração de seus objetivos.

Figura 3 – Árvore de palavras dos verbos mais frequentes para o código “objetivos”



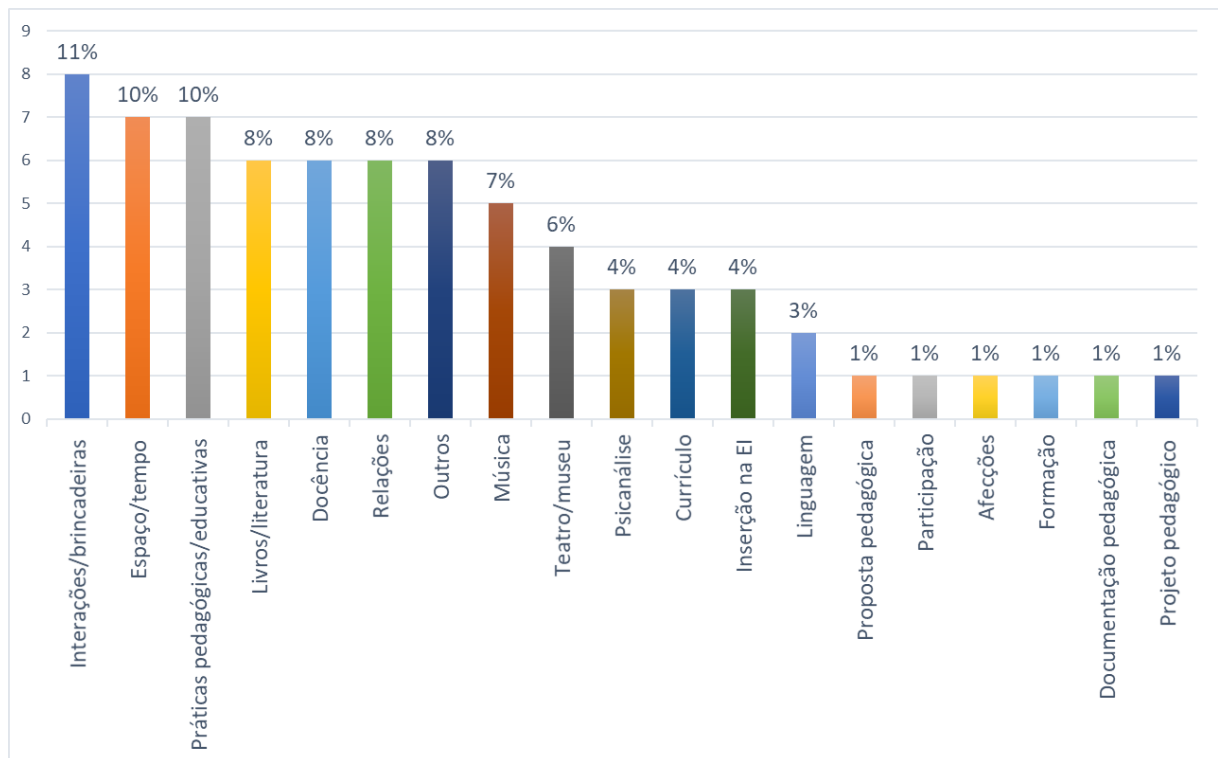


Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

As ramificações subsequentes aos verbos revelam a gama de intenções subjacentes a cada estudo. Por meio deles, os pesquisadores almejam encontrar ou atingir possibilidades, relações, especificidades, aspectos, formas, constituições, saberes, modos e vivências. O ato de *compreender*, por exemplo, insere-se no âmbito das relações, das interações, do brincar, do espaço e lugar. Já o *investigar* sugere estudos que permeiam a dimensão da formação, da música, do teatro, por exemplo, ao passo que *analisar* refere-se ao campo das práticas pedagógicas e educativas, ao currículo, à participação etc.

Nessa lógica, é interessante destacar que, ao observar os objetivos, segundo os verbos mais recorrentes, são evidenciadas as temáticas tratadas nas produções acadêmicas. Desse modo, foi possível apreender, baseada na estrutura de cada objetivo, os principais temas discutidos em cada estudo conforme o Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Principais temáticas das pesquisas



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Por meio do gráfico, foi possível apresentar um panorama acerca das temáticas discutidas. Em linhas gerais, as pesquisas relacionadas com as interações e brincadeiras objetivam evidenciar como isso acontece entre professoras/bebês e entre os bebês/bebês. Compõe também esse escopo de intenções a possibilidade de analisar as contribuições das interações no que se refere ao desenvolvimento cultural dos bebês.

Cardoso (2016), por exemplo, buscou compreender como acontece o brincar, em interação com as educadoras, em uma turma de berçário de uma creche pública do município de Juiz de Fora/MG, e analisou a interação entre as educadoras e os bebês nos momentos de brincadeira nos diferentes espaços da creche.

Em seu estudo, Macario (2017) pretendeu analisar as interações entre os bebês materializadas no contexto da creche e compreender o papel delas em seu desenvolvimento cultural. De acordo com suas análises, as intenções relacionadas com o espaço e tempo perpassam a organização no que compete ao atendimento de bebês com idade entre 1 e 2 anos no ambiente da creche, bem como as vivências efetivadas nesses espaços. Buscou, ainda, analisar o uso do tempo no cotidiano dos bebês.

Silva (2015) propôs analisar o uso do tempo a partir da descrição do cotidiano de dois bebês que frequentavam uma creche pública do Distrito Federal.

Gobbato (2011) procurou investigar as vivências dos bebês nos diferentes espaços da escola infantil, analisando como sua presença, nesses contextos de vida coletiva, pode implicar possíveis redimensionamentos do fazer pedagógico com bebês.

A pesquisa desenvolvida por Silva (2016) objetivou compreender os saberes docentes sobre a organização dos espaços para bebês e os seus usos pelas crianças na educação infantil.

Dentre as temáticas, identifiquei também as práticas pedagógicas ou educativas. Questões relativas à qualidade, suas especificidades e as possibilidades de participação são temáticas de destaque. Nesse sentido, é relevante mencionar o objetivo da pesquisa defendida por Silva (2017), que buscou analisar as formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas que vivenciam na creche, bem como as concepções de suas professoras sobre tais formas de participação.

Vale citar também as intenções de Winterhalter (2015) ao buscar compreender as especificidades das práticas educativas com bebês e crianças pequenas a partir do que eles expressam por meio de diferentes linguagens, tendo em vista os apontamentos da política educacional, Dcneis, como referência para a proposta curricular. Outro exemplo expresso pelo trabalho de Muniz (2017), no qual a autora buscou perceber como os bebês interrogam a atuação das professoras, diz respeito às práticas de cuidado com foco nos momentos de higiene, alimentação e sono em uma instituição de educação infantil.

Outra temática recorrente refere-se aos livros de literatura infantil, cujos objetivos enfatizam as interações dos bebês com livros, bem como a especificidade dessa relação, observando como são concebidos os livros destinados às crianças de 0 a 3 anos. Serra (2015), por exemplo, realizou seu estudo com base no objetivo de conhecer e analisar como escritores, ilustradores e editores brasileiros premiados concebem os livros destinados às crianças de 0 a 3 anos de idade. Por outro lado, Mattos (2018) procurou compreender especificidades da relação dos bebês no encontro com os livros.



A docência foi enfatizada nas dimensões da especificidade e da identidade profissional. Desse modo, cabe ressaltar o estudo realizado por Salgado (2018) cujo objetivo foi compreender como as educadoras de bebês da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul/SP vêm constituindo sua identidade profissional. O principal objetivo, referente ao estudo realizado por Duarte (2011), buscou compreender as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente com os bebês.

A temática relativa às relações diz respeito aos modos pelos quais esta se efetiva entre bebês e bebês, entre bebês e adultos e entre bebês e diferentes materiais. O estudo desenvolvido por Castelli (2015) teve a intenção de investigar as relações estabelecidas entre bebês de uma turma de Berçário 2 e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil. Já Mallmann (2015) procurou investigar os modos como um grupo de bebês se relaciona com diferentes materiais, denominados nesta pesquisa como *materiais potencializadores*, ao passo que Garcia (2018) apresentou, como intenção principal, investigar as relações pedagógicas estabelecidas entre bebês e suas professoras no cotidiano do berçário.

A linguagem artística também foi tema de investigação. No que se refere à música e ao teatro, por exemplo, as principais aspirações perpassam a dimensão do ensino-aprendizagem, da formação musical, da constituição e desenvolvimento do sujeito. A título de melhor esclarecimento, cabe citar as pretensões de Santos (2017) ao analisar a inclusão dos bebês na faixa etária entre 0 a 3 anos nos programas de educação de museus de arte. Silva (2017) procurou, por meio de seu trabalho, construir metodologias de pesquisa com bebês e entender a constituição desses sujeitos a partir da Arte (em específico, por meio do Teatro para bebês).

A importância da música teve relevância na pesquisa realizada por Amorim (2017), na qual buscou investigar o desenvolvimento do gesto musical dos bebês a partir da organização do espaço educativo musical tendo a música corporal como atividade-guia. O objetivo de Santos (2015) se consistiu em identificar o que bebês e crianças aprendem e ensinam na prática social de musicalização. Posso citar também nesse rol as intenções de Bourscheid (2014) por meio das quais a autora objetivou desencadear experiências languageiras, que emergem de sensações, admirações,

silêncios e expressões, a partir de ações autônomas e interações lúdicas com a música junto a outras crianças e com os adultos professores.

Com relação ao currículo, foi possível apreender, dentre os objetivos de investigação, questões remetidas ao seu desenvolvimento, como eles são praticados e a importância do seu processo de elaboração. Nessa esteira, André (2016) procurou demonstrar a necessidade da elaboração de um currículo para atendimento em creches que contemple as sensações, descobertas e percepções dos bebês, pautada nas suas múltiplas formas de linguagem. Carneiro (2017) ocupou-se em analisar o currículo em desenvolvimento para crianças na faixa etária de 4 a 18 meses em turmas de berçário no contexto de uma creche pública municipal no Estado do Ceará. Cabe citar também as intenções contidas no estudo desenvolvido por Santos (2017), no qual evidenciou engendrar reflexões por meio das narrativas de professoras sobre currículos praticados com bebês no cotidiano de escolas de educação infantil (berçário) da Rede Municipal de Ensino de Salvador/BA e suas interfaces com as políticas públicas educacionais e a docência com bebês.

As pesquisas baseadas na Psicanálise dizem respeito à constituição subjetiva do bebê, à dimensão do cuidado segundo a perspectiva freudo-laicaniana e a afetividade. A temática referente ao projeto pedagógico ensejou explicitar a imagem e o lugar que nele os bebês e as crianças pequenas ocupam. Lichy (2014) procurou compreender, na realização de sua pesquisa, a relação entre a produção dos registros na educação infantil e o quanto eles se configuram como documentações pedagógicas, proporcionando a prática reflexiva e o olhar para os bebês. A pesquisa realizada por Oliveira (2016) aspirou a investigar que tipos de afecções as vivências ocorridas no meio cultural – creche – provocam na constituição de bebês e educadoras como seres humanos.

Por fim, as temáticas classificadas como *outros* dizem respeito às investigações realizadas por Fochi (2013), cujo percurso buscou investigar sobre quais ações dos bebês, com idade entre 6 e 14 meses, emergiam de suas experiências com o mundo em contextos de vida coletiva. Há também as discussões de Tebet (2013), cuja pesquisa tratou de discutir sobre os fundamentos teórico-metodológicos da Sociologia da Infância de língua inglesa, com vistas a responder a alguns desafios metodológicos que se colocam para as pesquisas com bebês. Schorn (2018)

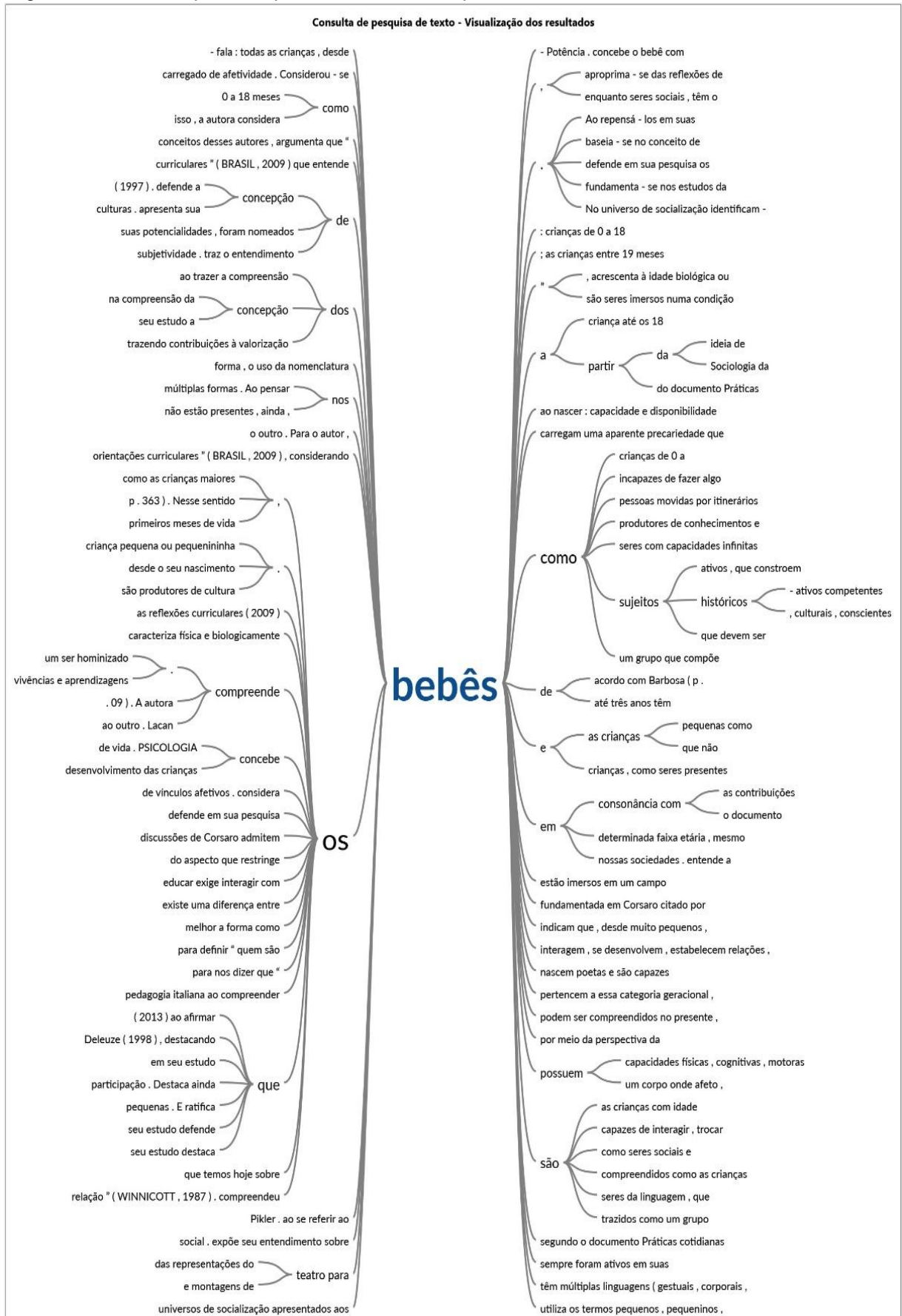
procurou compreender qual é o lugar dos bebês em uma escola de ensino fundamental. Trago, ainda, a investigação realizada por Furtado (2014) cujo objetivo foi mapear, em artigos acadêmicos nacionais, concepções sobre a creche e, por consequência, sobre os bebês e a primeira infância.

### 3.3. CONCEITUALIZAÇÃO DOS BEBÊS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS ANALISADAS

A intimidade com os objetivos suscitou, dentre outras inquietações, o desejo de entender quem são os bebês como os principais sujeitos de investigação. De imediato constatei que ora são reconhecidos como bebês, ora como crianças, ora como crianças pequenas. Essas minúcias me instigaram a verificar as formas pelas quais os bebês são conceitualizados ou não nos estudos. Nesse sentido, procedi à leitura dos resumos e, em seguida, dos trabalhos, no intuito de localizar como eles são referenciados nas pesquisas.

Constatei que 94% dos estudos se ocuparam em tecer um conceito de bebê que, em sua maioria, está intimamente ligado à faixa etária de 0 a 3 anos. O exercício de adentrar as tramas de cada estudo revelou o cuidado em expressar o entendimento sobre o que seja um bebê por parte de cada pesquisador(a), a partir de pressupostos teóricos privilegiados em cada investigação ou de documentos legais conforme detalhamento adiante. Nesse sentido, reuni, então, todas as contribuições referentes aos conceitos e os codifiquei no NVivo. A partir da palavra *bebês* estruturei uma árvore de palavras (Figura 4) a fim de analisar as inúmeras conexões nas quais o termo bebês está interligado.

Figura 4 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “bebês”

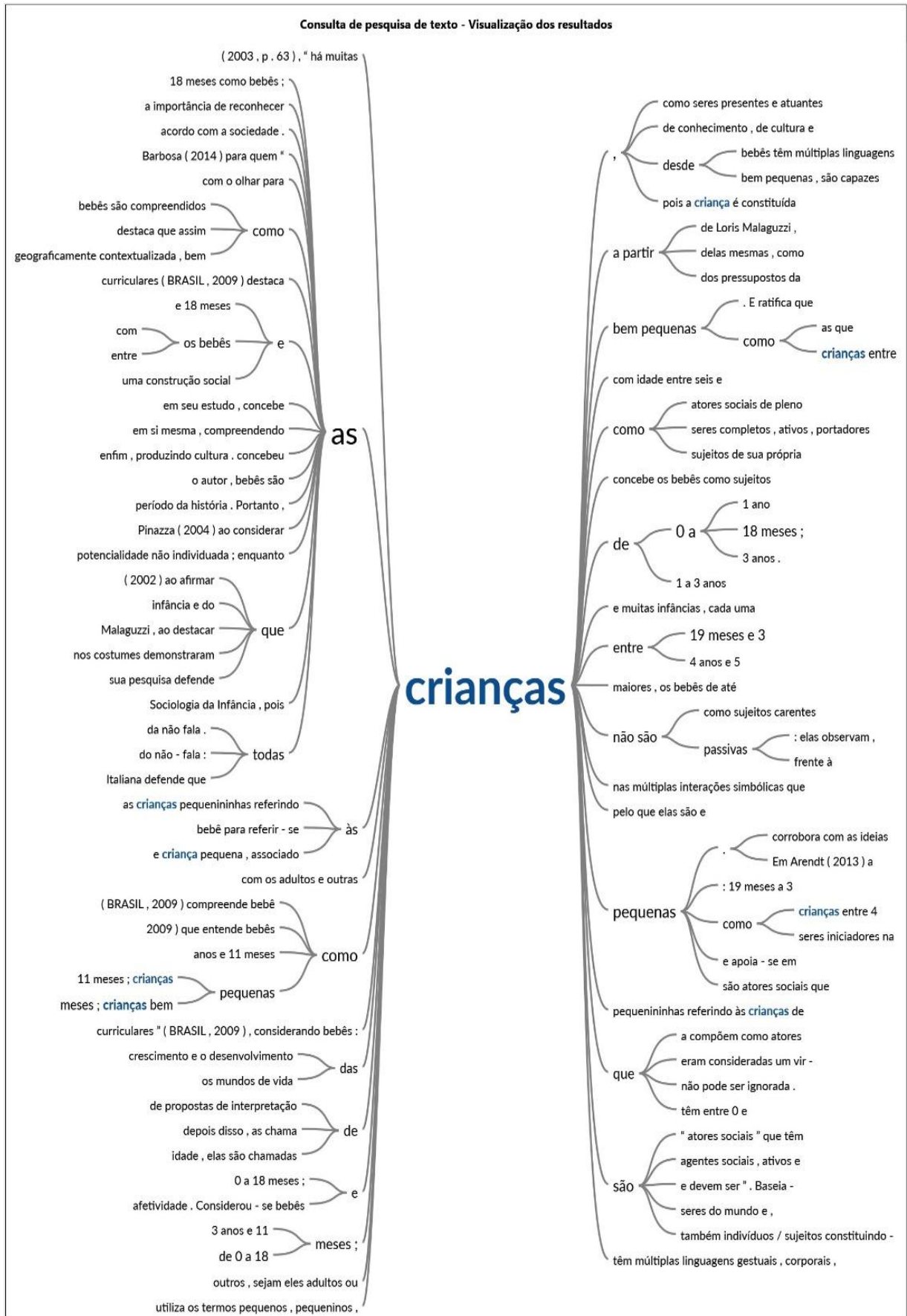


Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

A impressão primeira refere-se às ideias contidas nas ramificações nas quais constam informações acerca do que seja um bebê e, remetendo-se à *criança pequena ou pequenininha, nascimento, são: produtores de cultura, ser hominizado, de múltiplas linguagens, pequenos e pequeninos, seres sociais, pertencem a uma categoria geracional, interação e se desenvolvem, estabelecem relações, sujeitos históricos culturais, crianças até 18 meses ou de 0 a 18 meses*. Foram também conceitualizados a partir das ideias de *Corsaro, Pikler, Lacan, Winnicott, Sociologia, Psicologia*. Essas conexões me provocaram a empreender outros esforços analíticos no sentido de identificar quem são os bebês das pesquisas.

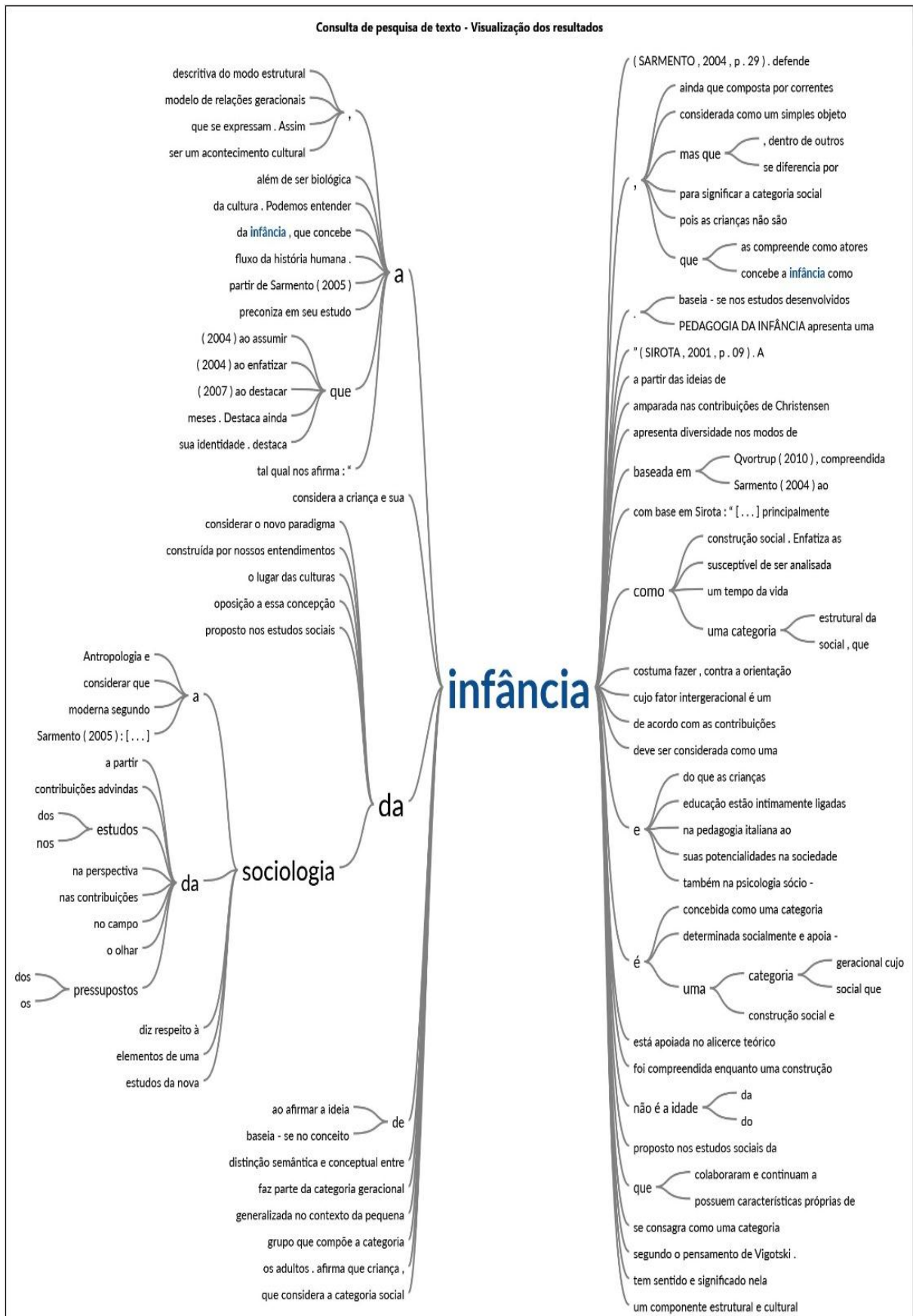
Não obstante os estudos versarem sobre os bebês, há que se destacar uma certa prevalência de serem reconhecidos como crianças ou conceitualizados simplesmente a partir da infância. Assim, é pertinente observar em que medida os sujeitos são reconhecidos segundo essas perspectivas. Retomei o NVivo com o propósito de refinar as informações a partir dos conectores *crianças e infância* (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “crianças”



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Figura 6 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “infâncias”



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

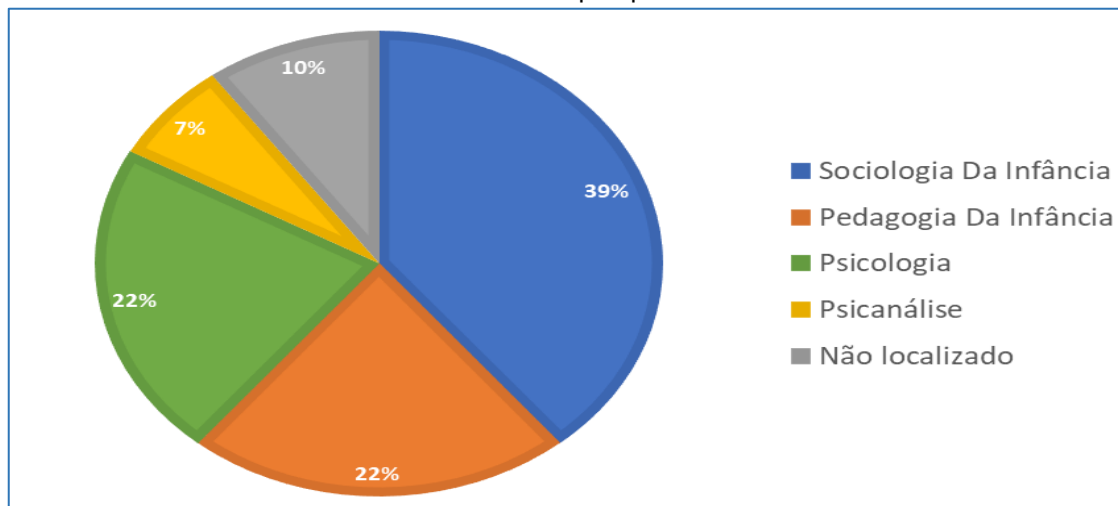


Como se pode perceber, as conexões estabelecidas com base nos termos *crianças* e *infância* aproximam-se das realizadas com o termo *bebês*, haja vista as informações contidas nas Figuras 5 e 6. Além disso, teóricos como *Sarmento, Corsaro, Qvortrup, Vigotski, Pikler, Lacan, Winnicott, Malaguzzi, Barbosa, Arendt e Pinaza* foram significativamente referenciados. Além dos autores, estão entre as conexões que descrevem cada conceito identificado: *seres do mundo, de 0 a 18 meses, atores sociais plenos, seres presentes e atuantes, Pedagogia da Infância, Pedagogia Italiana, modelo de relações geracionais, lugar de culturas, um tempo da vida*.

As análises feitas acerca das informações contidas nas conexões permitem constatar as formas pelas quais as pesquisas concebem os sujeitos de investigação. Embora não haja consenso quanto ao uso dos termos *bebê, crianças* ou *infância*, é possível perceber o cuidado preponderante em relacionar o conceito com o fator etário. Portanto, a maioria dos estudos demarca a faixa etária dos sujeitos.

Como já foi dito, os resultados das buscas se deram a partir das leituras sistemáticas dos resumos procedida pela leitura das pesquisas como um todo. Por meio dessa experiência, localizei conceitos estruturados de forma direta e outros de forma latente em interface com o referencial teórico privilegiado. As perspectivas teóricas que embasaram os conceitos de bebês presentes nas pesquisas identificadas serão demonstradas a seguir (Gráfico 4). No entanto, essa informação não foi identificada em 10% dos estudos.

Gráfico 4 – Conceito de bebês de acordo com a perspectiva teórica



Fonte: Elaboração da pesquisadora.



A maior parte das pesquisas defende uma concepção de bebê fundamentada nos pressupostos teóricos dos estudos da Sociologia da Infância seguidos das contribuições da Pedagogia da Infância. Também foram encontrados conceitos cuja sustentação teórica subjaz à Psicanálise e à Psicologia.

As conceitualizações de bebê enfatizadas em cada estudo serão apresentadas a seguir conforme as evidências detectadas pelo NVivo de acordo com a perspectiva teórica adotada pelos(as) pesquisadores(as). Para isso, a partir do código “concepção de bebês”, criei subcódigos para cada agrupamento de conceitos, segundo a perspectiva teórica.

### 3.3.1 Conceito de bebê a partir da Sociologia da Infância

As análises realizadas permitiram constatar que 39% dos estudos fundamentaram seu conceito de bebês baseado nos pressupostos da Sociologia da Infância. De acordo com Sarmiento (2005, p. 363), autor significativamente consultado nas pesquisas,

A Sociologia da Infância propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano e psicologizantes [...] mais do que isso, a Sociologia da Infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os estrangimentos da estrutura social.

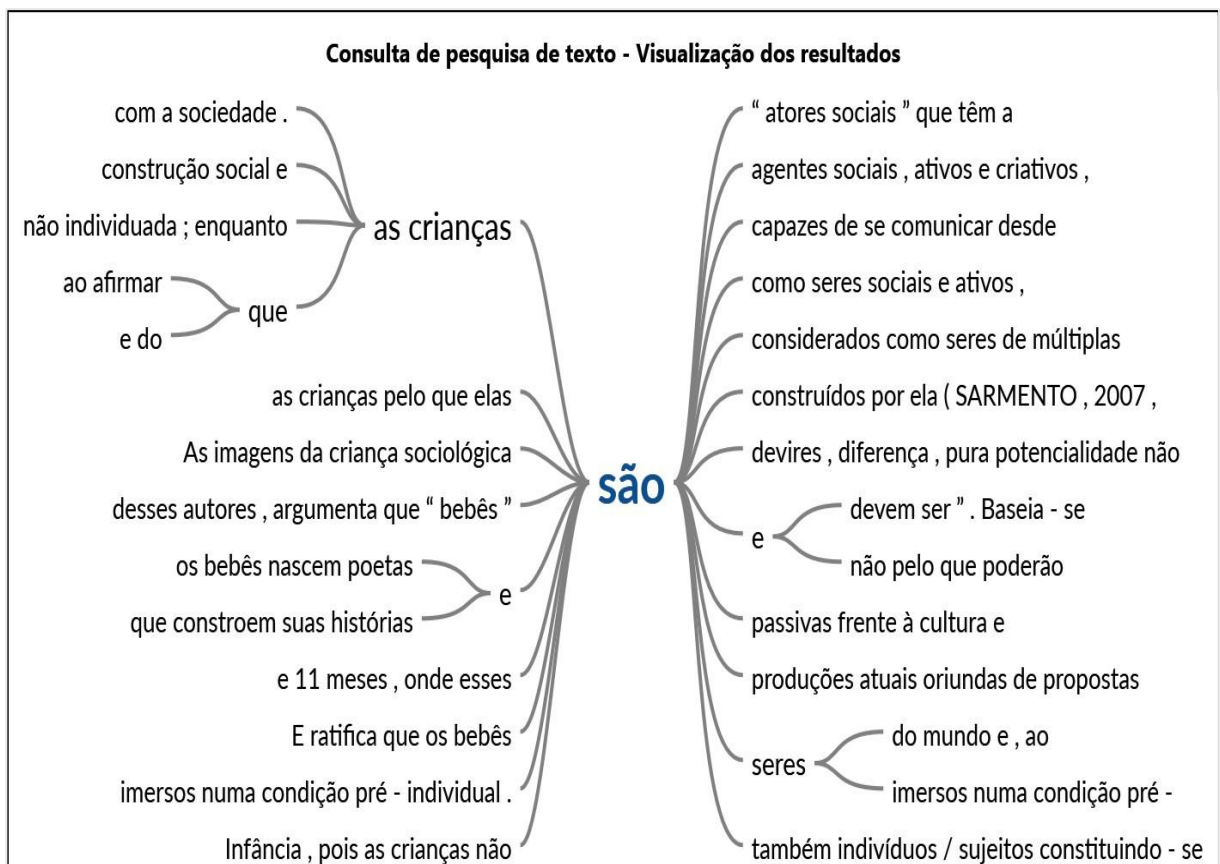
Figura 7 – Concepções bebê a partir da Sociologia da Infância



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

*Infância, criança, bebês, ser social, sociologia, cultura, sociais.* Ao observar a disposição das palavras na nuvem (Figura 7), tem-se uma visão geral das principais evidências acerca do conceito de bebês. Nesse caso, em sua maioria, são reconhecidos como pertencentes a uma época da infância, incluídos ao que se denomina “categoria social de tipo geracional” (SARMENTO, 2007, p. 36). Por meio da árvore de palavras (Figura 8), foi gerada outra proposta visual a fim de verificar os conceitos identificados a partir do verbo “são”, no sentido de identificar quem são os bebês segundo a Sociologia da Infância.

Figura 8 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “são”



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

As evidências correspondentes aos sujeitos – bebês ou crianças – investigados são retratadas nas ramificações nas quais são considerados *atores sociais, agentes sociais, ativos, criativos, são devires, diferença, seres do mundo, que constroem suas histórias* etc. O embasamento de cada conceito, segundo as contribuições de Manuel Sarmiento (2007), é preponderante. A partir dessas informações, elenquei alguns dos conceitos identificados nas pesquisas no sentido de demonstrar as

formas pelas quais os bebês são conceitualizados conforme os pressupostos da Sociologia da Infância.

Santos (2015), por exemplo, fez a escolha pelo termo criança moderna considerando a Sociologia da Infância, mas, dentro de outros referenciais, poderia ser concebida como criança contemporânea, criança pós-moderna. Afirma que a criança a que se refere é a criança do tempo presente deste estudo, século XXI.

O conceito encontrado no estudo desenvolvido por Castro (2011) compreende os bebês com base na Sociologia da Infância de acordo com as contribuições de Sarmiento (2005, p. 363), ao enfatizar a importância de reconhecer as crianças a partir delas mesmas, como atores sociais, tal qual nos afirma: “A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”.

Nesse sentido, os bebês pertencem a essa categoria geracional, mas com diferenciações peculiares que não podem ser assumidas de forma comum e generalizada no contexto da pequena infância.

Santos (2017) baseou-se nos estudos desenvolvidos no campo da Sociologia da Infância, cujo fator intergeracional é um dos aspectos relevantes para a compreensão da criança como um ator social que produz, interpreta e ressignifica a cultura na inter-relação com seus pares e com os adultos.

O estudo desenvolvido por Castelli (2015) indica uma concepção baseada em Sarmiento (2013), ao afirmar que os bebês podem ser compreendidos, no presente, como seres biopsicossociais, atores sociais e sujeitos de direito, trazendo contribuições à valorização dos bebês em nossas sociedades.

A pesquisa realizada por Duarte (2011) entende a criança como um sujeito de direitos, principalmente a partir do aporte dos estudos da Sociologia da Infância, que concebe a infância como construção social. Enfatiza as contribuições de Sarmiento (2004), ao assumir que a infância é uma construção social e as crianças são “atores sociais” que têm a capacidade de produzir e reproduzir aquilo que o mundo dá a elas, aquilo que a cultura lhes oferece, pois “[...] o lugar da criança é, em suma, o lugar das culturas da infância” (SARMENTO, 2004, p. 29).

Silva (2018) traz uma concepção de criança ativa, reconhecida como ator social competente que se desenvolve por meio das relações compartilhadas cotidianamente (ABRAMOWICZ; DELGADO; MÜLLER, 2005; FERNANDES, 2016; OLIVEIRA, 2010; ROCHA, 2008; SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2004).

Ramos (2012) evidenciou uma concepção de bebê a partir dos fundamentos teóricos de Sarmiento (2007), ao destacar que a infância não é a idade da *não fala*: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) porque se expressam. As *imagens da criança sociológica* são produções atuais oriundas de propostas de interpretação de crianças a partir dos pressupostos da Sociologia da Infância, que as compreende como atores sociais que constroem suas histórias e são construídos por ela (SARMENTO, 2007).

Baseando-se em James e Prout (1997), Fernandes (2011) afirmou em sua pesquisa que criança, infância e educação estão intimamente ligadas às relações sociais, culturais e históricas e que a vida da criança é vivida, como lembram Moss, Dahlberg e Pence (2003). A autora considera a criança e sua infância um componente estrutural e cultural de muitas sociedades.

Dagnoni (2016) compreendeu a concepção de bebês fundamentada em Corsaro, no que diz respeito à Sociologia da Infância e suas potencialidades na sociedade atual. O referido autor “[...] não procura na criança o futuro adulto, mas tenta compreendê-la enquanto um ser humano integral em sua fase da vida” (p. 190). As discussões de Corsaro admitem os bebês como seres com capacidades infinitas de comunicação e expressão do mundo onde vivem. Defende que a noção de desenvolvimento do ser humano é construída desde sempre, logo no início da vida.

Nascimento (2015) enfatizou o bebê como ator social competente, com direitos, como criança construtora, junto com os adultos e outras crianças, de conhecimento, de cultura e de sua identidade.

Silva (2016) destacou que a infância foi compreendida como uma construção histórica, cultural e geograficamente contextualizada, bem como as crianças que a compõem como atores sociais plenos e constituídos na cultura e construtores de cultura.

Correa (2013) ancorou-se na perspectiva da Sociologia da Infância e na Pedagogia Italiana, ao compreender os bebês como produtores de conhecimentos e protagonistas dos processos que vivenciam durante essa etapa de vida.

Santos (2017) baseou-se na compreensão da concepção dos bebês em consonância com as contribuições de Sarmiento (2003) e Cohn (2013) da Antropologia e da Sociologia da Infância, que colaboraram e continuam a colaborar com o olhar para as crianças pelo que elas são e não pelo que poderão ser. Um olhar que procura a diferença de suas experiências e modos de ver e viver uma realidade. Olhar que busca a particularidade e não um sujeito da deficiência, ao qual falta algo que na idade adulta será pleno. Desse modo, o bebê é como um ser social que interage e aprende na cultura desde a mais tenra idade.

Silva (2017) trouxe em seu estudo uma concepção a partir das ideias de Qvortrup (2010) ao afirmar que, apesar de a idade se apresentar como uma referência descritiva do modo estrutural, a infância se consagra como uma categoria social permanente e não como uma fase de transição, do ponto de vista estrutural e sociológico, ou seja, modifica-se ao longo da história, permanecendo como categoria de mudanças e continuidades. Gobbato (2011) destacou que, além de ser biológica, a infância é determinada socialmente e apoia-se nas contribuições da Sociologia da Infância baseada em Sarmiento (2004), ao enfatizar que a infância é uma categoria geracional cujo grupo social se constitui de sujeitos ativos que interpretam, agem no mundo e elaboram novas culturas.

Mallmann (2015) apresentou sua concepção de bebês segundo o documento *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009), que destaca as crianças de 0 a 18 meses como bebês; as crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses como crianças bem pequenas. Ratifica que os bebês são como seres sociais e ativos, pertencentes à categoria geracional — infâncias — esclarecendo, dessa forma, o uso da nomenclatura bebês. Ao repensá-los em suas potencialidades, foram reconhecidos em seu estudo como bebês-potência.

André (2016) concebeu o bebê também com base no documento oficial *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009), considerando bebês: crianças de 0 a 18 meses; e

crianças pequenas: 19 meses a 3 anos e 11 meses, quando são consideradas como seres de múltiplas linguagens. Demarcou ainda sua concepção de bebê a partir de Sarmiento (2005), para quem a infância não é a idade da não fala. Todas as crianças têm múltiplas linguagens gestuais, corporais, plásticas e verbais porque se expressam. Assim, a infância tem sentido e significado nela mesma.

Tebet (2013) dialogou com as ideias de Foucault, Deleuze e Simondon, presentes na obra de Jenks (2005) e Prout (2005), destacando que existe uma diferença entre os bebês e as crianças que não pode ser ignorada. A partir de conceitos desses autores, argumenta que “bebês” são seres imersos numa condição pré-individual. São devires, diferença, pura potencialidade não individuada; enquanto as crianças são também indivíduos/sujeitos se constituindo por meio de identidades (etária, de gênero, de pertencimento cultural, étnico-racial etc.) que não estão presentes, ainda, nos bebês.

### **3.3.2 Conceito de bebê a partir da Pedagogia da Infância**

Com base nas buscas, foi possível verificar que 22% dos estudos dialogam com a perspectiva da Pedagogia da Infância ao fundamentarem o conceito de bebês. Dentre as pesquisas, três fazem interface com os pressupostos da Pedagogia Italiana. Segundo Barbosa (2010, p. 1):

A Pedagogia da Infância toma *as crianças* como seres humanos dotados de ação social, portadores de história, capazes de múltiplas relações, produtores de formas culturais próprias construídas com seus pares, apesar de profundamente afetados pelas culturas e sociedades das quais fazem parte. Afirma *a infância* como uma categoria geracional, social e histórica e geograficamente construída, heterogênea, atravessada pelas variáveis de gênero, classe, religião e etnia. A Pedagogia da Infância admite como pressuposto básico a criança como um sujeito de direitos (a provisão, a proteção e a participação social), com base na Convenção dos Direitos das Crianças (1989).

Em seguida, retornei ao ambiente do NVivo e gerei o subcódigo “concepções Pedagogia da Infância” (Figura 9).

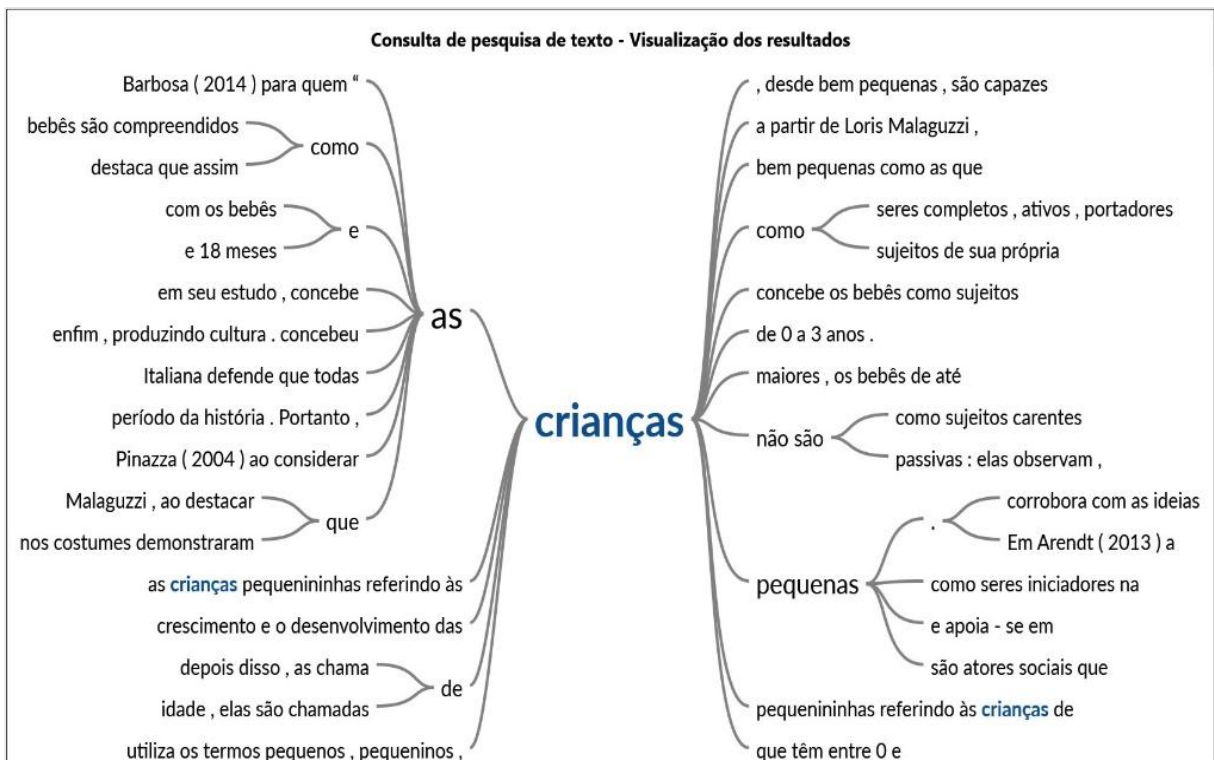
Figura 9 – Concepções de bebês a partir da Pedagogia da Infância



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

As evidências relacionadas com o conceito de bebês, segundo essa perspectiva teórica, apontam para *crianças*, *bebês*, *pequenos*, *ser*, *sujeitos*, *cultura*. Ao desenvolver cada conceito, a maioria dos estudos refere-se aos sujeitos como *crianças*. Desse modo, por meio da árvore de palavras (Figura10), é possível verificar as conexões estabelecidas com o termo *crianças*.

Figura 10 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “criança”



Fonte: elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Em suma, cabe destaque, dentre as ramificações, *bebês compreendidos como crianças, produzindo cultura*. As pesquisas utilizam os termos *pequenos, pequeninos, seres completos, ativos, de 0 a 3 anos, não são como sujeitos carentes, são seres iniciadores*, além de se ancorarem em embasamentos teóricos de *Barbosa (2014), Pinazza (2004), Malaguzzi (1999), Arendt (2013)*. De modo geral, é importante destacar que a preponderância de conceitos defendidos pelos pesquisadores tem fundamentação nos estudos e nas contribuições de Maria Carmen Silveira Barbosa, significativamente.

A partir dessas evidências, é pertinente relacionar alguns dos conceitos contidos nos estudos identificados, segundo essa perspectiva teórica. Bourscheid (2014), por sua vez, lançou mão das contribuições de Barbosa (2010, p. 2): “[...] cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar” para nos dizer que “[...] os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história” (p. 2).

Ainda de acordo com Barbosa (2010, p. 2), para definir “[...] quem são os bebês”, acrescenta a idade biológica ou cronológica às experiências culturais e propõe que, em nossa cultura, “[...] talvez possamos identificar a capacidade de andar, de deslocar-se com desenvoltura e de falar, ainda que apenas através de palavras e pequenas frases, como sinais do final do período de vida da criança a que chamamos bebê”. Por isso, a autora considera como bebês a criança até os 18 meses de vida e, depois disso, ela as chama de crianças pequenas.

Também Varotto (2015) corrobora as ideias de Barbosa (2010), ao considerar como bebê a criança da data do seu nascimento até os 18 meses. A partir daí, ela poderia ser chamada de criança pequena ou pequenininha. Os bebês são trazidos como um grupo que faz parte da categoria geracional infância, mas que se diferencia por suas especificidades. Especificidades essas que receberam um olhar recente, mas em constante crescimento na área da educação e auxiliam a compreender melhor a forma como os bebês interagem, como se desenvolvem, estabelecem relações e se comunicam, tendo o corpo como determinante em suas ações.

Na mesma linha, Marques (2018) também fundamentou seu conceito a partir de Barbosa (2010), ao trazer a compreensão dos bebês como um grupo que compõe a



categoria infância, que possui características próprias de sua faixa etária, além de serem atravessados por variáveis, como classe social, etnia, religião, gênero, nacionalidade etc. Ribeiro (2017) compreendeu a criança a partir das contribuições de Barbosa (2010) ao considerar o bebê como criança até 18 meses de vida. Após essa idade, elas são chamadas de crianças pequenas.

Macedo (2016) concebeu as crianças pequenininhas referindo-se às de 0 a 3 anos. Apoiou-se também nas contribuições de Barbosa (2014, p. 662) para quem “[...] as crianças pequenas são atores sociais que apresentam protagonismo e agência” como protagonistas e agentes de ação e construção social. O conceito defendido por Furtado (2014) se referiu aos bebês a partir dos termos *pequenos*, *pequeninos*, *crianças pequenas*. Apoiou-se em Faria (1994), por concebê-los como seres competentes, capazes de se comunicar de sofisticadas formas, estabelecendo trocas sociais com coetâneos e adultos, por meio de uma rede complexa de vínculos afetivos.

Finalizando esse conjunto, apresento o conceito de Silva (2017), no qual a autora expressou sua concepção em consonância com o documento *Práticas cotidianas na educação infantil: base para as reflexões curriculares* (2009), em que os bebês são compreendidos como as crianças que têm entre 0 e 18 meses e as crianças bem pequenas como as que possuem entre 19 meses e 3 anos e 11 meses. Baseia-se em Barbosa (2010), ao destacar que a idade biológica ou cronológica não deve ser o único aspecto para determinar quando um ser humano é considerado bebê, na medida em que as experiências culturais afetam o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

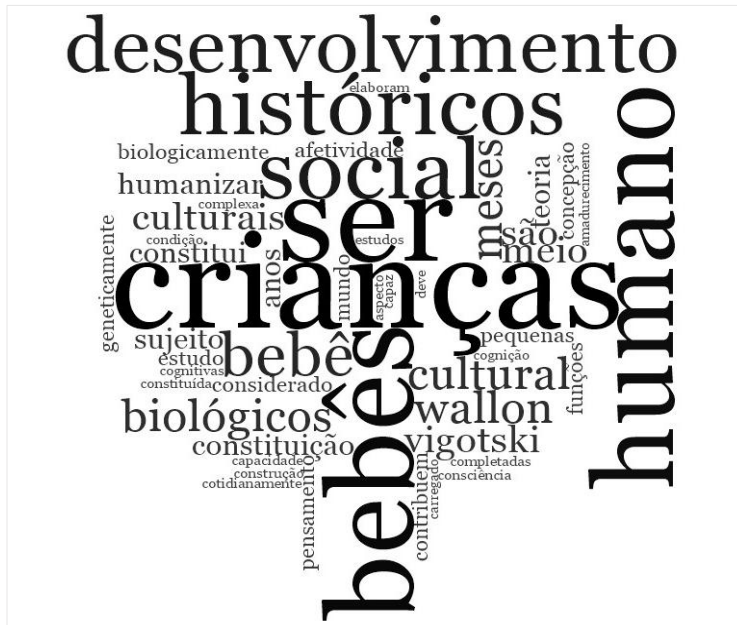
### **3.3.3 Conceito de bebê a partir da Psicologia**

Até mesmo quando o meio se mantém quase inalterado, o próprio fator de que a criança se modifica no processo de desenvolvimento conduz à constatação de que o papel e o significado dos elementos do meio, que permaneceram como que inalteráveis, modificam-se (VIGOTSKI, 1935/2010, p.749, apud PINO, 2010).

Na visão de Vigotski (2003), não se nasce humano, mas torna-se humano na relação com os outros e com o meio no qual se vive. Desde que nasce, a criança vai sendo inserida no mundo da cultura por aqueles que dela cuidam e com os quais ela

convive. As leituras permitiram constatar que 22% dos estudos reconhecem a criança, segundo a Psicologia, pelo viés da perspectiva histórico-cultural, principalmente no que se refere às contribuições de Vigotski e Wallon. Por meio da nuvem de palavras gerada para esta categoria (Figura11), destaco as palavras que mais se evidenciaram.

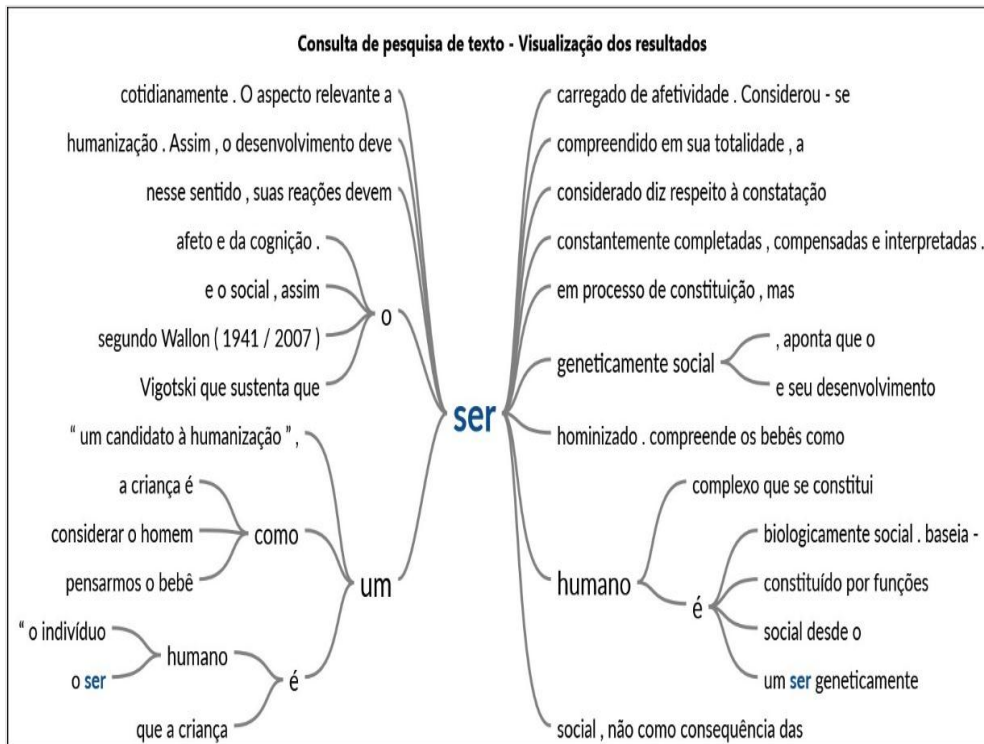
Figura 11 – Concepção de bebê a partir da Psicologia



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

Dentre as palavras, sobressaem as características sob as quais a perspectiva teórica se constitui: *ser*, *crianças*, *bebês*, *histórico*, *cultural*, *humano*. Com base nessa constatação, aprofundi o nível de detalhamento ao gerar uma árvore de palavras (Figura12), cujas conexões têm como eixo a palavra “ser”.

Figura 12 – Árvore de palavras para as conexões da palavra “ser”



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Em se tratando da recorrência da palavra *ser*, foi relevante gerar uma árvore de palavras no intuito de verificar em quais circunstâncias ela se insere. Por meio das conexões, é possível inferir características marcantes da perspectiva teórica em análise. *Ser compreendido em sua totalidade, em processo de constituição, geneticamente social, hominizado, ser humano biologicamente social* etc. Portanto, a partir dessas constatações, elenco alguns dos conceitos ancorados na Psicologia.

Amorim (2017) concebeu os bebês como incapazes de fazer algo por si mesmos, nem ao menos sobreviver. Nesse sentido, suas reações devem ser constantemente completadas, compensadas e interpretadas. Assim, “[...] o indivíduo humano é um ser social, não como consequência das contingências exteriores, mas, geneticamente, biologicamente social” (RODRIGUEZ, 2009, p. 35).

Zurawski (2018) amparou-se nas concepções de Vygotski ao sustentar que o ser humano é constituído por funções naturais, regidas por mecanismos biológicos e culturais, por leis históricas. Essas funções se relacionam e se interpenetram de forma complexa, de modo que é impossível separá-las. Cita Pino (2005, p. 31) ao defender que, “De um lado, as funções biológicas transformam-se sob a ação das culturas, e, de outro, estas têm naquelas o suporte de que precisam para constituir-

se, o que as torna, em parte, condicionadas pelo amadurecimento biológico daquelas”.

Macario (2017) embasou seu conceito em Vigotski (2007) e Wallon (2007), ao destacar que a perspectiva histórico-cultural contribui para pensarmos o bebê como um ser humano complexo que se constitui em um processo histórico de humanização. Assim, seu desenvolvimento deve ser compreendido em sua totalidade, a partir de crises e rupturas, dentro da unidade que conserva os aspectos do todo. Ao considerarmos o bebê dessa forma, estamos contribuindo para a construção de suas condições de humanidade, em seus elementos biológicos, históricos e culturais, reforçando sua condição de sujeito no fluxo da história humana.

Silva (2017) argumentou sua concepção conforme a teoria histórico-cultural, afirmando que a consciência humana, apesar de ter uma base biológica, desenvolve-se fundamentalmente pela atividade social. Para a Psicologia de Vigotski, na teoria histórico-cultural, o bebê é “[...] um candidato à humanização”, um ser hominizado.

Na mesma linha de compreensão, Escouto (2013) baseou-se no conceito de infância, segundo o pensamento de Vigotski, ao afirmar que a criança é como um ser em processo de constituição, mas, ao mesmo tempo, capaz de mostrar sua forma de relacionar-se com os outros, sejam eles adultos, sejam crianças, pois a criança é constituída pelo meio e o constitui. São as interações da criança com o meio e com as outras pessoas que com ela convivem que lhes favorecerão novas vivências e aprendizagens.

O estudo desenvolvido por Oliveira (2016) compreendeu os bebês por meio da perspectiva da abordagem histórico-cultural. Segundo Wallon (1941/2007), o ser humano é um ser geneticamente social e seu desenvolvimento é fruto de uma construção progressiva com fases que alternam a predominância do afeto e da cognição. O ser humano é social desde o princípio.

Simiano (2010) apoiou-se no pensamento de Wallon (1981), ao afirmar que a gênese da constituição humana defende a indissociabilidade entre biológico e social, e o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social. Assim, o ser humano é biologicamente social.

Alessi (2017) baseou-se no pensamento de Wallon, ao considerar o homem como um ser geneticamente social. Aponta que o desenvolvimento humano ocorre entre o organismo e o meio sociocultural, integrando, ainda, o que ele chama de campos ou domínios funcionais: afetividade, cognição, movimento e a pessoa que integra todos os outros. O autor destaca que, para além do aspecto que restringe os bebês em determinada faixa etária, mesmo tendo uma dependência do outro para suprir suas necessidades básicas, principalmente nos primeiros meses de vida, os bebês possuem capacidades físicas, cognitivas, motoras e afetivas que lhes possibilitam interagir com o outro, com o meio e com eles e, por meio deles, aprender e se desenvolver, constituindo a sua subjetividade.

Por fim, Carneiro (2017) trouxe o entendimento de bebês em consonância com o documento *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009). Compreende bebê como crianças de 0 a 18 meses; crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses; crianças pequenas como crianças entre 4 anos e 5 anos e 11 meses. Sobre o desenvolvimento dos bebês, baseia-se no psicólogo francês Henri Wallon. Em seu estudo destaca que os bebês são capazes de interagir, trocar objetos com os companheiros, imitar os gestos, as vocalizações e expressões de outro bebê.

### **3.3.4 Conceito de bebê a partir da Psicanálise**

Finalmente, foi possível detectar estudos (7%) que conceitualizam os bebês à luz da Psicanálise. Segundo Winnicott (1983), a concepção da origem do si-mesmo reside na experiência inicial do encontro inter-relacional humano. Assim, para que o bebê inaugure sua própria constituição, é necessária a presença afetiva e constante de outro, que acolha seu gesto primitivo e espontâneo de vir a ser no mundo. Esse gesto é constitutivo intrínseco à condição humana. A seguir, apresento um panorama por meio da nuvem de palavras (Figura13) no sentido de disponibilizar um retrato inicial das principais evidências contidas nas conceitualizações de bebês à luz da Psicanálise.

Figura 13 – Concepção de bebês a partir da Psicanálise



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

As principais prevalências dizem respeito às palavras *bebê*, *linguagem*, *relação*, *Winnicott*, *Lacan*. Um fator interessante a ser ressaltado é que todos os trabalhos dessa perspectiva teórica fazem uso do termo *bebê* ao tecerem seus conceitos. Para além do fator etário, a constituição do bebê perpassa o viés da subjetividade. Bebês são reconhecidos como seres de linguagem e parte de uma relação, fundamentos esses apoiados principalmente em Winnicott e Lacan. A seguir, estão relacionados alguns dos conceitos para que o leitor possa melhor entender.

Souza (2010), por exemplo, apoiou-se em Winnicott (1987, grifo do autor) ao afirmar que o bebê é essencialmente parte de uma relação: “Aquele que tenta descrever um bebê, logo descobre estar descrevendo *um bebê e mais alguém*. Um bebê nunca existe sozinho, mas é essencialmente um dos termos de uma relação”.

O conceito defendido por Fernandes (2011) compreendeu os bebês a partir da ideia de que o sujeito se constitui pela linguagem. Com o olhar da Psicanálise, o que está em jogo nos anos iniciais da vida é a subjetividade. Será, portanto, pela inserção do sujeito no universo da linguagem que as marcas subjetivas vão se desenhando. Essa perspectiva é baseada em Lacan (1996), ao trazer o conceito de inconsciente como uma instância psíquica que se constitui na relação com o outro, ou seja, alguém do entorno que introduzirá a criança no campo simbólico da linguagem, das leis da cultura.

A pesquisa realizada por Maia (2011) entendeu a infância como um tempo da vida no qual a estrutura psíquica do humano não está decidida e os diferentes aspectos instrumentais encontram-se em pleno processo de aquisição. O bebê se distingue da criança pequena em três pontos centrais: um bebê se caracteriza por uma indiferenciação dos aspectos instrumentais, não tem um Eu minimamente constituído e não conta com o brincar simbólico como forma de responder ao outro.

Mattos (2018) compreendeu os bebês como pessoas movidas por itinerários próprios, sutis, inaugurais na relação com as coisas do mundo. Baseia-se no pensamento de Filosofia de Benjamin (1989, 1995), na Psicanálise (WINNICOTT, 1975, 1983, 2009, 2012, 2014) e na Antropologia Filosófica (BUBER, 1949, 1974, 1991, 2003, 2009, 2011, 2012).

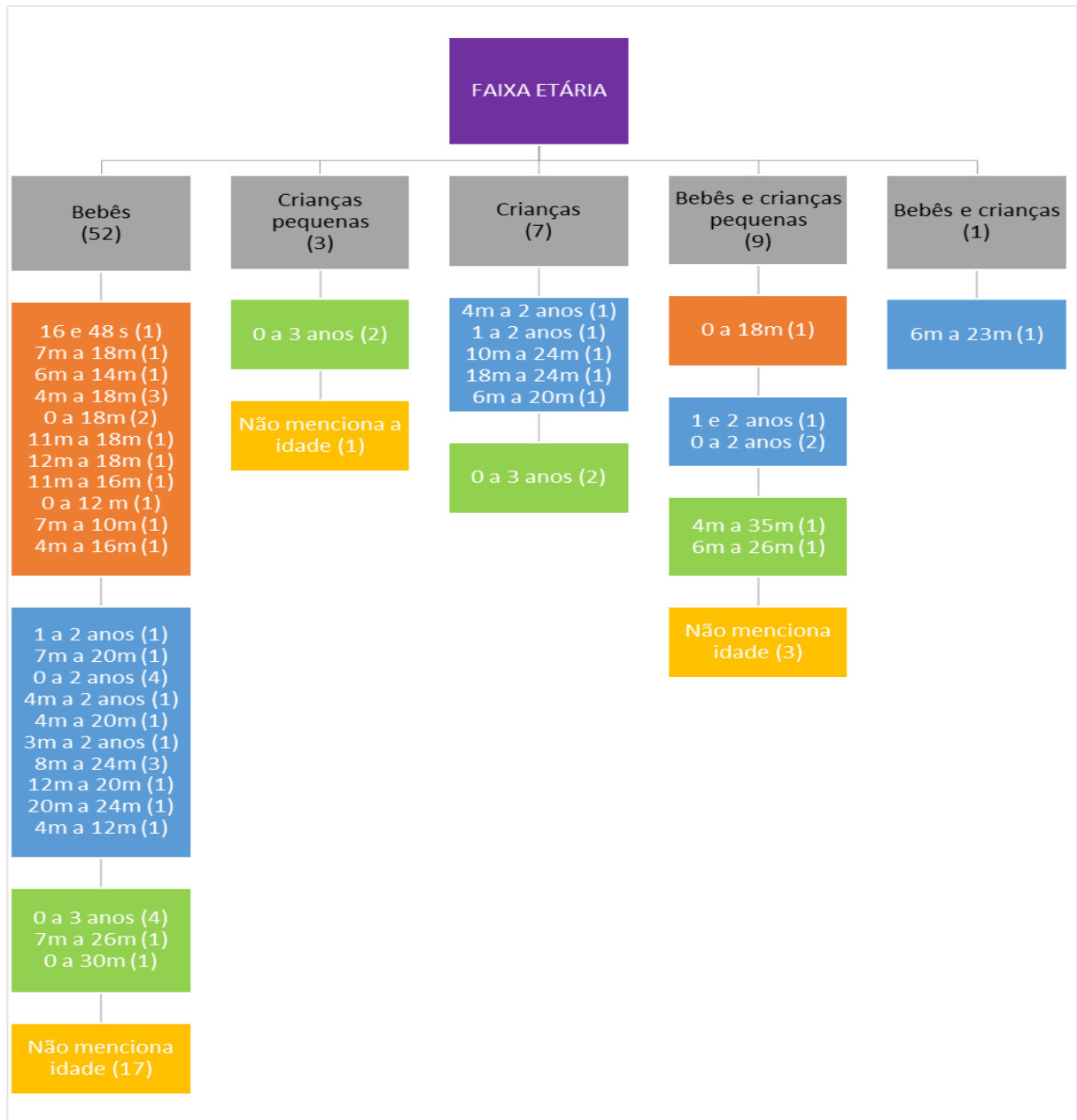
Em seu estudo, Souza (2014) se fundamentou em Lacan para destacar que o homem está, desde antes do nascimento, alienado na linguagem, é um ser de linguagem. Somente poderá tornar-se um sujeito ao acessar o registro simbólico e isso se dá por meio do campo discursivo que se estabelece entre o recém-nascido e o outro primordial. Nesse sentido, o bebê está aberto a aprendizagens únicas nos seus dois anos iniciais de vida.

Ao explorar e elencar os conceitos de bebê, percebi sua relação com o fator etário. Desse modo, torna-se legítimo apresentar a idade dos bebês conforme preconizado nas pesquisas acadêmicas.

### **3.3.5 Faixa etária dos bebês**

A demarcação da idade dos bebês se mostrou preponderante nas produções, haja vista a preocupação, por parte dos pesquisadores(as), em destacar a faixa etária compreendida por eles. De modo geral, foi possível perceber que as concepções de bebês tratadas nas pesquisas têm relação direta com o fator etário, porém não há consenso quanto à idade na qual se enquadram. Localizei estudos, por exemplo, que atribuem um conceito aos bebês simplesmente mencionando sua idade. Portanto, com base na importância dispensada a esse requisito, apresento um retrato (Figura14) acerca das faixas etárias além das formas pelas quais são denominados nas produções – *bebês*, *crianças pequenas*, *crianças*, *bebês e crianças pequenas* e *bebês e crianças*.

Figura 14 – Faixa etária dos bebês



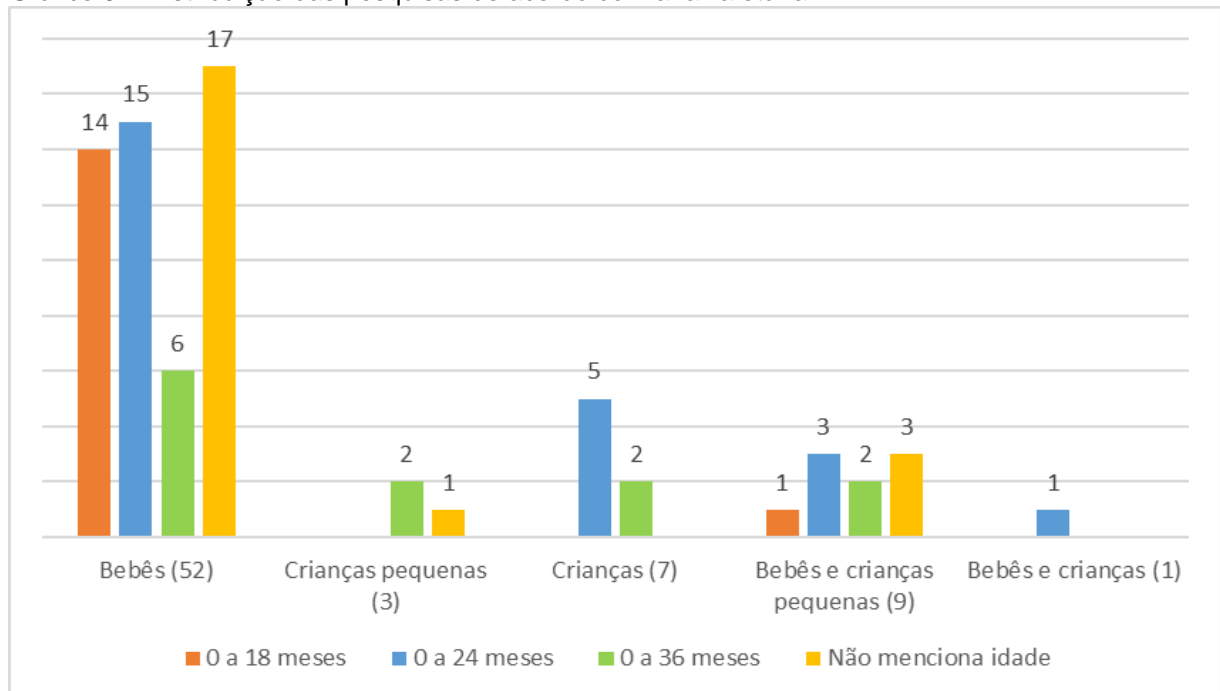
Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Por meio da Figura 14, destacam-se as diversificadas formas pelas quais os bebês são reconhecidos ou nomeados. A partir das leituras, foi possível perceber que, apesar de se tratar de estudos sobre bebês, ao longo das pesquisas, são referenciados pelos(a) autores(as) como crianças, crianças pequenas. Há estudos que ora os tratam como bebês, ora como crianças, ao passo em que em outros são tratados de bebês e crianças. Esse dado chama a atenção, não pelo fato de serem ou não crianças, afinal, não é minha intenção adentrar essa esteira, mas talvez tenha sentido falta de uma ênfase em nomeá-los de bebês.



Outro dado relevante se refere ao significativo número de pesquisadores que abordou o conceito de bebês segundo o documento oficial divulgado pelo Ministério da Educação *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009),<sup>10</sup> que considera os bebês: crianças de 0 a 18 meses; e crianças pequenas: 19 meses a 3 anos e 11 meses. Dada a ênfase dos trabalhos ao fator etário, é relevante apresentar a distribuição das pesquisas realizadas segundo a faixa etária privilegiada (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Distribuição das pesquisas de acordo com a faixa etária



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

No gráfico, estão retratados os sujeitos investigados conforme a faixa etária. Nota-se, por exemplo, que os *bebês* possuem diferentes idades em cada estudo, ou seja, em grande parte das pesquisas identificadas, as *crianças pequenas*, *crianças*, os *bebês e crianças pequenas* e os *bebês e crianças* têm idades que diferenciam, não havendo um consenso entre os estudos analisados sobre a faixa etária

<sup>10</sup> Desenvolvido no ano de 2009 por meio de um projeto de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e Cultura e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo objetivo foi elaborar orientações curriculares para a educação infantil. Dele foi originado o documento *Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009). Esse documento destaca as crianças de 0 a 18 meses como bebês; as crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses como crianças bem pequenas; as crianças entre 4 anos e 6 anos e 11 meses como crianças pequenas; e as crianças entre 7 e 12 anos incompletos como as crianças maiores.

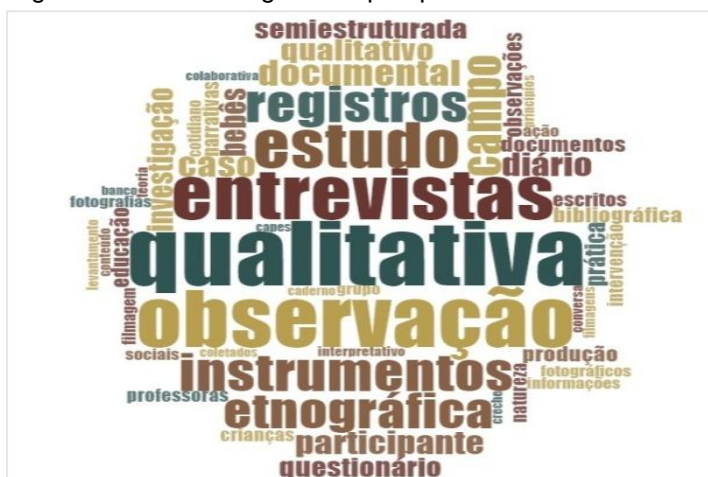
compreendida pelos bebês. Em apenas 21 pesquisas não foi possível identificar a qual idade se referiu a investigação.

### 3.4 PERCURSOS METODOLÓGICOS PREDOMINANTES NAS PESQUISAS

De acordo com Severino (2000, p.18), a metodologia é definida como “[...] instrumentos operacionais, sejam eles técnicos ou lógicos, mediante os quais se podem conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes ou na filosofia [...]”. Nesse sentido, a metodologia torna-se parte fundamental de uma pesquisa científica, uma vez que seu objetivo é explicar todo o conjunto de métodos utilizados que subsidiarão o caminho percorrido desde o início até a conclusão do trabalho. Decidir sobre a abordagem metodológica a privilegiar pressupõe pensar nas questões estruturais a partir do desafio de atender às exigências concernentes a objeto e objetivos propostos em uma pesquisa.

Em se tratando da importância destinada à metodologia, a atenção voltou-se para as pesquisas no sentido de apreender as principais estratégias metodológicas utilizadas nos estudos sobre bebês. Os caminhos escolhidos pelos pesquisadores(as) para alcançar os objetivos e chegar ao fim de cada um dos processos investigativos partiram de diversificados procedimentos metodológicos. Desse modo, achei pertinente adentrar as escolhas metodológicas e os principais instrumentos utilizados tendo bebês como principais sujeitos da investigação. Por meio do NVivo, criei o código “metodologias” para o qual foram importadas todas as informações que se referem a elas. Em seguida, submeti à elaboração da nuvem de palavras (Figura 15) com o intuito de verificar as evidências.

Figura 15 – Metodologias das pesquisas



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Por meio da nuvem de palavras, é possível constatar as principais estratégias metodológicas adotadas pelos autores(as) das pesquisas. Em linhas gerais, os estudos são de natureza qualitativa, além de 0,2% dos trabalhos assumirem, concomitantemente, a natureza quantitativa. Pode-se inferir, com base nas evidências, que as pesquisas sobre bebês adotaram inúmeros percursos metodológicos no sentido de atingir os anseios de investigação.

Dentre as metodologias privilegiadas, destacaram-se: a etnografia, o estudo de caso, as pesquisas do tipo documental, bibliográfica e colaborativa, a pesquisa-ação, a exploratória e a análise do discurso e de conteúdo. De acordo com a nuvem de palavras (Figura 15), as pesquisas de abordagem etnográfica foram as mais recorrentes, tendo como principal instrumento a observação, seguida de diário de campo, registros fotográficos e fílmicos.

Recorri mais uma vez ao NVivo e, a partir do subcódigo criado para “etnografia”, gerei uma outra perspectiva visual estabelecida pelo mapa de árvore (Figura16) com o intuito de verificar as evidências. O mapa de árvore fornece uma percepção visual hierárquica dos principais destaques, ou seja, quanto maior a dimensão da área reservada a cada palavra, maior a sua recorrência.

Figura 16 – Etnografia

etnográfica	estudo	qualitativa	qualitativo	investigação	natureza	corsaro	
				cultural	etnográfico	fenomenol	geertz
	etnografia		inspiração	diálogo	histórico	principios	stake
etnográfico		caso		encaminhar	interacional	teórico	yin
			interpretativo	estratégia	interventivo	woods	

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

A abordagem qualitativa de tipo etnográfico pressupõe os contornos metodológicos de maior recorrência. Por meio do mapa exposto, pode-se verificar em quais circunstâncias ela se coloca no desenvolvimento de cada investigação. Geertz (1989), autor significativamente consultado pelos pesquisadores(as), considera que

fazer etnografia é como *construir uma leitura* de um manuscrito estranho, que possui incoerências e exemplos transitórios.

Logo, a etnografia é, pois, considerada uma descrição densa por compreender uma diversidade de estruturas complexas. Além de Geertz, também foram arca-bouços teóricos autores como Sarmiento, Corsaro, Graue & Walsh. Partindo das evidências apresentadas, é notório retomar os contextos de investigação já tratados no início deste capítulo, pois têm estreita ligação com os procedimentos metodológicos privilegiados, neste caso, pela etnografia que, majoritariamente, se efetivou em instituições de educação infantil.

Ainda com relação às metodologias mais utilizadas, é pertinente ressaltar que parte das pesquisas (33%) não expôs o tipo de metodologia privilegiada. Em sua maioria, demarcaram a fundamentação teórica segundo o cunho qualitativo e, seguidamente, expuseram os instrumentos de pesquisa utilizados para o levantamento dos dados.

Portanto, os procedimentos metodológicos relativos aos instrumentos estiveram demarcados em todas as produções. De acordo com Rudio (1986, p. 114), “[...] chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados [...]”. Isso quer dizer que a escolha dos instrumentos de pesquisa demanda cuidado por parte do pesquisador, no sentido de estabelecer as ferramentas mais apropriadas em relação ao estudo a ser executado. Assim, dada a importância dispensada a essas ferramentas, criei um subcódigo para “instrumentos” (Figura17), no sentido de verificar as preponderâncias.

Figura 17 – Principais instrumentos de pesquisa

entrevistas	registros	semiestruturada	documental	bibliográfica	dissertação	filmagens	levantamento	narrativas
				filmagem	teses	video	atividade	aula
			observações				caderno	
		participante		fotografias	capas	consulta	conteúdo	cotidiano
	campo				conversa	espécime	reuniões	revisão
observação			escritos	fotográficos				teoria
		questionário			grupo	formação	associação	berçário
	diário		documentos	prática		acompanhamento	bibliográfica	cotidiana
					leitura	imagens	bordo	direta

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Por meio do mapa de árvore, é possível constatar as prevalências de instrumentos utilizados, levando-se em consideração os diversos tipos de pesquisas privilegiados. As entrevistas seguidas da observação consistiram nos instrumentos mais recorrentes. Além desses, outros se destacam, por exemplo, o diário de campo, as filmagens, fotografias e questionários. Cabe ressaltar que, assim como na conceitualização dos bebês, o fator idade também é destaque, pois, ao expor a trajetória metodológica de cada investigação, a maioria dos trabalhos teve o cuidado de elencar a qual faixa etária se destinou a investigação.

### 3.5 APORTES TEÓRICOS RECORRENTES

A fundamentação teórica existente em cada estudo pressupõe o conjunto de conceitos ou proposições intimamente relacionados que orientam o pensamento e a investigação. Perspectivas teóricas interligadas a diferentes campos de conhecimento delinearão as bases teóricas das investigações até aqui analisadas. O cuidado, sobretudo do ponto de vista da perspectiva a ser privilegiada que melhor se encaixasse em cada investigação, expressou o esforço, por parte dos(as) pesquisadores(as), em demarcar as bases de sustentação no intuito de atribuir consistência às argumentações de cada percurso investigativo.

De modo geral, situam-se no campo da Antropologia, Filosofia, Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, mais especificamente da Pedagogia da Infância em interface com as perspectivas histórico-cultural e Sociologia da Infância. Portanto, ao identificar o arcabouço teórico de cada pesquisa, verifiquei que sua estruturação destaca o campo de conhecimento ou mesmo a perspectiva teórica sobre a qual se sustentaram as argumentações. Ocupei-me, então, em gerar, a partir do subcódigo “aporte teórico”, uma possibilidade visual (Figura 18) pela qual o leitor possa ter a dimensão das principais evidências acerca das bases teórico metodológicas consideradas pelos estudos como pertinentes na pesquisa com bebês.



A prevalência, quanto à fundamentação das argumentações e ideias, segundo os campos de conhecimento e perspectivas teóricas que alicerçaram os estudos, efetivaram-se por meio de autores e teóricos da infância, principalmente. Destacam-se Barbosa, Sarmiento, Oliveira, Vigotski, Bakhtin, Campos, Winnicott, Wallon, Benjamin e tantos outros. Portanto, baseada na importância dos aportes teóricos em pesquisas científicas, a atenção voltou-se mais uma vez para os resumos dos trabalhos. Verifiquei que 73% das produções sinalizam já no resumo o referencial teórico sobre o qual se sustentou a investigação (Figura 20).

Figura 20 – Referenciais teóricos citados nos resumos das pesquisas



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

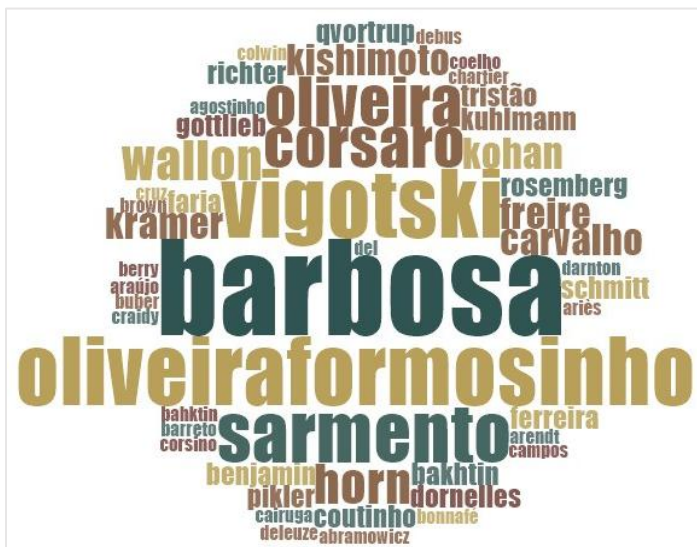
De acordo com os resumos, a recorrência de aportes teóricos enfatiza as contribuições de estudiosos ou teóricos da infância, como Barbosa, Vigotski, Sarmiento, Corsaro, Oliveira-Formosinho, Wallon, Oliveira. A partir dessas constatações, dividi as pesquisas em dois blocos, respeitando os períodos – 2010-2014 – 2015-2018 – para os quais foram gerados subcódigos, a fim de refinar as evidências de autores que foram recorrentes nesses dois intervalos de tempo conforme expressam as Figuras 21 e 22.

Figura 21 – Autores mencionados nos resumos 2010-2014



Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Figura 22 – Autores mencionados nos resumos 2015-2018



Fonte: elaboração da pesquisadora a partir do software NVivo.

Nesse exercício, constatee um total de 21 trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2010 e 2014 e 32 entre os anos de 2015 e 2018. No primeiro bloco, as evidências demonstraram uma prevalência para as contribuições dos estudos da Sociologia da Infância a partir das contribuições de Manoel Jacinto Sarmiento, seguido de Vigotski e Maria Carmen Silveira Barbosa. O segundo bloco se vale dos pressupostos teóricos da Pedagogia da Infância, tendo como principal autora Maria Carmen Silveira Barbosa, seguida de Oliveira-Formosinho, Vigotski e Sarmiento.

Embora não demarquem em seus resumos a fundamentação teórica a que estão submetidas as discussões, os 19 trabalhos restantes ratificam a recorrência dos



autores de acordo com as referências (Figura 23). Confirmam-se as contribuições da autora Maria Carmem Barbosa em sua maioria, seguida de Kuhlmann Jr., Manuel Jacinto Sarmiento, Maria Malta Campos, Zilma Ramos de Oliveira, Sonia Kramer, dentre outros.

Figura 23 – Autores mencionados nas referências

barbosa	campos	rocha	guimarães	cerisara	wallon	gobbato	cohn	coutinho	gottlieb		malaguzzi
							oliveira	formigatti	kohan		ostetto
			faria	larrosa	winnicott	rossettifer					
kuhlmann	oliveira	tristão					richter	pino	cerizar	geertz	moss
			kishimoto	rosemborg	benjamin	abramowit		arendt	pinto	qvortrinaldi	
							corsino				
sarmiento	kramer	ariès	vigotski	schmitt	corsaro	bakhtin		bourdieu	prout		
							freire	bujes	quinteiro	sirota	bond

Fonte: elaboração da pesquisadora a partir do *software* NVivo.

As referências bibliográficas que contribuíram para a fundamentação teórica acerca dos bebês e suas relações com a educação infantil enfatizaram, dentre outros, pesquisadoras/autoras(es) significativamente consultados e que tratam de bebês e educação infantil em sua trajetória de pesquisa. Mais uma vez cabe destaque à autora Maria Carmen Barbosa, além de Daniela de Oliveira Guimarães, Carolina Gobbato, Rosinete Valdeci Schmitti, Ângela Maria Scalabrin Coutinho e Paulo Sérgio Fochi, significativamente citados nas pesquisas.

Outras contribuições foram recorrentes, principalmente no que se refere às questões acerca da trajetória de lutas até o reconhecimento da creche como direito e espaço de educação das crianças de 0 a 3 anos, como: Fúlvia Rosemborg, Maria Malta Campos, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, Ana Lúcia Goulart de Faria, Ana Beatriz Cerisara.

### 3.6 PRINCIPAIS RESULTADOS

*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia...  
(Guimarães Rosa, 1956)*

A trajetória de investigação deste estudo, baseada em cada um dos 72 trabalhos identificados, explicita as contribuições e desafios inerentes às pesquisas com bebês. Nesse processo de investigação, as análises pautadas, principalmente, nos objetivos gerais, nos aportes teórico-metodológicos bem como no conceito de bebê desvelaram as nuances de suas tramas reverberadas nos principais resultados.

Por meio das leituras dos resumos e das conclusões contidas em cada estudo, apresento, a seguir, um panorama referente aos principais resultados obtidos em cada uma das investigações.

Conforme já mencionado, as análises empreendidas a partir dos objetivos gerais enunciaram, dentre outras ideias, as temáticas concernentes a cada pesquisa, cujos desfechos têm nos resultados um aceno às possibilidades e desafios pertinentes às pesquisas com bebês. Portanto, nesta última categoria, a intenção foi retratar um panorama relativo aos principais resultados de cada um dos trabalhos deixando aqui registradas as contribuições, inquietações ou os desafios, do ponto de vista da produção acadêmica, conferindo, assim, possíveis subsídios para a produção de conhecimento científico acerca dos bebês da educação infantil.

As temáticas mais evidenciadas dizem respeito às interações e brincadeiras, também ao espaço/tempo e às práticas pedagógicas ou educativas. Cardoso (2016) enfatizou o brincar em seu estudo. Os resultados permitiram compreender que se brinca com os bebês na creche pesquisada e que tais brincadeiras parecem ser muito significativas para eles.

Com base na metodologia utilizada denominada Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol), que prioriza momentos de discussão em que pesquisador e sujeito se unem para adequar e/ou ampliar uma determinada prática/realidade por meio da construção de novos significados cujos instrumentos metodológicos escolhidos foram observação participante, filmagem e entrevista dialógica, constatou que a implicação das professoras em se empenhar para construir uma prática pedagógica,

priorizando o envolvimento deles nas atividades propostas constituiu-se como prerrogativa.

Assim, o brincar, a partir da interação com as professoras, tornou-se o eixo central do planejamento pedagógico e atividade altamente significativa para a vida dos bebês, para novas descobertas e aprendizagem.

Souza (2010) tratou do brincar em interface com as contribuições da Psicanálise e concluiu, em sua pesquisa, que a criança sabe muito bem quando está brincando, transitando bem pelos espaços. Reforça suas constatações a partir de algumas referências teóricas, a saber: “Toda criança sabe perfeitamente quando está só fazendo de conta ou quando está só brincando” (HUIZINGA, 2004, p.11). E afirma a importância de aprender com elas: “Sabemos que temos dificuldade de tolerar o que não sabemos [...] as qualidades da interação ajudam: poder olhar, tocar e... sobretudo, poder narrar, contar. E, sobretudo outra vez, poder brincar. Brincar é encontrar sentidos” (GUTFREIND, 2009, p.149).

O estudo realizado por Cuzziol (2013) teve inspiração na teoria de Lev Vigotski e em contribuições de outros autores, como Daniel Stern e Michael Tomasello, nos quais buscou desconstruir a imagem hegemônica dos bebês como pacotes biológicos, evidenciando a dimensão social, histórica e cultural do ser humano desde o nascimento.

Assim, por meio da investigação etnográfica acerca das interações de 19 bebês de aproximadamente 7 a 20 meses de idade, os resultados elucidaram as disponibilidades e capacidades deles em compartilhar vivências e aprendizagens culturais, não somente com os adultos, mas também dentre eles – contrapondo, assim, à visão dominante de sua incapacidade sociocognitiva.

Grana (2011) tratou das interações socioafetivas dos bebês de idade entre 10 e 13 meses e 15 e 24 meses de duas turmas de Berçário (I e II). A pesquisa de cunho qualitativo obteve seus dados com base na observação direta, registrada em caderno de campo e filmagem, cujos principais resultados evidenciaram que, em ambos os grupos pesquisados, as interações entre os pares estiveram presentes e ocorreram de modo rico e variado, ou seja, foram identificados diversos tipos de condutas dos bebês ao interagirem entre si, como: observação, disputa, imitação,

expressão de contentamento e descontentamento, disputa, colaboração, convite e compaixão.

A partir dos resultados, a autora pretendeu contribuir para a melhoria da percepção dos educadores infantis sobre as interações sociais entre bebês e seus pares, oferecendo-lhes instrumentos que favorecessem as interações positivas e harmoniosas, cooperando, dessa forma, para o desenvolvimento desses bebês.

O estudo desenvolvido por Macario (2017) acerca da potência das interações perpassou o viés da perspectiva histórico-cultural conforme Vigotski e Wallon. Os principais resultados decorreram de seis meses de observação das interações entre os bebês em situações cotidianas de uma creche. Os dados apontaram para a potência e para a expressividade das interações entre bebês, como locus de aprendizagens e significações.

As interações na creche pesquisada aconteceram de formas diversas durante a rotina vivenciada por eles, ou seja, nas horas de brincadeira, exploração e alimentação, possibilitadas pelas diferentes linguagens evidenciadas pelos bebês, como o olhar, o choro, silêncio, expressões faciais, gestos e movimentos. O estudo enfatizou a importância da creche como lugar para os bebês como ponto de encontro, de interações, aprendizagens e compartilhamentos com o mundo cultural do qual fazem parte. A pesquisa não concentrou atenção nas interações de bebês e adultos. No entanto, os dados produzidos revelaram aos adultos responsáveis pela educação/cuidado na creche a potencialidade das interações.

A investigação desenvolvida por Silva (2016) tratou das possibilidades educativas do trabalho pedagógico com os bebês em um espaço público de educação infantil considerando as experiências e as múltiplas relações/interações que eles vivenciam no cotidiano do berçário. O referencial teórico ancorado na Sociologia da Infância foi de fundamental importância, de acordo com a pesquisadora, para a compreensão da infância como uma construção histórica, cultural e geograficamente contextualizada sendo as crianças que a compõem atores sociais plenos e constituídos na cultura e construtores de cultura.

Na instituição investigada, foi possível criar uma condição que permitiu que os momentos ligados ao cuidado (banho, troca de fraldas, alimentação e sono)

pudessem ser mais bem aproveitados, não reduzindo ou restringindo essas atividades a *ações mecanicistas* ou *automatizadas*. Ou seja, era possível explorar as dimensões pedagógicas que envolvem o cuidar. Havia um maior envolvimento e estreitamento do vínculo com os/as bebês de maneira que os banhos podiam ser demorados. O/a bebê tinha o tempo *Aión* para brincar com a água, com os brinquedos e sua professora, pois, enquanto uma estava envolvida nessa tarefa, as demais docentes estavam com o restante do grupo estabelecendo outras interações.

Dentre os resultados, destacou que a creche delimitada para realização do estudo constituiu-se como espaço potente de valorização das crianças pequenas, uma vez que busca desenvolver práticas educativas que reconhecem a(s) criança(s) como produtora(s) de cultura e sujeito(s) de direitos.

Os resultados da pesquisa de Cera (2010), cuja intenção foi avaliar os modos de convivência como constituintes do desenvolvimento das crianças em salas de Berçário I e II, evidenciaram, dentre outras implicações para o desenvolvimento dos bebês, as violências por eles sofridas. Por meio da observação participante, foi possível detectar o desrespeito ao ser humano.

Em algumas salas as crianças sofrem graves violências seja de ordem emocional ferindo sua autoestima, quando os educadores são hostis, xingam, humilham e ridicularizam os pequenos, seja na forma da violência física, quando, além da violação do corpo, são negligenciadas as necessidades fundamentais do ser humano, como beber água e ter um espaço digno para se desenvolver e, ainda, a violência simbólica, que emerge da falta de estimulação crucial no desenvolvimento delas.

Os dados revelaram que, dos tipos de violência mais presentes no convívio das pessoas, a violência emocional é a que mais desponta. Segundo a pesquisadora, esse tipo de violência é mais sutil, porque deixa traços, corrói a subjetividade, a autoestima, o desenvolvimento saudável harmonioso, a personalidade e a vida, sem marcar o corpo.

Com relação ao espaço, na pesquisa desenvolvida por Alves (2013), os resultados indicaram que o ambiente do berçário pode ser compreendido como um contexto de construções sociais e espaciais, em que a criança pequena, por meio de sua

vivência, estabelece relação com o espaço e com seus pares na tentativa de significar o mundo que lhe é apresentado. Saliou que os eventos interativos apresentados pelos bebês revelam que as oportunidades percebidas e as explorações dos artefatos culturais disponíveis no ambiente de educação coletiva funcionam como recursos importantes que a criança pequena emprega para se comunicar, agir e significar o mundo à sua volta.

As análises do estudo realizado por Coelho (2015) enfatizaram que as formas de organização dos espaços e dos tempos regulam as possibilidades de ação dos bebês e das professoras no ambiente da creche. Do mesmo modo, podem favorecer as interações que os bebês estabelecem entre si e com os adultos, bem como com os materiais, e a exploração dos diferentes espaços em que circulam. O estudo evidenciou que é na interação com os pares que os bebês atuam de modo ativo, compartilham emoções, conflitos, apropriam-se das regras do ambiente e ampliam suas experiências, assim como o repertório de práticas culturais.

Nesse sentido, a organização do espaço deve ser pensada de modo a favorecer essas interações já que se constituem em um elemento educador. Desse modo, a organização do tempo, por sua vez, deve assumir um caráter flexível em frente às necessidades dos bebês. A ação pedagógica com os bebês deve considerar suas necessidades e, sobretudo, suas intenções e múltiplas formas de comunicação.

Silva (2015) enfocou o uso tempo no cotidiano de dois bebês de 11 e 18 meses inseridos em uma creche pública. Utilizou diário de uso do tempo e entrevistas com as famílias. As categorias analíticas destacadas nesse trabalho foram: sono, alimentação, higiene e brincadeiras. Para cada situação vivenciada pelos bebês, houve um ethos caracterizador que permitia reconhecer qual o comportamento esperado por eles. Contudo, os bebês não se limitaram a responder apenas a isso, pois houve uma negociação entre as suas demandas e as determinações impostas pelos contextos.

Dentre os principais resultados, a pesquisadora concluiu que as ações dos bebês mostraram-se parte importante da organização do tempo familiar com mais ou menos centralidade, em alguns casos. Na creche houve uma estruturação mais rígida do tempo e do espaço. Por fim, considerou que a inclusão dos bebês em

pesquisas sobre o *Uso do Tempo* poderia facilitar os estudos comparativos acerca do cotidiano de bebês em diferentes contextos socioculturais.

Simiano (2010) apresentou, como parte dos resultados de sua pesquisa, a importância de um espaço organizado para os bebês, pois o espaço educa, expõe ideias, externaliza mensagens. O prédio, o mobiliário, os objetos e sua organização potencializam ou limitam as aprendizagens dos bebês, pois correspondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. No processo de constituição social, psíquica, afetiva e cognitiva dos bebês, é necessário, contudo, ir além do espaço físico, da materialidade, atentando para a ocupação e os sentidos estabelecidos entre os bebês e os adultos.

Silva (2018) destacou os dados produzidos em seu estudo por revelar que a dimensão pedagógica da organização dos espaços para bebês se evidencia pelas brincadeiras, explorações e interações suscitadas por eles. Revisitar e refletir sobre os momentos protagonizados pelos bebês e educadoras nos diferentes espaços da creche conduziu os sujeitos dessa pesquisa a valorizar os arranjos espaciais que compartilhavam experiências, cotidianamente, reconhecendo-os como importante componente curricular da prática pedagógica com bebês.

Gobbato (2011) evidenciou, dentre os resultados de sua pesquisa, que os bebês constroem novos significados para a escola por meio das ações e relações sociais que estabelecem quando estão nos diferentes espaços da instituição, reconfigurando-os pela sua participação. O estudo sugere uma revisão da sala como local único e privilegiado para as aprendizagens dos bebês na creche, uma vez que os dados da pesquisa mostraram que elas são ampliadas e potencializadas nos seus diferentes espaços, o que implica a necessidade de qualificá-los na medida em que são concebidos como contextos que educam.

O estudo proposto por Araújo (2016) buscou investigar o entendimento de espaço lúdico por parte das professoras como elemento formador de uma creche municipal. A pesquisadora salientou, ao final de sua pesquisa, que as professoras têm um maior envolvimento no trabalho pedagógico com os bebês. Elas perceberam o quanto sua postura é fundamental no processo de desenvolvimento dos pequenos, contribuindo mais umas com as outras nos momentos de rodas de conversa, disponibilizando-se, ainda mais, na criação de estratégias apropriadas à faixa etária

de bebês bem pequenos. Reconheceram também o potencial dos bebês como contribuintes para o planejamento e construtores do próprio conhecimento, bem como a importância dos espaços lúdicos da creche como elementos formadores.

Gonçalves (2014) analisou dissertações de mestrado e teses de doutorado entre os anos de 2008 e 2011 a fim de aprofundar os estudos sobre as práticas pedagógicas com as crianças de 0 a 3 anos de idade. Os resultados apresentaram como destaque a organização dos tempos e espaços como um dos elementos centrais que caracterizam a especificidade docente com essa faixa etária. Por fim, emergiram com grande evidência, dentre as dissertações analisadas, perspectivas de pesquisas as quais assumem um posicionamento metodológico que busca se aproximar dos pontos de vistas das crianças, considerando-as partícipes legítimas da pesquisa.

O estudo realizado por Muniz (2017) dialogou sobre as formas pelas quais os bebês interrogam a prática das professoras no que diz respeito às ações de cuidado nos momentos de higiene, alimentação e sono e como esse cuidado é expresso na relação com os bebês. Dentre os resultados, constatou que os bebês instauram modos outros de serem percebidos em sua inteireza. Criam estratégias para serem vistos e atendidos. Interrogam uma prática que tende a ser homogeneizadora pelo caráter de docência atribuído a uma historicidade. Os bebês descentralizam a atenção, os moldes opacos em que a vida é sustentada. Dão cor aos seus dias. Dão vida por ser a própria vida. Compartilham de experiências a partir de suas próprias criações. Revelam a necessidade de alargar o modo monocromático de olhar. Atualizam nossos saberes a partir de suas narrativas, suas linguagens.

Silva (2018) constatou, em seu estudo que versou sobre a qualidade das práticas educativas, que a professora e os demais profissionais apresentam divergências de concepções de criança que dificultam a coesão do grupo de trabalho do qual fazem parte no que se refere à condução dos mesmos procedimentos para as diferentes situações e momentos do cuidar e educar.

A autora observou a intencionalidade em algumas ações, entretanto evidenciaram-se, em várias situações, posturas e práticas equivocadas, como: demasiado autoritarismo, pouca interação de afeto com as crianças, conduta ou atitude mecânica no trato com elas crianças em momentos de higiene e alimentação e,



também, não selecionar materiais adequados, não propor desafios, não respeitar os ritmos de cada uma, privilegiar crianças e suas famílias em detrimento de outras, dentre outros aspectos peculiares à rotina do berçário que necessitaram de um olhar atento para qualificá-los.

Constatou que as docentes não reconhecem a criança como protagonista e sujeito social. Percebeu, nas práticas, nos fazeres e em atitudes e condutas das profissionais, uma visão tradicional, centrada na preocupação com o comportamento das crianças. Sendo assim, é notória a necessidade, por parte das profissionais, de aprofundamento em leituras, troca de experiências, apropriação dos documentos oficiais que proporcionem a reflexão a respeito das práticas, visando a qualificá-las, como também do próprio planejamento de trabalho semanal.

Varotto (2015) pesquisou as práticas pedagógicas que norteiam a atuação das professoras de Educação Física da rede municipal de Florianópolis. A pesquisadora salientou que as análises apontam para uma aproximação da Educação Física com a educação infantil que se traduz em ações que buscam o envolvimento com a rotina diária dos bebês e com modelos de atuação que superam a fragmentação do tempo da Educação Física com horários predeterminados.

A docência compartilhada sugere a aproximação da Educação Física com os demais profissionais que atendem a esse grupo de crianças, marcada por encontros, mas também por desencontros, a partir de diferentes concepções de criança, de corpo e de educação.

A especificidade da Educação Física nos grupos de bebês evidenciou uma prática também caracterizada por diferentes concepções e formas de atuação, mas que reflete a descoberta de novas possibilidades, organizando ações a partir do movimento de auscultar os bebês. Os elementos abordados em cada uma das categorias mostraram uma multiplicidade de práticas desenvolvidas pelas professoras de Educação Física com bebês, marcadas pela indefinição do papel dessa área nesse grupo de crianças e pela falta de subsídios teórico-metodológicos para auxiliar as professoras.

No entanto, apesar disso, as professoras têm estabelecido ações a partir das reflexões coletivas via formação continuada, da convivência com os bebês e das

trocas com suas colegas, que se traduzem em rupturas e avanços nesse cotidiano e, assim, contribuem de forma mais efetiva com a educação infantil na educação dos bebês.

O estudo desenvolvido Winterhalter (2015) propôs investigar a especificidade das práticas na creche. Como resultados desse trabalho, destacaram-se: as especificidades de práticas sociais, como alimentação, higiene pessoal e sono produzidos como práticas educativas na indissociabilidade do educar e cuidar de bebês e crianças pequenas; as características e as funções docentes de atenção às diferentes linguagens, planejamento, organização dos espaços, mediação das interações e brincadeiras como especificidade do trabalho das/os professoras/es de bebês e crianças pequenas; e a especificidade dos espaços e ambientes para bebês e crianças pequenas na educação infantil como oportunidade de intervenções diretas com as crianças; a organização de diferentes espaços e exploração de diferentes objetos para interações e brincadeiras.

Silva (2017), ao analisar as formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas na creche, bem como as concepções de suas professoras sobre tais formas de participação, apresentou, como principais resultados, que as práticas cotidianas da instituição pesquisada eram permeadas pela dissociação entre as ações de cuidar e educar, pela transmissividade de conhecimentos, pelo cerceamento e, ao mesmo tempo, pela invisibilidade da participação social dos bebês. Estes, com todas as suas potencialidades, rompiam com a perspectiva dessas práticas e demonstravam ser desejosos e capazes de participar das atividades cotidianas que vivenciavam na creche por meio de suas ações imitativas, dos conflitos com os pares e da construção de relações de amizade.

Por outro lado, suas aprendizagens e desenvolvimento eram limitados pelas práticas e concepções docentes que, de modo geral, associavam suas formas de participação social apenas às atividades ditas pedagógicas, que objetivavam valorizar aspectos do desenvolvimento cognitivo.

As análises contidas no estudo realizado por Nascimento (2015), cuja centralidade foi a organização das rotinas como práticas dos Centros Municipais de Educação Infantil de um município do Paraná, focalizaram que a rotina, como uma organização do tempo, do espaço e das ações das crianças e dos adultos nas instituições

pesquisadas, acontece de modo externo e rígido. Essa rotina efetiva-se em função da infraestrutura e dos horários de funcionamento das instituições, em especial da cozinha, limpeza e horário de trabalho das profissionais, sendo desconsideradas as especificidades e singularidades dos bebês. O estudo revelou, assim, que a rotina era organizada e operacionalizada pela lógica do mundo adulto e não a partir das necessidades das crianças.

Os principais resultados das pesquisas apresentados a seguir versam sobre as experiências com livros, bem como sobre as contribuições da literatura para/com os bebês. Voltam-se, ainda, para as relações que se dão no contexto das instituições de educação infantil, da docência com bebês e suas especificidades e, também, das experiências com a música.

Escouto (2013) investigou as formas de interação dos bebês com a esfera literária e, por conseguinte, como se pode formar o leitor-literário no contexto da educação infantil. Por meio da pesquisa de cunho qualitativo, apoiada em estudo de caso, em uma turma com crianças de dois anos de idade, a pesquisadora constatou que a formação do leitor-literário tem seu espaço na creche, pois o trabalho ali desenvolvido proporciona condições e fornece elementos para que essa formação se institua e se consolide pelo convívio da criança com adultos-leitores, com as outras crianças que frequentam a instituição e pelo acesso a livros de leitura, ou seja, à palavra literária.

A formação do leitor-literário passa, portanto, pela relação entre as palavras das crianças e as dos outros que participam da construção da história de leitura da criança e lhe possibilitam a aprendizagem e o desenvolvimento do que se refere à produção literária e, também, por outros enunciados próprios desse campo de conhecimento. A leitura, nesse espaço institucional ganha, assim, o estatuto de conhecimento a ser construído de modo sistemático.

A pesquisa realizada por Guimarães (2011) tratou das interações dos bebês com o objeto livro em uma sala de berçário com crianças de até dois anos de idade. A análise dos dados possibilitou perceber que, tanto no manuseio do suporte livro como na escuta de narrativas produzidas pelas adultas, as crianças elaboraram modos/jeitos próprios/singulares/específicos de uso/leitura dos livros, os quais estão embasados na cultura de uso do livro do universo letrado, mas não ficam reduzidos

a elas. Suas apropriações, usos e significações escapam às regras das práticas de leitura dos adultos. Morder, dobrar, lambar, cutucar, ver com as mãos, entender com as papilas gustativas são, muitas vezes, as primeiras experiências de leitura.

Em seu estudo, Serra (2015) investigou os critérios que definem as escolhas dos escritores, ilustradores e editores no que concerne à linguagem verbal e visual, ao conteúdo, à forma dos livros infantis para a faixa etária de crianças que frequentam a creche – 0 a 3 anos de idade. A investigação contou com uma revisão bibliográfica e oito entrevistas semiestruturadas com duas especialistas em literatura infantil e seis escritores, ilustradores e editores premiados.

Dentre os resultados, a pesquisadora constatou que, embora a arte literária seja antifaixa etária, os livros para crianças desde bebês, de reconhecida qualidade, apresentam uma simplicidade poética, na forma e no conteúdo, que se traduz na busca da beleza na plasticidade da cor, do traço, da palavra, da sonoridade. Como são livros a serem lidos pelo adulto com a criança, cabe ao adulto estar sensível aos movimentos da criança, respeitar a cadência própria de cada uma, lembrar que a literatura dispensa explicações e que o entendimento da criança chega em partes e por partes. Nessa perspectiva, *focalizar nesse 0 a 3 anos talvez seja sair do 0 a 3*.

Mattos (2018) investigou os itinerários percorridos pelos bebês até o encontro com os livros e os elementos que convidam ou provocam essas interações. Os resultados demonstraram que os itinerários relacionais dos bebês apontam para uma relação subversiva com o livro que se coaduna com os movimentos inaugurais, espontâneos, marcados pela força dos gestos que põem o livro *al dente*; do livro que instiga jogo a partir de sua materialidade – abre-fecha-abre-fecha –, dos brinquedos com a língua, da reciprocidade e do vínculo que se desdobram a partir das relações e interações entre pessoas e livros. Especificidades que convidam a refletir sobre o antes, os gestos e os movimentos que despontam possível gênese da descoberta do livro pelo bebê.

A partir dessa relação, o livro revela-se como matéria e materialidade fora do lugar ordenado, sacralizado que, por vezes, ocupa institucional e socialmente, levando-o a ser alterado, modificado, atualizado a partir da força transformadora do bebê. Faces e interfaces geracionais que se fiam na sutileza, na reciprocidade, no vínculo, confirmando a relação como princípio.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa de Pinto (2018) revelaram a importância de o professor utilizar a leitura literária com frequência também nas turmas de berçário dando a atenção necessária a esse meio que permite a inserção dessa faixa etária no mundo letrado, admitindo inúmeras possibilidades de ampliação do desenvolvimento dos bebês. Refletiu ainda acerca das diferentes formas de interação e diálogo entre o universo literário e as vivências dos bebês, que se apropriaram do enredo de cada obra de maneira natural, por tratarem de temas de interesse dos pequenos. Como resultado, foi observada a ampliação do conhecimento de mundo e de sua capacidade de compreensão e expressão.

Por meio de seu estudo, Rodrigues (2016) procurou investigar, a partir de narrativas das professoras, presenças e sentidos de práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos de idade em três unidades municipais de educação infantil do município de Niterói. Os resultados apontaram que as professoras das crianças de 0 a 3 anos de idade vêm buscando ressignificar suas práticas, demonstrando preocupações inclusive com a qualidade editorial do material destinado aos bebês. Foi possível perceber várias representações de leitor, fato que, em alguns casos, contribui para a escolha dos livros e para o direcionamento de atividades, bem como para a organização do material impresso.

As práticas narradas revelaram os vários modos de ler e como a observação e conhecimento das preferências dos grupos de crianças direcionam as escolhas. Algumas vezes, a situação não é planejada, mas surge espontaneamente, por exemplo, a presença de revistas de dieta na rodinha e bebês interagindo com os jornais que estavam forrando o chão do banheiro. O modo como as práticas foram narradas possibilitou o surgimento de pistas para a percepção do papel do professor na promoção de práticas leitoras.

As relações foram tratadas no estudo realizado por Castelli (2015), cuja ênfase se deu entre bebês e crianças mais velhas de uma instituição de educação infantil. Os resultados salientaram a importância dos encontros. A partir deles, bebês e crianças mais velhas (re)elaboram suas culturas infantis, especialmente por meio de brincadeiras; observam outros bebês e crianças mais velhas e participam com eles de situações de aprendizagem. Por meio dos encontros, bebês e crianças de outras idades iniciam amizades e também há a valorização dos bebês mais novos por meio

do cuidado estabelecido na disponibilidade das crianças mais velhas em cuidar e dar carinho aos bebês.

Todas essas possibilidades que emergiram dos encontros, juntamente com posturas docentes mais abertas a romper com a lógica escolar consolidada, ajudaram a destacar que, assim como aponta Rogoff (2005), as diferenças culturais decorrentes do envolvimento de crianças de idades/subgerações variadas são importantes para as relações sociais que as crianças desenvolvem, o que evidencia a necessidade de que sejam ampliados os tempos-espacos para a promoção de relações multietárias/intersubgeracionais na escola infantil.

Em sua pesquisa, Mallmann (2015) investigou os modos como um grupo de bebês se relacionou com diferentes materiais, denominados como Materiais Potencializadores (organizados à base de produtos naturais e/ou de alimentos, bem como daquilo que é descartado). Dentre os resultados, a pesquisadora ressaltou que as relações estabelecidas no contato com os materiais intitulados potencializadores possibilitaram a ampliação das experiências sensoriais e sensíveis nos bebês, na medida em que foram construídas, a partir de uma atenção para o sensorial, o sensível. Esse fato possibilitou constituírem seus conhecimentos, passando a compartilhá-los entre eles e com os adultos, ampliando decisivamente suas interações.

Os principais resultados obtidos, por meio da pesquisa realizada por Garcia (2018), salientaram que a natureza das relações professoras-bebês, condicionada aos traços de personalidade de cada uma das professoras, denota a ausência de ações pensadas, em conjunto, dentro de um projeto comum para o berçário. Nessa perspectiva, concluiu que as práticas das professoras pautadas no olhar e na escuta cuidadosa dos bebês criaram condições favoráveis ao bem-estar, ao envolvimento, à participação e à aprendizagem, diferentemente de ações mais preocupadas em cumprir as expectativas dos adultos.

As evidências sugeriram que uma “Pedagogia para bebês” deve atentar, essencialmente, à concepção de um ambiente educativo de berçário, na busca do bem-estar dos bebês, como condição essencial à promoção de envolvimento e experiências de aprendizagem e, ao mesmo tempo, ao investimento em formação

de profissionais especializados, sensíveis às peculiaridades dessa etapa educacional e capazes de delinear e partilhar projetos de ação para o berçário.

Em seu estudo, Pena (2015) procurou compreender as relações sociais, técnicas e os sentidos do cuidado no berçário de uma instituição de educação infantil da cidade de Belo Horizonte, sobretudo como constitutivo da condição humana, o que envolve as complexas relações entre a manutenção da vida, a construção do artifício humano que constitui o mundo, a ação e o âmbito propriamente político dessa condição. Dentre os resultados, destacou a centralidade do cuidado e educação no contexto do berçário, o qual, por sua vez, pode contribuir para pensar uma pedagogia preocupada com a formação de seres humanos que lutem para que sejam reconhecidas as suas expressões máximas de humanidade. Assim, no decorrer dessa luta, poderiam competir menos e cuidar mais uns dos outros.

Schmitt (2014) tratou em seu estudo das relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas. Os resultados evidenciaram a composição de uma multiplicidade simultânea de relações que ocorre nos grupos pesquisados envolvendo não apenas a ação das profissionais sobre as crianças e bebês, mas também, de forma concomitante, diversas ações e relações iniciadas pelas crianças entre si e com o ambiente.

Essa composição relacional indica a existência de uma ação docente não linear, dada a condição de uma policronia que envolve uma série de ações simultâneas vividas pelos diferentes atores que compõem esse contexto.

A ação simultânea das crianças nos espaços indica a necessidade de pensar em uma ação docente que se efetiva não apenas pela presença diretiva das profissionais, mas, enfaticamente, por uma composição de tempos e espaços que são estruturados inicialmente pelas profissionais para as experiências pessoais e coletivas das crianças.

Observou também que a dimensão corporal é central na composição das relações sociais com bebês e crianças pequenas, tanto no que se refere à visibilidade das suas ações sociais, como também das profissionais com quem eles se relacionam. Acerca ainda da dimensão corporal, ressaltou uma interferência forte dos bebês na constituição das dinâmicas relacionais no contexto da creche, no cruzamento de sua condição biopsicossocial e cultural. Essa interferência vai se alterando na

composição das relações dentro da instituição, à medida que os bebês vão crescendo e se inserindo nas regras da instituição.

Fernandes (2011), ao observar as relações cotidianas entre educadoras e bebês de uma turma de Berçário I, em uma escola de educação infantil, baseada em referenciais metodológicos inspirados em Bondioli (2004), constatou que educar bebês não consiste em aplicar técnicas, ou seguir um currículo prescrito, tampouco, tomá-los apenas como corpo a ser higienizado, alimentado e protegido.

Considerou que se fazem presentes, entre educadores e bebês, as relações que provocam e estruturam o desenvolvimento da subjetividade. Desse modo, ancorada em autores, como Cordié (1996), Dolto (1997), Kupefer (2007) e Lojonquière (2009), afirma a hipótese de que educar é subjetivar. Partindo da análise de cenas do cotidiano vivenciadas na escola de educação infantil, concluiu que realizar função materna, dirigindo palavras e escutando as manifestações do bebê, é tarefa importante do educador.

Os resultados empreendidos no estudo realizado por Dagnoni (2016), que versou sobre as fontes de saberes das professoras de bebês, apontaram para a predominância de saberes experienciais conforme a classificação de Tardif (2008). A produção de dados foi realizada por meio de grupo focal. O ponto de partida para as análises amparou-se nas rotinas das creches e nas demandas diárias apontadas pelas professoras. Dentre os resultados, destacou um saber específico do cotidiano da creche que se constitui de forma singular durante as práticas com os bebês, agregando as experiências profissionais e pessoais das professoras numa cultura própria da creche.

O estudo realizado por Duarte (2011) apontou a ação docente com bebês carregada de especificidades que denotam, principalmente, as particularidades da faixa etária dessas crianças, além de contar com uma *docência partilhada* que prevê outras pessoas envolvidas nessa rede de relações. O estudo trouxe a compreensão de que *ser professora de bebês* é exercer uma docência chamando a atenção para uma ação marcada por relações, visto que esse é o princípio central do ser professora de crianças pequenininhas. Essas relações se constituem por meio de dimensões educativas que consolidam a especificidade da ação docente das professoras de



bebês, as quais, nesta pesquisa, correspondem à dimensão das relações de cuidado e à dimensão das relações corporais.

A pesquisa desenvolvida por Ramos (2012) envolveu acadêmicos de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso e privilegiou investigar as representações sociais sobre ser professora de bebês. Os resultados revelaram que as evocações referentes à expressão indutora *professora de bebês* indicam que os atributos: *ensino, cuidado e educação* concorrem para a centralidade da representação, e as evocações *formação, mediadora, pedagoga, profissional, educadora, tia e babá*, destacadas na zona de contraste, anunciam que o contato com o universo acadêmico proporcionado pela universidade pode estar contribuindo para uma ressignificação da representação sobre profissionais que atuam em berçários, embora os dados revelem que há um silenciamento acerca dos conteúdos associados ao caráter educacional da ação docente no berçário, além de indicar papéis sociais concorrentes, ora anunciando conteúdos profissionais ancorados na imagem da professora do ensino fundamental, ora indicando papéis sociais sustentados em práticas de maternagem.

Marques (2018) desenvolveu seu estudo sobre a formação inicial de professores e seus desdobramentos para a docência com bebês. Desse modo, buscou analisar as contribuições do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, no que refere à docência com bebês. A análise dos dados revelou que a formação oferecida no Curso de Pedagogia presencial da Faced/UFC, instituição pesquisada, não contempla efetivamente a complexidade e as peculiaridades da prática docente com os bebês. Apesar de a maioria dos sujeitos reconhecerem a boa formação para a docência na educação infantil e algumas iniciativas relacionadas com as práticas pedagógicas com bebês efetivadas ao longo dos dois últimos anos, eles consideraram que ainda são oferecidas poucas oportunidades, dentro e fora das disciplinas do currículo do curso, que possibilitem aos estudantes de Pedagogia a apropriação de temas importantes associados aos bebês e seus processos educativos.

Ao final de seu estudo sobre a correspondência entre os movimentos externalizados e a situação social de desenvolvimento dos bebês no primeiro ano de vida, Silva (2017) conclui que a creche não pode se prender à maternagem, aos cuidados

físicos ou a práticas estereotipadas. A observação atenta e constante daquilo que os bebês nos dizem é que irá guiar a organização do espaço, dos materiais, do tempo, da proposta, da postura, do tom de voz, do toque etc. São eles que devem ser atendidos e não nós, os adultos.

Assim, os professores não podem mais decidir, escolher ou orientar suas práticas a partir do espontaneísmo, do improviso, do fazer por fazer, fazer porque achou interessante o que outra professora fez ou porque viu na internet, fazer porque fez no ano passado. Portanto, o estudo constatou que o trabalho com bebês e crianças pequenas precisa ter um caráter diferente do cotidiano e daquele proposto para crianças maiores.

Richter (2012) realizou sua pesquisa na intenção de promover a visibilidade das práticas cotidianas no e do berçário e, assim, alcançar a complexidade da docência com bebês. A investigação se deteve nas concepções das profissionais do berçário das escolas de educação infantil do município de Lajeado/RS, no sentido de compreender como se tornaram professoras de bebês e como podem contribuir para pensar a formação dos profissionais das creches.

A estratégia metodológica utilizada para geração de dados aconteceu em dois momentos. O primeiro contou com dois questionários: um direcionado às profissionais que atuam no berçário e outro às diretoras das escolas de educação infantil. No segundo momento, recorreu à entrevista semiestruturada com cinco profissionais para deter-se à trajetória profissional, à formação, ao papel da creche e do berçário, ao cotidiano com bebês, incluindo atividades e dificuldades, às especificidades da profissão e conselhos para profissionais que pretendem atuar com bebês.

A leitura e interpretação dos dados estabeleceu um perfil tanto das diretoras quanto das profissionais que se dedicam ao cotidiano com bebês em espaços coletivos de educação nesse município e constatou a dificuldade das profissionais do berçário de enfrentar os saberes específicos de sua ação pedagógica dada pelo não reconhecimento do poder autônomo do bebê, concebendo-o como aluno e ser totalmente dependente, em suas faltas, da ação de ensinar do adulto.

Assim, os desafios para a educação de bebês no município de Lajeado consistem em superar tanto a tendência de cindir as ações de cuidar e de educar quanto o modelo pautado no ensino escolar. Para tanto, torna-se importante contribuir para a desmistificação da ideia de simplificar o que é complexo na educação de bebês e dispor-se a enfrentar, por meio da formação docente específica, a reprodução do modelo escolar nas creches.

A pesquisa, inspirada em abordagens biográficas desenvolvida por Salgado (2018), buscou compreender como as educadoras de bebês da Rede Municipal de Educação de São Caetano do Sul constituem sua identidade profissional. Os resultados evidenciaram um modelo de atendimento exclusivamente assistencialista nos primeiros anos dos berçários no município. Diante das demandas que surgiam no dia a dia, as educadoras foram construindo seus fazeres e saberes apoiadas em conhecimentos de senso comum e também naqueles adquiridos em formações em serviço planejadas e desenvolvidas por diretoras e professoras das próprias unidades educacionais que buscavam qualificar o trabalho.

O Projeto Bebê 2000, considerado pelas educadoras como a primeira ação formativa dedicada às auxiliares, promoveu a reorganização dos espaços dos berçários trazendo uma nova concepção de atendimento que passou a compreender a potência dos bebês como seres que se relacionam por meio de muitas linguagens.

O envolvimento de todos(as) que participaram desse processo, objetivando a qualificação das práticas, foi fundamental para que mudanças significativas ocorressem, no entanto a pesquisa revelou que a atuação de profissionais sem formação em magistério nos berçários produziu um contexto no qual as educadoras vêm assumindo atribuições de auxiliares e de docentes em uma dicotomização do cuidar e educar presente nos relatos das educadoras que classificam as práticas como pedagógicas e não pedagógicas. As últimas se referem aos cuidados com alimentação e higiene.

A análise do Regimento Escolar indicou que tal documento não define, com clareza, as atribuições das auxiliares berçaristas, uma vez que não considera as especificidades inerentes à prática da docência com bebês, nem o contexto dos berçários do município, que se configura pela ausência de professor(a).

A complexidade que envolve a docência de bebês requer uma sólida qualificação profissional, dadas as especificidades inerentes à profissão. Para tanto, é primordial o investimento tanto na formação inicial quanto na continuada, caso contrário, como salientaram as educadoras que participaram da pesquisa, há risco de constantes retrocessos que podem levar ao antigo modelo assistencialista.

As questões que envolvem a música também foram discutidas em parte dos estudos. Amorim (2017) investigou as possibilidades de educar o gesto musical dos bebês a partir da música corporal, segundo a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, que serviu de base epistemológica e lente para a realização desse trabalho. Dentre os resultados, afirmou que é possível uma educação musical para os bebês a partir da educação dos seus gestos musicais em meio às suas relações sociais.

Bourscheid (2014) realizou seu estudo de cunho qualitativo e, por meio da abordagem fenomenológica, ancorada em Merleau-Ponty, constatou a inseparabilidade entre estética e poética, entre silêncio e música, ou seja, entre o sentir e o agir linguageiro no mundo, ao enfatizar ser também, a partir do encontro com a música e objetos sonoros, que adultos podem favorecer ações autônomas dos bebês e crianças pequenas em suas possibilidades de expressão, oferecendo-lhes tempos, espaços, materiais, sonoridades para que possam ser e fazer esse tempo da experiência lúdica com o som, o silêncio e o movimento. Tocar é uma experiência de pensamento que emerge do movimento do corpo no e com o mundo.

Em sua pesquisa de abordagem etnográfica, Santos (2015) investigou o que bebês e crianças aprendem e ensinam na prática social de musicalização infantil. Os resultados ressaltaram que a prática social de musicalização infantil está envolvida por processos educativos construídos pelas próprias crianças e com a coparticipação dos adultos em busca do desenvolvimento de atitudes autônomas. Além disso, entre as trocas de pares e com os adultos, identificou características de cultura de pares que podem contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de infância dentro da musicalização infantil. Assim, da prática social de musicalização infantil emergem processos educativos que contribuem para a ampliação do repertório cultural por meio do desenvolvimento da criança.

Correa (2013) enfatizou, nos resultados de seu trabalho, que os bebês produzem música para além das explorações sonoro-musicais que captamos cotidianamente e que, acima de tudo, as possibilidades sonoro-musicais construídas no cotidiano do berçário subsidiam novas descobertas sobre um brincar-musical por eles protagonizado. Pretendeu com essa pesquisa contribuir com estudos sobre a produção de conhecimento musical pelos bebês, observando-os como protagonistas e produtores de cultura, dentre outras, musical.

Em seu estudo intitulado *Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon*, Mariano (2015) buscou compreender os aspectos envolvidos no processo de formação musical do professor generalista que trabalha com bebês e crianças pequenas, a partir de um curso básico de música, elaborado dentro dos pressupostos da referida teoria. Os resultados enfatizaram que houve um crescimento musical significativo durante o processo estabelecido no curso, dada à inexperiência musical das participantes.

Posteriormente, no acompanhamento da prática de uma professora, observou um reflexo expressivo no desenvolvimento musical dos bebês em suas inúmeras respostas musicais, de movimento corporal, além de ricas interações entre ela e os bebês, bem como entre os bebês e seus pares, corroborando a literatura estudada.

A reunião dos principais resultados a seguir possuem relação com o teatro e museus, bem como com implicações da Psicanálise, com o currículo e com questões que envolvem a inserção dos bebês em instituições de educação infantil assim como com as linguagens.

Santos (2017) realizou sua pesquisa acerca de propostas voltadas para os bebês de 0 a 3 anos de idade nos programas de educação de Museus de Arte. Para isso privilegiou duas propostas voltadas para os bebês e suas famílias: O *Naïf para Nenéns*, do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (MIAN), localizado na cidade do Rio de Janeiro, e o *No Colo*, do Instituto Tomie Ohtake, na cidade de São Paulo. Com base na investigação e análise das práticas em questão, constatou que o contato com os artefatos, com as experiências coletivas e com as propostas de experimentação sensorial pode ser significativo para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos bebês. Ademais, a inserção desse público no museu oportuniza novas maneiras de estar e pensar os espaços expositivos, contribuindo

para sua democratização e ampliação acerca das potencialidades dessas instituições.

Silva (2017) realizou seu estudo a partir do questionamento do que seria teatro para bebês e suas possíveis interlocuções com as recentes concepções de infância. Desse modo, por meio da pesquisa de campo exploratória, assistiu a mais de 60 espetáculos, com observação de seus elementos teatrais (cenários, enredos, narrativas, músicas etc.), da atuação das/os artistas e de suas relações com a plateia, atenta, especialmente, às crianças e seus/suas responsáveis, com posterior registro em caderno de campo, a partir de um roteiro prévio.

Os dados coletados e analisados apontaram, dentre outras questões, para uma problemática fundamental em relação à concepção, constituição e legitimação dos/as bebês como espectadores/as emancipados/as, o que pode revelar novas concepções de infância e de educação, mais especificamente, em relação à primeiríssima infância, na construção de possibilidades de um teatro para e com bebês, a partir de suas potencialidades corporais, interpretativas, poéticas e inventivas.

Em sua pesquisa de mestrado, Pereira (2014) dialogou com três conceitos, infância, teatro e educação, que se entrelaçam no intuito de desvelar o que é teatro para os bebês. Dentre os resultados, enfatizou que fazer teatro para bebês implica reestruturar a concepção do espaço teatral. O espetáculo provoca um mundo rico de ideias e emoções nos bebês, num teatro que foge do conceito contemporâneo, pastiche, tão presente em nossos dias.

De acordo com o estudo, as crianças têm o direito de experimentar tudo que lhes é oferecido e, portanto, oferecer um mundo pobre para as crianças é negar a dimensão estética do humano. Em sua tese de doutorado, Pereira (2018) também enfatizou o teatro com bebês. Metodologicamente, fez a opção de criar seis apresentações que favorecessem acontecimentos com bebês. Todas foram filmadas e fotografadas como forma de registro de campo.

Os resultados apontaram que a oferta no ambiente da educação infantil de teatro com bebês é um convite para a participação deles de forma que ali possam produzir os arranjos para possibilitar suas enunciações, suas vivências e seus

protagonismos. A relação é de tempo/espaço (cronotopia), memória, diálogo e escuta pela atividade estética, pois permite o fluir da vida, das sensações, dos medos, das alegrias, das angústias, do querer, do não querer, o relacionar-se com os objetos, com os outros, tendo um espaço que permita um tempo alargado para a experiência com os objetos.

O teatro também foi tema da pesquisa realizada por Zurawski (2018). Por meio da observação de fenômenos culturais em 12 espetáculos de teatro para bebês e por entrevistas com os artistas criadores dos espetáculos, constatou que há semelhanças entre o teatro para bebês e a escola de educação infantil quanto à dinâmica do triângulo relacional que se estabelece entre mães/pais, professores e bebês na escola; e mães/pais, professores e bebês no teatro.

Como na escola, mas de forma *concentrada*, o teatro para bebês oferece oportunidade de construção de significados conjuntos, da descoberta do outro, de disputa de atenção e de crescimento envolvendo adultos e crianças.

Concluiu que é pertinente que se criem e apresentem espetáculos teatrais especialmente para a primeira infância (bebês) e que a oferta desse tipo de produção, já considerável em São Paulo, tende a aumentar e se diversificar nos próximos anos.

A análise dos dados do estudo desenvolvido por Carneiro (2017) revelou, entre outros aspectos: a inexistência de um currículo para bebês na Proposta Pedagógica sistematizada da creche pesquisada; a ausência de um planejamento intencional para a maioria das atividades que aconteciam no berçário; a dificuldade das educadoras de perceber a especificidade do trabalho a ser realizado com os bebês, considerando suas particularidades e seu potencial para aprender ativamente; uma suposta dissociação entre cuidado (entendido como atividades para o atendimento das necessidades corporais) e educação (compreendida como atividades que visam a desenvolver apenas o aspecto cognitivo das crianças); o conhecimento advindo da “maternidade” visto como necessário para atuar junto aos bebês; a indiscutível capacidade dos bebês de participar das situações que acontecem no espaço coletivo, mesmo quando as condições oferecidas não fazem jus ao seu potencial criativo, comunicativo e interacional.

Também acerca do currículo, Santos (2017) concluiu que é praticado com bebês e se concretiza no cotidiano da escola mediante a ação humana, as relações entre os sujeitos (professoras, bebês, auxiliar de desenvolvimento infantil (ADI) e outros profissionais que trabalham na escola) e as condições materiais e não materiais ofertadas pelo estado para o exercício da docência com os bebês.

Dessa forma, o que é vivido no cotidiano de cada Centro Municipal de Educação pelas professoras, bebês e ADI é ressonância da qualidade e do alcance das políticas públicas destinadas à educação infantil em nível local e nacional. Concluiu também que os currículos praticados com bebês são trançados com diferentes referências teórico-metodológicas e que a ação pedagógica, intencionalmente planejada, dá sinais de mudanças quanto à compreensão das capacidades e potências do bebê, aos procedimentos metodológicos de educação-cuidado experienciados no cotidiano com os bebês, ao reconhecimento de que eles influenciam o exercício da docência e ensinam as professoras a se tornarem professoras de bebês.

André (2016) apresentou, como resultado de seu estudo, dois caminhos como possibilidade de construção do trabalho da professora de creche. O primeiro diz respeito à prevalência pelo anonimato, pela generalização e, portanto, pelo esvaziamento da subjetividade. Refere-se aos profissionais que creditam ao saber e à técnica verdades absolutas passíveis de serem ensinadas e, conseqüentemente, aprendidas. O segundo mostra-se permeado por marcas simbólicas e sustentado por uma visão de currículo que contempla a escuta e leva em conta os limites e as possibilidades de bebês e crianças pequenas, sobretudo quando considerados como seres de múltiplas linguagens. Esses aspectos encontram ressonância com a presente investigação.

Também reconheceu os avanços no cenário brasileiro sem deixar de olhar amplamente para as conquistas que ainda precisam ser alcançadas ao buscar uma proposta curricular que tenha, conforme Malaguzzi (1999, p. 21), “[...] uma compreensão de criança potente, que se relaciona com seu meio social e cultural, que é capaz, de um modo autônomo, de extrair significados de suas experiências cotidianas”.



A pesquisa realizada por Vargas (2014) indicou perspectivas para a escola da infância, no que se refere à necessidade de pensar em uma Pedagogia voltada ao acolhimento hospitaleiro dos bebês por meio de uma prática interessada nos sujeitos. Para a autora, a educação que se propõe receber e acolher os novos seres que chegam ao mundo precisa de uma abertura, precisa ser vista como uma radical novidade, como formação humana.

Ribeiro (2017) ressaltou em seu trabalho a experiência de iniciar-se em linguagem com os adultos, como exigência da docência, a partir de um planejamento que considere a ludicidade das primeiras aprendizagens no e do mundo, ou seja, a docência na creche solicita organizar um cotidiano de vida e não de escolarização no qual o planejamento cumpre importante função pedagógica de intencionalmente apresentar o mundo aos que nele chegam, trazendo para o estudo o não planejado, o inusitado e o inesperado.

A pesquisa realizada por Silva (2015) possibilitou inferir que, apesar dos avanços acerca do atendimento educacional ofertado à primeira infância, falta ainda clareza, por parte da sociedade em geral, sobre a importância de uma educação de qualidade para as crianças pequenas e seu impacto na formação humana.

Essa lacuna merece o olhar das políticas públicas, uma vez que demanda ações nas diversas instâncias da creche, desde a formação e a valorização do professor de educação infantil até a estrutura física e a escassez das vagas. Os poucos estudos que discutem tais políticas para a educação de bebês nas creches justificam a realização desse trabalho.

A pesquisa realizada por Maia (2011) teve o intuito de investigar as maneiras pelas quais educadoras de creche participam da constituição subjetiva dos bebês que frequentam essa instituição. Os resultados destacaram que a educadora de creche exerce a maternagem na condição de terceiro, como um agente de separação da relação primordial do bebê com sua mãe, sem deixar, por isso, de realizar os cuidados necessários ao infante. Apontou, ainda, que o laço que a educadora estabelece com o bebê na creche é atravessado pelos discursos da cultura que dizem o que é uma creche, a que ela se destina, discursos esses que a antecedem e vão marcar seu modo particular de se relacionar com os bebês.

Em seu estudo, Payes (2017) salientou o cuidado de bebês em creches para que elas cumpram a função educativa. Apoiado principalmente nas bases teóricas da psicanálise Freudolacanianana, os resultados permitiram revelar que nenhuma educadora dissocia o cuidado da educação dos bebês, no entanto estão sujeitas a tensões discursivas que as colocam em posição de ter que responder a dois diferentes amos: o discurso institucional e o desejo.

Concluiu que o cuidado dedicado a bebês não pode ser reduzido a uma dimensão técnica, asséptica ou assubjetiva, pois é preciso que algo de singular ou de não anônimo compareça no cuidado para que a educadora cumpra função educativa junto ao bebê.

Ao discorrer sobre a inserção em creche, Souza (2014) ressaltou que a separação, no caso dos bebês e suas mães, não necessita ser vista como rompimento, mas um afastamento temporário. A mãe, ao verbalizar para o bebê a respeito de seu retorno, garante a ele a continuidade da relação, e o tempo de ausência permite ao bebê simbolizar a figura materna e encontrar substitutos ampliando os vínculos.

Em sua pesquisa relacionada com linguagem, Castro (2011) constatou que os olhares, risos, choros, balbucios, gestos, movimentos e expressões faciais dos bebês desencadeiam a descoberta das estratégias de comunicação que utilizam antes da fala como uma grande categoria. A partir dessa grande categoria, então, percebeu que os bebês se apropriam dos atos sociais do cotidiano, agem com e sobre eles e os transformam. Constatou, ainda, a produção de “diálogos” entre os bebês e a potencialidade deles como produtores de *texto*.

Por meio de seu estudo, Alessi (2017) analisou episódios organizados em: o choro, o riso, o ai ai ai, a disputa, o espelho, o colchonete e a professora, que revelaram que a linguagem do bebê ocorre por meio de enunciados que envolvem movimentos (gestos, expressões faciais, contato corporal, imitação) e sons (voz, choro, riso, balbucios, vocalizações, palavras, entonação). Em tese, é uma linguagem que se materializa na movimentação do corpo infantil, ou seja, uma linguagem corporal. Assim, se a linguagem é produzida pelo corpo, logo o corpo é produto e produtor de sentido. É por meio de seus movimentos que o bebê se expressa e, ao mesmo tempo, dá sentido à comunicação expressa pelo outro.

A seguir, serão enfatizados os principais resultados das pesquisas relacionados com a proposta pedagógica, as formas de participação dos bebês, as afecções, formação, documentação pedagógica e projeto pedagógico.

A pesquisa realizada por Pinheiro (2018) buscou compreender como as imagens de crianças podem ser construídas, reafirmadas e reveladas em uma turma de bebês, considerando as propostas pedagógicas. A investigação de cunho qualitativo utilizou a etnografia proposta por Corsaro. Por meio da observação, de registros fotográficos e escritos e de reflexões que uniram teoria e prática, o texto anuncia como experiências de outros lugares do mundo podem influenciar nossas práticas na medida em que nos projetam a repensar nossas ações pedagógicas e nos inspiram a outros modos de atuação.

Sobretudo, esse estudo realizado com os bebês destacou que todas as crianças, desde bem pequenas, são capazes de agir com competência e autonomia, que todas aprendem, interagem e se relacionam com o mundo externo e seus pares por meio de diferentes linguagens.

Macedo (2016) explorou a participação dos bebês na luta de classes no intuito de verificar como e se, nas pesquisas da área da educação, os bebês estão sendo estudados em relação à sua condição infantil e de classe social. Tratou-se de um estudo qualitativo cuja interlocução crítica da Pedagogia com as Ciências Sociais, está assentada na Sociologia da Infância e na Pedagogia da Infância.

A tese discutiu a participação das crianças na sociedade de classes numa perspectiva emancipatória de educação pautada no conceito de omnilateralidade segundo as obras de Karl Marx. As análises apontaram para as polêmicas categorias: a divisão sexual do trabalho, a infância como minoria e as culturas infantis. Discutiu também o adultocentrismo e a relação desigual de poder entre homens e mulheres, entre adultos/as e bebês/ crianças pequeninhas com vistas a contribuir para a reflexão sobre uma educação emancipadora comprometida com a resistência ao sistema capitalista desde o nascimento.

A pesquisa desenvolvida por Oliveira (2016), intitulada *Um locus de constituição do humano: vivências e afecções de bebês e educadoras na creche*, cuja base teórico-metodológica foi constituída, sobretudo, pelo diálogo entre a perspectiva histórico-cultural e os pressupostos da etnografia interacional na qual os sujeitos da

investigação foram 12 bebês entre 8 e 24 meses de idade e 5 educadoras de uma creche pública.

Apontou, dentre os principais resultados, que: a creche se constitui como extensão da família para os bebês e, portanto, como importante contexto de relações interpessoais em seu início de vida, o que afeta seu processo de desenvolvimento como ser humano; com relação aos choros, sorrisos, balbucios e movimentos corporais dos bebês, ganham significação primeiramente para as educadoras e só posteriormente o bebê chega à consciência de si; as educadoras possuem uma rotina de trabalho extensa e exaustiva na qual atuam como instrumentos de mediação dos processos de desenvolvimento cultural de vários bebês ao mesmo tempo; as interações sociais das educadoras com os bebês afetam os processos de significação deles e delas mesmas.

Por meio de seu estudo, Lombardi (2011) verificou como tem sido feita a formação de pedagogos na linguagem expressiva corporal voltada ao trabalho pedagógico com os bebês, analisando as possibilidades, os desafios e as necessidades dessa formação. Para isso, como procedimento metodológico, foi criado um curso de extensão na USP do qual participaram 66 pedagogas. Destacaram-se, dentre os resultados, que a ausência de formação corporal priva os pedagogos, entre outros aspectos: da compreensão do corpo e do movimento como condição indispensável para a construção de conhecimento e para o trabalho pedagógico com bebês; da compreensão das linguagens expressivas na primeira infância; e da revisão de valores sobre a corporeidade, a experiência e o bebê como sujeito, colaborando para que as estruturas de controle e opressão do corpo continuem a se fazer presentes na instituição escolar para crianças pequenas.

A documentação pedagógica foi destaque no estudo desenvolvido por Lichy (2014). A investigação buscou compreender a relação entre a produção dos registros na educação infantil e o quanto eles se configuram como documentações pedagógicas proporcionando a prática reflexiva e o olhar para os bebês. Os dados produzidos pela pesquisa confirmaram uma prática qualificada com bebês. O registro foi citado como elemento fundamental para que a prática reflexiva aconteça de forma instrumentalizada.

Desse modo, os registros se revelam potentes documentações pedagógicas, se alcançarem os processos de aprendizagem dos bebês, para além da consecução de produtos estéticos e visuais. Portanto, de acordo com a pesquisadora, a documentação pedagógica pode representar um novo caminho à educação infantil, na medida em que possibilita a prática reflexiva do professor e evidencia as crianças no processo educativo, porém os resultados denunciaram os escassos espaços e tempos legitimados nas instituições infantis para a reflexão em equipe, além de propor um olhar mais atento à extensa produção de registros, em especial, as fotografias, que se constituíram arquivos de memória pouco apresentados às crianças e pouco utilizados no âmbito educacional qualitativamente.

A pesquisa realizada por Fernandes (2011), que tratou das relações cotidianas entre as educadoras e os bebês em articulação com elementos teóricos da Psicanálise, no sentido de verificar como se dão as práticas das educadoras, apontou para a escassez de informações apresentadas pela maioria dos documentos quanto às necessidades, especificidades e visualização dos bebês e crianças pequenas.

Em suas análises, as imagens de criança observadas, de maneira geral, estão mais próximas da imagem de aluno e não evidenciaram os bebês e crianças pequenas como sujeitos do contexto, com saberes, com competências e características próprias. São também correspondentes à ideia de educação infantil escolarizada, que prevê a necessidade de um professor que ensina conteúdos disciplinares e a presença de alguns auxiliares e/ou monitores que ajudam a *cuidar*.

Observou, nos projetos pedagógicos, uma organização rígida de tempos e espaços rígidos, que privilegia o uso de mesas e cadeiras, implicando uma jornada empobrecida e polarizada entre o cuidar e o educar bem como o afastamento físico e afetivo das famílias. Houve, evidenciada nessas questões, forte correlação entre as concepções de projetos pedagógicos e o lugar que bebês e crianças pequenas ocupam, ou seja, o enfoque nas crianças maiores com um currículo que prevê conteúdos mínimos, o brincar com a necessidade de ensinar, os horários e ações predefinidos pelos adultos, o modelo físico da escola regular que parecem ocultar e também dificultar alusões aos bebês e crianças pequenas.

Esses sujeitos, apesar de fazerem parte da instituição, não fazem parte dos textos e discursos evidenciados nos documentos sendo eles caracterizados como uma

*presença ausente*. Portanto, a ausência de referências explícitas sobre essa faixa etária denunciou, de certa forma, uma negligência da especificidade que pode gerar a massificação dos grupos, a perda das subjetividades e das singularidades das crianças de 0 a 3 anos de idade.

Finalmente, os resultados listados nos seis últimos estudos perpassam diferentes temas. Madeira (2017), por exemplo, concluiu que o acolhimento, como inserção, cuidado e atenção aos bebês, crianças pequenas e adultos, se constituiu num elemento-chave para as demais dimensões que indicaram a possibilidade da construção de uma Pedagogia da Infância na instituição onde a pesquisa aconteceu.

Nessa ótica, o acolhimento foi explicitado pelas interlocutoras também como construções de espaços que foram se transformando em ambientes acolhedores para as crianças e famílias. Dessa forma, as professoras e auxiliares de educação infantil deram início a essa construção pedagógica dentro das possibilidades físicas e materiais da instituição.

Cavallari (2011) desenvolveu sua investigação no intuito de identificar conteúdo e hipótese da estrutura de representações sociais sobre o bebê e o aprender do bebê, segundo licenciandos dos quatro anos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso. Os acadêmicos representaram o bebê, ancorando-se na ideia de afetividade destacada por meio do cuidar no primeiro ano de vida, mediante atitude de continência do adulto objetivado na imagem de mãe. O bebê é representado pela noção de incompletude, passividade, dependência e desenvolvimento.

Assim, a representação sobre o aprender do bebê se constitui a partir da sua relação com a ideia de desenvolvimento ora compreendido segundo noções da perspectiva interacionista e sociointeracionista, ora como algo natural estimulado pela via da afetividade, provavelmente atribuída à figura materna. A autora observou que há também o silenciamento de conteúdos associados à educação infantil, sendo a relação adulto-criança em contexto o familiar aspecto mais saliente no campo representacional em questão. Os resultados indicaram que, para os acadêmicos de Pedagogia, o trabalho pedagógico com bebês não se apresenta como possibilidade de atuação.

Em sua pesquisa, Fochi (2013) ocupou-se em investigar as ações dos bebês, com idade entre 6 e 14 meses, que emergiam de suas experiências com o mundo em contextos de vida coletiva. Concluiu que os bebês são capazes de aprender a partir de si próprios, ou seja, as ações, quando são iniciadas por meio de seus interesses, implicam a conjugação de muitos fatores, dentre eles, a intenção.

Também a forma de aprender, quando apoiada pela decisão e iniciativa, consegue agregar fatores cruciais para o êxito dessa aprendizagem, por exemplo: os meios que os bebês utilizam para resolver ou realizar algo, avaliando e adequando, conforme percebem a necessidade; os ajustes corporais que adotam para encontrar maior segurança e equilíbrio; o tempo que empreendem, geralmente, muito mais concentrados do que se possa imaginar; a permanência e o abandono em uma determinada situação; o conjunto de emoções que experimentam a forma como lidam com elas. Esses e tantos outros elementos apresentados ao longo do trabalho demonstraram uma enorme capacidade que os bebês têm para realizar. Quando conseguem fazer dessa forma, parece ser bastante produtivo a eles, pois descobrem, a partir de seu próprio ritmo, a surpresa de uma conquista e o sentido da participação em uma cultura.

Os resultados da pesquisa desenvolvida por Tebet (2013) ressaltaram a necessidade de se constituir teoricamente o bebê no interior dos Estudos da Infância, como uma categoria analítica independente. Ao dialogar com algumas ideias de Foucault, Deleuze e Simondon, presentes na obra de Jenks (2005) e Prout (2005), a pesquisadora enfatizou que existe uma diferença entre os bebês e as crianças que não pode ser ignorada.

Portanto, considerou que o debate ora iniciado neste estudo é apenas parte de um movimento que já vem sendo esboçado e que visa a trazer para as pesquisas sobre bebês as contribuições dos Estudos da Infância, fazendo também dos bebês um objeto de interesse da Sociologia da Infância. Chama a atenção para o fato de que esse casamento não pode ocorrer a partir da simples extensão dos conceitos da Sociologia da Infância para o estudo dos bebês.

Por meio de seu estudo, Schorn (2018) investigou o lugar que os bebês ocupam em uma escola de ensino fundamental. O local privilegiado foi uma escola que oferece atendimento em tempo integral desde o berçário. Destacou que, por meio das

práticas, quanto mais enriquecedor for o universo da escola, mais os bebês terão espaço para se manifestarem. A relevância da pesquisa indicou a possibilidade evidente de tais experiências, no sentido de se fazer uma educação que não fragmente a educação infantil do ensino fundamental e reconheça os bebês como pessoas potentes e sujeitos de direitos.

A pesquisa desenvolvida por Furtado (2014) propôs mapear, em artigos acadêmicos nacionais, concepções sobre a creche e, por consequência, sobre os bebês e a primeira infância. Constatou que, embora a creche se apresente para alguns autores como uma alternativa positiva para pais e mães, ainda são evidentes as descrições que a caracterizam como precária e um “mal necessário”.

Concluiu que as discussões acadêmicas incorporaram muitas prerrogativas legais dirigidas à educação infantil, porém, nem sempre foram acompanhadas de políticas de atendimento com o propósito de ampliar a oferta e de práticas pedagógicas que respondessem às especificidades das creches e dos bebês.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem [...]. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa (LARROSA, 1998, p. 234).*

Nas palavras do autor, o acolhimento deste mundo aos novos que chegam tem na educação uma de suas formas singulares de efetivação. São seus inícios. Consonante esse pensamento, podemos, a partir de Arendt, também assegurar a relevância que pressupõe o ato iniciador “Trata-se de um início que difere do início do mundo, não é um início de uma coisa, mas de alguém que é, ele próprio, um iniciador” (ARENDR, 2007, p. 190).

Portanto, a chegada de novos seres humanos por meio do nascimento é sempre a possibilidade de traçar novos começos para a sociedade (ARENDR, 2007; BÁRCENA, 2006). Os bebês fazem as suas iniciações no mundo ao mesmo tempo em que, com o ineditismo de seu nascimento, podem ser capazes de renová-lo. Estabelecer a renovação do mundo no encontro entre os mais experientes com os recém-chegados implica atos sensíveis ao acontecimento educacional de um começar-se no mundo de forma responsavelmente ética.

Ao reconhecer o compromisso com os recém-chegados ao mundo, retomo as intenções iniciais, quanto à feitura desta pesquisa de mestrado, que perpassaram a inquietude revelada na trajetória profissional desta que aqui escreve essas linhas, sobretudo do ponto de vista ético de reconhecimento legítimo dos bebês da educação infantil no que se refere à forma de sua incorporação e afirmação no âmbito das normatizações e das pesquisas acadêmicas.

Ao focalizar os documentos normativos, procurei identificar e problematizar como fazem referência ou não aos bebês como sujeitos que compõem a sociedade, sobretudo quanto às formas pelas quais tratam dos direitos das crianças e dos direitos da educação infantil. É notório enfatizar que as determinações legais, nos diferentes tempos históricos, citam a criança a partir de distintas intencionalidades outorgando espaço e visibilidade às suas especificidades.

No Brasil, a legitimação da criança, como sujeito de direitos, cidadã e de prioridade absoluta, surgiu com o advento da Constituição Federal (BRASIL, 1988) e foi

reafirmada no ECA (1990). Um novo sentido para o atendimento das crianças de 0 a 6 anos passou a ser constituído em meio à busca de cisão ou superação das posturas assistencialistas e/ou preparatórias, sentidos esses ratificados pela LDB (BRASIL, 1996) ao reconhecer a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

A reunião dos documentos normativos e as análises empreendidas me permitiram fazer alguns apontamentos ou tensionamentos, pois, embora reconheçam as crianças em sua totalidade, pouco versam sobre a educação dos bebês. Constatase que a palavra *bebê*, por exemplo, no que concerne ao atendimento em creches não aparece, estendendo-se, inclusive, essa ausência aos documentos mais abrangentes internacionais ou nacionais. A palavra *bebê* é encontrada somente no ECA (BRASIL, 1990), ao se remeter à atenção odontológica. Já a BNCC menciona os bebês ao tratar dos objetivos de aprendizagem, quando são entendidos como as crianças que têm entre 0 a 1 ano e 6 meses de idade. Também o Rcnei, embora tenha sofrido críticas, conforme citado no primeiro capítulo, prevê aspectos relativos aos bebês em seus três volumes.

Não obstante os avanços legais na educação infantil, muitas normatizações ainda não se efetivaram, especialmente no caso das creches, por exemplo, pois os contrastes regionais e sociais deste país de dimensões continentais abalam diretamente o atendimento no que se refere ao acesso à educação. Em âmbito nacional, estão distribuídos de maneira desigual entre a tão diversa população brasileira (CAMPOS et al., 2011).

Por conseguinte, embora reconheçam as crianças em sua totalidade, a legislação pouco trata da educação das crianças pequenas, mais especificamente dos bebês. Consta, pois, que, em matéria de lei, os bebês são pouco ou nada referidos nos documentos normativos. Isso se estende, inclusive, às políticas de atendimento em creches.

São inegáveis as conquistas evidenciadas nas legislações citadas, porém ainda existem muitas contradições no que se refere à concretização, por meio das práticas, dos direitos conquistados e legalizados para as crianças da educação infantil, sobretudo quando se trata daquelas destinadas aos bebês.

Desse modo, é possível constatar que seus direitos estão garantidos no corpo da lei, visto que o atendimento às crianças de 0 a 3 anos pela creche também é contemplado na legislação como direito. Cumpre-nos, pois, reconhecer que o movimento dos documentos normativos no âmbito da educação infantil possui desafios. Afinal, o reconhecimento legal não é pressuposto de garantias de materialização de direitos, uma vez que a invisibilidade dos bebês no corpo da lei é o primeiro dos impasses.

O diálogo respeitoso estabelecido com as produções acadêmicas levantadas na Capes chamou a atenção para a necessidade de se pesquisar os bebês da educação infantil. Esse dado consta, principalmente, nas justificativas de cada pesquisa, pois grande parte dos(as) autores(as) deram ênfase a esse fator baseado no número incipiente de estudos, se comparados com o número de pesquisas que envolvem as crianças de maior faixa etária, por exemplo.

Ao percorrer as 72 pesquisas acadêmicas exploradas neste estudo, com o auxílio das ferramentas disponíveis no *software* NVivo e em consonância com as categorias de análise privilegiadas, foi possível encontrar importantes constatações. Os objetivos gerais, além de sinalizar as intenções de cada pesquisa, demarcaram a quais temáticas cada estudo se referiu. Em geral, os temas mais recorrentes envolveram as interações e brincadeiras, os espaços e tempos e as práticas pedagógicas com bebês em instituições públicas de educação infantil.

No que se refere ao conceito de bebê, destaca-se que grande parte dos estudos encontrados trouxe em seu bojo um conceito predominantemente ancorado em estudiosos da infância. A idade foi demarcada com primazia, visto que a maioria dos conceitos localizados nas pesquisas demonstraram relação direta com o fator etário. Ainda que os trabalhos identificados tenham se ocupado em pesquisar as crianças na faixa etária entre 0 a 3 anos, não houve consenso sobre o que se define por bebês, pois ora foram identificados como aqueles com idade entre 0 a 18 meses, ora os de idade até 24 meses. Em outros casos, foram considerados bebês as crianças de até 3 anos.

Algumas pesquisas estabeleceram uma divisão na qual bebês são as crianças de 0 a 18 meses e crianças pequenas de 19 a 36 meses. Assim, apesar de haver a

preocupação em destacar a idade, não houve uma demarcação precisa entre os pesquisadores sobre qual seja a faixa etária compreendida pelos bebês.

Do ponto de vista metodológico, as pesquisas foram de caráter qualitativo, privilegiando a etnografia. Os pressupostos teóricos preponderantes que alicerçaram os estudos apoiaram-se na Sociologia da Infância, principalmente por meio das contribuições de Manuel Jacinto Sarmiento, na perspectiva histórico-cultural de Vigotski, bem como na Pedagogia da Infância, com destaque para Maria Carmen Silveira Barbosa.

Ao traçar um panorama relativo aos principais resultados, procurei deixar registradas as principais contribuições, inquietações ou desafios, do ponto de vista da produção acadêmica, conferindo, assim, possíveis subsídios para a produção de conhecimento científico acerca dos bebês da educação infantil.

Embora reconheça que inúmeras outras contribuições poderiam ser apresentadas, acredito que as possibilidades de análise que o tema suscitou possibilitarão outros olhares e desdobramentos que poderão servir de ponto de partida para estudos e pesquisas com bebês.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. In: TEBET, Gabriela. **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Programa das políticas de educação infantil no Brasil**. Brasília: Unesco, 2018.
- AGUIAR JÚNIOR, Josué Durval. **Professores de bebês**: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ALESSI, Viviane Maria. **As linguagens dos bebês na educação infantil**: diálogos do círculo de Bakhtin com Henri Wallon. 2017. 144 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- ALVES, Iury Lara. **Bebês, por entre vivências, afordâncias e territorialidades infantis**: de como o berçário se transforma em lugar. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.
- AMORIM, Carla Patrícia Carvalho de. **Batuca bebê**: a educação do gesto musical. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2017.
- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedroso de. **Educação Infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ANDRÉ, Rita de Cássia Marinho Oliveira. **Creche**: desafios e possibilidades de uma proposta curricular para além do educar e cuidar. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- ANGOTTI, Maristela. Educação infantil: para que, para quem e por quê. In: ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação infantil**: para que, para quem e por quê? Campinas: Alínea, 2006.
- ARAÚJO, Djanira Alves Biserra. **Os espaços lúdicos como elementos formadores de uma creche do município de Santo André**. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BARBOSA, Ivone Garcia; SILVEIRA, Telma Aparecida Teles Martins; SOARES, Marcos Antônio. A BNCC da educação infantil e suas contradições: regulação

versus autonomia. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 77-90, jan./maio 2019.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Pedagogia da infância. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancela; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. 1 CD-ROM.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014.

BARBOSA, Priscila Arruda. **O berçário como contexto das DCNEI nº 5/2009 e a prática pedagógica com bebês**: um estudo em uma EMEI de Santa Maria/RS. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

BÁRCENA, Fernando. **Hannah Arendt: una filosofía de la natalidad**. Barcelona: Herder, 2006.

BERBEL, Lucilene Mattos. **O trabalho docente na primeira etapa da educação infantil**: as interações com o mundo letrado. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2017.

BORGES, Rubia. **(Desa)fios da gestão nas instituições de educação infantil**: entre concepções e práticas gestoras. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2016.

BOURSCHEID, Clarice de Campos. **Escuta estética/poética na creche**: encontros musicais com bebês e crianças pequenas. 2014. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 14 maio 2019.

BRASIL. Decreto-lei nº 5.542, de 1º de maio de 1943. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 2 maio 1943. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm). Acesso em: 10 mar. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa**

**do Brasil**, Brasília, 14 jul. 1990. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70318>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 21 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998a. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 8 set. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 8 set. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998c. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 8 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 21 mar. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 10 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC/UFRGS para a Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf). Acesso em: 29 jun. 2019.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto. **Manifestações afetivas nas concepções e práticas educativas no contexto da creche: reflexões a partir da perspectiva walloniana**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto. **A afetividade na creche: construção colaborativa de saberes e práticas docentes a partir da teoria walloniana**. 2017. 126

f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

CAMPOS, Maria Malta et al. A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 15-33, jan./abr. 2011.

CARDOSO, Michelle Duarte Rios. **E os bebês na creche... Brincam?** O brincar dos bebês em interação com a professora. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

CARDOSO, Rosimeire dos Santos. **A leitura da documentação pedagógica com o crivo de referenciais freireanos**: subsídios para uma formação de professoras que trabalham com bebês e crianças pequenas. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARNEIRO, Maria Crelia Mendes. **Currículo para bebês no contexto da creche**: concepções, práticas e participação das crianças. 2017. 299 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

CASTELLI, Carolina Machado. **“Agora quando eu olho para ele, ele sorri para mim, porque a gente começou a ser amigo”**: o que fazem juntos bebês e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil. 2015. 295 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

CASTRO, Joselma Salazar de. **A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil**. 2011. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CAVALLARI, Sandra Aparecida. **O aprender do bebê**: representações sociais segundo acadêmicos de Pedagogia da UFMT, Campus Cuiabá. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

CERA, Fernanda Seara. **A convivência dos CEIS**: implicações para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas. 2010. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2010.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, p. 11-24, jul./dez.1999. Número especial.



CERISARA, Ana Beatriz. O referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 326-34, set. 2002.

CERISARA, Ana Beatriz. A produção acadêmica na área da educação infantil com base na análise de pareceres sobre o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil: primeiras aproximações. In: FARIA; Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 19-50.

COELHO, Flávia de Oliveira. **Espaços e tempos da educação infantil: investigando a ação pedagógica com os bebês**. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini. **Práticas e representações da institucionalização da infância: bebês e crianças bem pequenas na creche em Francisco Beltrão/PR (1980-1990)**. 2014. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2014.

CORDEIRO, Adriana Tenório. **A big friendly giant in Brazil? Children and the closed street... interplaying with a good-enough urban policy**. 2019. 296 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CORREA, Aruna Noal. **Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

COSTA, Wanessa Rafaela do Nascimento da. **Aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral no contexto da educação infantil**. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação Infantil como direito. In: BRASIL. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPE/ Coedi, 1998.

CUZZIOL, Ana Paula Gomes. **“Pequenos-Gigantes” entre si: notas etnográficas acerca da capacidade e da disponibilidade dos BEBÊS em viver socioculturalmente**. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

DAGNONI, Ana Paula Rudolf. **Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?** 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011.

DELBON, Alexandra Cristina. **A documentação pedagógica como reveladora do currículo na creche**. 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Araraquara, Araraquara, 2018.

DIAS, Ivy de Souza. **A relação da educadora-bebê: laços possíveis**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem as especificidades da ação docente**. 2010. 288 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DUARTE, Rubiara. **As reações das educadoras diante dos bebês e suas demandas no cotidiano das creches**. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2012.

ENDLICH, Andressa Relva da Fonte Gonçalves. **Ambientes para a educação infantil: o Proinfância em Quatis**. 2017. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ESCOUTO, Nivia Barros. **A formação do leitor-literário na educação infantil: a interação da palavra da vida cotidiana com a palavra literária**. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FARIA, Waldirene dos Santos. **O desenvolvimento das funções psíquicas superiores de crianças de zero a três anos: a atenção e a memória: uma análise histórico-cultural**. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

FERNANDES, Marina Ribeiro da Cunha. **Da família à creche: narrativas de mães sobre processos de transição de seus bebês**. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FERNANDES, Mariza Zanoni. **Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de educação infantil**. 2011. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FERNANDES, Simoni Antunes. **A escuta e as palavras nos anos iniciais da vida: diálogos entre os bebês, a psicanálise: diálogos entre os bebês, a Psicanálise e a educação infantil**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014.

FERRAZ, Beatriz Mangione Sampaio. **Bebês e crianças pequenas em instituições coletivas de acolhimento e educação**: representações de educação em creches. 2011. 328 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FERREIRA, Mercia Figueiredo Della Maggiora Victor. **Formação continuada na educação infantil**: especificidades da atuação com crianças pequenas na rede municipal de São Caetano do Sul. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FOCHI, Paulo Sérgio. **“Mas os bebês fazem o que no berçário, heim?”**: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FONTANA, Luciana Sauer. **As pedagogias online do complexo kids**: crianças, mães e pais em conexão. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FURTADO, Michelle Abreu. **Concepções de creche em artigos acadêmicos publicados nos periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação**. 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; GATTAZ, Cristiane Chaves; GATTAZ, Nilce Chaves. A relevância do título, do resumo e de palavras-chave para a escrita de artigos científicos. **Revista de administração contemporânea**, Maringá, PR, Brasil, v. 23, n. 3, maio/junho, 2019.

GARCIA, Andreia Costa. **Bebês e suas professoras no berçário**: estudo de interações à luz de pedagogias participativas. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Júlio de Mesquita, São Paulo, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

GIL, Marcia de Oliveira Gomes; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. Bebês nas creches e nos espaços urbanos cariocas. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 241-249, maio/ago. 2018.

GIL, Márcia de Oliveira Gomes. **Políticas públicas de educação infantil no município do Rio de Janeiro**: berçário em foco (2009-2016). 2018. 219 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GOBBATO, Carolina. **Os bebês estão por todos os espaços!**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GONÇALVES, Fernanda. **A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche**: uma análise da produção científica recente. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GRANA, Kátiuska Marcela. **Um estudo exploratório**: interação socioafetiva entre bebês. 2011. 291 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GUIMARÃES, Rosele Martins. **Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras**: um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário. 2011. 259 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GUTIERRES, Juliana Diniz. **As práticas de atendimento à infância no município de Rio Grande**: um recuo ao passado para problematizar o presente. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

INAFUKU, Marcela. **A judicialização na expansão das vagas em creches**: o diálogo entre poder judiciário e poder executivo. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais** 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19630-educacao.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

LAZARETTI, Lucinéia Maria; MAGALHÃES, Giselle Modé. A primeira infância vai à escola: em defesa do ensino desenvolvente para todas as crianças. **Obutchénie**: Didática e Psicologia Pedagógica, Uberlândia, v. 3, n. 3, p.1-21, set./dez. 2019.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

LICHY, Juliana Guerreiro. **A documentação pedagógica e o trabalho com bebês**: estudo de caso em uma creche universitária. 2014. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LIMA, Antônia Emanuela Oliveira de. **Formação em contexto na educação infantil: uma parceria em busca da melhoria da qualidade de uma creche municipal de Fortaleza.** 2013. 317 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

LIMA, Mariana Parro. **Vitória vai à escola: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil.** 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**, Florianópolis, v.10, p.37- 45, 2007. Número especial.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Formação corporal de professoras de bebês: contribuições da pedagogia do teatro.** 2011. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LUCCA, Priscilla Giatti de. **A rotatividade de professores na educação infantil: e as crianças como ficam?** 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MACARIO, Alice de Paiva. **A potência das interações dos bebês em uma creche pública do município de Juiz de Fora.** 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MACEDO, Elina Elias de. **Crianças pequenininhas e a luta de classes.** 2016. 135 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MADEIRA, Maria Cristina. **Uma escola municipal de educação infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma Pedagogia da Infância.** 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

MAIA, Sílvia Helena de Rezende Siste. **Artesãos do desejo: a função das educadoras de creche na constituição subjetiva dos bebês.** 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MALLMAN, Elisete. **Materiais potencializadores e os bebês-potência:** possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MARIANO, Fabiana Leite Rabello. **Música no berçário:** formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon. 2015. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARQUES, Ana Paula Cordeiro. **Formação inicial de professores para a docência com bebês:** o caso do Curso de Pedagogia da Faced/UFC. 2018. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MATTOS, Maria Nazareth de Souza Salutto de. **Bebês e livros:** relação, sutileza, reciprocidade e vínculo. 2018. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MONTEIRO, Clara Medeiros Veiga Ramires. **O brincar do ponto de vista das crianças:** uma análise das dissertações e teses do portal da Capes (2007 a 2012). 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOTA, Maria Renata Alonso. A BNCC e a educação infantil: algumas provocações e um ponto de ancoragem. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anped), 3., 2019, Niterói. **Anais [...].** Niterói, 2019. p. 1-12. Disponível em: [http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5628\\_TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5628_TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf)  
Acesso em: 10 out. 2020.

MOURA, Marianne da Cruz. **Interações e brincadeiras vivenciadas por crianças de 1 e 2 anos na educação infantil.** 2018. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MUNIZ, Jacira Carla Bosquetti. **“Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...”** O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil. 2017. 366 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

NANAKA, Marcia Sayoko. **Contribuições da formação continuada a professores de crianças de zero a três anos.** 2018. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado do. **A rotina com bebês e crianças bem pequenas nos centros municipais de educação infantil de Guarapuava-PR: invisibilidades e silenciamentos.** 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2015.

NASCIMENTO, Raquel Marina da Silva. **Ser professora de bebês e crianças pequenas: reflexões sobre os saberes e fazeres docentes na creche.** 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

NOVAES, Gabriela. **Construindo vínculos e compartilhando experiências: educação infantil de zero a três anos e o trabalho com as famílias.** 2018.136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Luciana da Silva de. **Um locus de constituição do humano: vivências e afecções de bebês educadoras na creche.** 2016. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.** Assembleia Geral das Nações Unidas. 20 nov. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 10 jun. 2019.

PALHARES, Marina Silveira; MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. A educação infantil: uma questão para o debate. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira. **Educação infantil Pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003. p. 5-18.

PANTALENA, Eliane Sukerth. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais.** 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAVESI, Renata. **Do espaço ao lugar: contribuições para a qualificação dos espaços para bebês e crianças pequenas.** 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2017.

PAYES, Ana Carolina Linardi Munguia. **Desejo e cuidado na educação de crianças pequenas em creche.** 2017.128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PECKER, Paula Cavagni. **A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas.** 2017. 142 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PELLANDA, Andressa. Teto de gastos: em 2019, a educação perdeu R\$ 32,6 bi para o Teto de Gastos. **Le Monde Diplomatique Brasil**, abr. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-educacao-perdeu-r-326-bi-para-a-ec-95-do-teto-de-gastos/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

PENA, **Erica Dumont**. **Cuidar**: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da educação infantil. 2015. 154 f. Tese (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PENS, Karini Wilke. **O simbolismo da criança e a criança como símbolo**: abandonos e sopros de vida na emergência de educar-se na COPAME. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015.

PEREIRA, Jorgiana Pereira. **A coordenação pedagógica na educação infantil**: o trabalho observado e as perspectivas da coordenadora e das professoras de uma creche municipal. 2014. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

PEREIRA, Luiz Miguel. **Teatro para bebês, estreias de olhares**. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PEREIRA, Luiz Miguel. **Teatro com bebês, enunciações e vivências**: encontros da arte com a vida. 2018. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

PEREIRA, Rachel Freitas. **Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto da educação infantil**. 2015. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PINAZZA, Mônica Appezzato. A educação infantil e suas especificidades. In: GERALDI, Corinta Maria Grizolia; RIOLFI, Claudia Rosa; GARCIA, Maria de Fátima (org.). **Escola Viva**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

PINHEIRO, Deise Raquel Cortes. **As imagens de crianças na escola da infância**: espaço, tempo e materiais. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2018.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 741-756, 2010.

PINTO, Lais Allgayer. **Interação de bebês com livros literários**. 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

RAMOS, Carla Adriana Rossi. **De mãe substituta a babá malvada?** Representações sociais sobre professora de bebês segundo acadêmicos de



Pedagogia da UFMT, Campus Cuiabá. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

REHEM, Faní Quitéria Nascimento; FALEIROS, Vicente de Paula. A educação infantil como direito: uma dimensão da materialização das políticas para a infância. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 39, p. 691-710, maio/ago. 2013.

RIBEIRO, Amanda de Cássia Borges Ribeiro. **Docência com bebês e crianças pequenas na educação infantil: encontro com a ação de começar-se no mundo**. 2017. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2017.

RICHTER, Aline Cardoso. **Lições e desafios da educação de bebês no município de Lajeado/RS**. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

ROCHA, Mariana Roncarati de Souza. **Prática docente e vida afetiva na creche: um estudo de caso**. 2018. 125 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, Luziane Patrício Siqueira. **Pelos fios das histórias: narrativas de professoras sobre práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO, Carmem Lúcia Sussel. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n.141, p. 693-728, set./dez. 2010.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SÃO PAULO. Tribunal de Justiça de São Paulo. Registro: 2013.0000792670. **Acórdão**, Ação Civil Pública nº 0150735-64.2008.8.26.0002, 2013. Disponível em: <https://www.enfam.jus.br/wp-content/uploads/2018/11/AP-0150735-64.2008.8.26.0002-TJSP-1.pdf>

SALGADO, Marilda Capitulina Costa. **Educadoras de bebês: desafios na construção da identidade profissional**. 2018. 246 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2018.

SANTOS, Alessandra Olivieri. **A formação continuada do professor de educação infantil numa perspectiva da autoria por meio de ateliês biográficos**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Maria Emília Tagliari. **Bebês no museu de arte: processos, relações e descobertas**. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-

Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Anne Patrícia Pimentel dos. **Os 12 anos (2003-2015) de educação Infantil na Uerj**: entre teses e dissertações. 2016. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SANTOS, Camila Marques dos. **Lições e desafios da educação de bebês no município de Lajeado/RS**. 2015. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

SANTOS, Marlene Oliveira dos. **Nós estamos falando! E vocês estão escutando?** Currículos praticados com bebês: professoras com a palavra. 2017. 311 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). **Infância (In)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles!”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. 2014. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCHORN, Andreia Aparecida Liberali. **O cotidiano na educação infantil**: espaços, tempos, ações e o lugar dos bebês. 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2018.

SERRA, Maria Beatriz de Almeida. **Livros de literatura para bebês e crianças pequenas**: concepções de autores e editores brasileiros premiados. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Adrieli Nunes da. **Teatro para bebês**: desafios em cena para as artes e a educação na primeiríssima infância. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Fernanda Andressa da Cruz. **Reflexões sobre currículo das crianças de 0 a 3 anos: o que é e o que propomos.** 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2018.

SILVA, José Carlos da. **A qualidade das práticas educativas em uma creche do município de Santo André.** 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.

SILVA, José Ricardo. **O movimento do bebê na creche: indício orientador do trabalho docente.** 2017. 217 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2017.

SILVA, Lucélia de Almeida. **O uso do tempo no cotidiano dos bebês.** 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Márcia Vanessa. **As formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas no contexto de uma creche municipal.** 2017. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SILVA, Maria do Nascimento. **O que aprendemos com os bebês? Uma experiência de pesquisa no berçário de uma creche pública de Niterói.** 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Patrícia Cristina Santos da. **A inserção de bebês em creches: um olhar sobre as políticas públicas.** 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.

SILVA, Viviane Aparecida da. **Análise da implantação de um currículo para a EI do Centro Social Marista Itaquera: desafios e perspectivas.** 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

SILVA, Viviane dos Reis. **O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil.** 2018. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SILVEIRA, Giovanna Lobianco. **Berçário como lugar: significações segundo profissionais de educação infantil das unidades de atendimento à criança de até três anos no município de Cuiabá.** 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

SIMIANO, Luciene Pandini. **Meu quintal é maior que o mundo...** A configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. 2010.

SOUZA, Andreia Aparecida de. **A inserção de bebês na creche e a separação como operador simbólico.** 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUZA, Fátima Cleonice. **O lugar do brincar dos bebês, uma reflexão da psicanálise à educação.** 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2010.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos; ABRAMOVICZ, Anete. O bebê interroga a sociologia da infância. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 43-61, jan./abr. 2014.

TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. **Isto não é uma criança!** Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa. 2013. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

TEIXEIRA, Edinara de Freitas. **Cultura newborn:** a pequena infância na cultura do consumo e da performatividade. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015.

TORMIN, Malba Cunha. **Dubabi Du:** uma proposta de formação e intervenção musical na creche. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VARGAS, Gardia Maria Santos de. **Bebês em suas experiências primeiras:** perspectivas de uma escola da infância. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VAROTTO, Adriane Mirte. **Educação física com bebês:** as práticas pedagógicas nas creches da rede municipal de ensino de Florianópolis. 2015. 347 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VIGOTSKI, Levi. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VITTA, Fabiana Cristina Frigieri; CRUZ, Girlene de Albuquerque; SCARLASSARA, Bárbara Solana. A Base Nacional Comum Curricular e o berçário. **Horizontes**, Dourados, v. 36, n. 1, p. 64-73, jan./abr. 2018.

WINTERHALTER, Diolinda Franciele. **As especificidades das práticas educativas na creche**: o que as crianças expressam em suas vivências na educação infantil? 2015. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

ZADMINAS, Mariana Rodrigues. **PEI egressos da UERJ no facebook**: uma busca pelas falas a respeito dos saberes e práticas no berçário carioca. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ZUCOLOTO, Karla Aparecida. **Educação Infantil em creches**: uma experiência com a escala INTERS-R. 2011. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ZURAWSKI, Maria Paula Vignola. **Tramas e dramas no teatro para bebês**: entre significações e sentidos. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “EDUCAÇÃO INFANTIL”

Quadro 2 – Teses e dissertações selecionadas a partir de levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com os descritores “bebês” AND “educação infantil” (continua)

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
1 Bebês, por entre vivências, afordâncias e territorialidades infantis: de como o berçário se transforma em lugar	Iury Lara Alves	Universidade Federal de Mato Grosso	Mato Grosso 2013	Cultura, Memória e Teorias em Educação
2 Batuca bebê: a educação do gesto musical	Carla Patrícia Carvalho de Amorim	Universidade de Brasília	Brasília 2017	Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação.
3 O berçário como contexto das Dcneis nº 5/2009 e a prática pedagógica com bebês: um estudo em uma Emei de Santa Maria/RS	Priscila Arruda Barbosa	Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria/RS 2013	Políticas Públicas e Práticas Educativas
4 O trabalho docente na primeira etapa da educação infantil: as interações com o mundo letrado	Lucilene Mattos Berbel	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Rio Claro 2017	Formação de Professores e Trabalho Docente
5 Escuta estética/poética na creche: encontros musicais com bebês e crianças pequenas	Clarice de Campos Bourscheid	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul 2014	Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação
6 Manifestações afetivas nas concepções e práticas educativas no contexto da creche: reflexões a partir da perspectiva walloniana	Viviane Aparecida Ferreira Favareto Cacheffo	Universidade Estadual Paulista	Presidente Prudente 2012	
7 A leitura da documentação pedagógica com o crivo de referenciais freireanos: subsídios para uma formação de professoras que trabalham com bebês e crianças pequenas	Rosimeire dos Santos Cardoso	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2018	Desenvolvimento profissional do formador e práticas educativas
8 Currículo para bebês no contexto da creche: concepções, práticas e participação das crianças	Maria Crélia Mendes Carneiro	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza 2017	Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
9 “Agora quando eu olho pra ele, ele sorri pra mim, porque a gente começou a ser amigo”: o que fazem juntos bebês e crianças mais velhas em uma escola de educação infantil	Carolina Machado Castelli	Universidade Federal de Pelotas	Pelotas 2015	Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente
10 A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil	Joselma Salazar de Castro	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2011	Educação e Infância
11 O aprender do bebê: representações sociais segundo acadêmicos de Pedagogia da UFMT, Campus Cuiabá	Sandra Aparecida Cavallari	Universidade Federal de Mato Grosso	Cuiabá 2011	Cultura, Memória e Teorias em Educação
12 A convivência nos CEIS: implicações para o desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas	Fernanda Seara Cera	Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí /SC 2010	Contextos e Processos Psicossociais de Desenvolvimento
13 Espaços e tempos da educação infantil: investigando a ação pedagógica com os bebês	Flávia de Oliveira Coelho	Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte 2015	Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas
14 Aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral no contexto da educação infantil	Wanessa Rafaela do Nascimento da Costa	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Natal 2014	Educação, Currículo e Práticas Pedagógicas
15 “Pequenos-Gigantes” entre si: notas etnográficas acerca da capacidade e da disponibilidade dos BEBÊS em viver socioculturalmente	Ana Paula Gomes Cuzziol	Universidade Federal Fluminense	Niterói 2013	Sujetividade: Produção de Subjetividades e Conhecimentos em suas Relações com Processos Educativos e Culturais
16 Quais as fontes de saberes das professoras de bebês?	Ana Paula Rudolf Dagnoni	Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí /SC 2011	Práticas Docentes e Formação Profissional
17 A documentação pedagógica como reveladora do currículo na creche	Alexandra Cristina Delbon	Universidade de Araraquara	Araraquara/ SP 2018	Processos de Ensino



<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
18 A relação educadora – bebê: laços possíveis	Ivy de Souza Dias	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2010	
19 Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente	Fabiana Duarte	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2011	Educação e Infância
20 As reações das educadoras diante dos bebês e suas demandas no cotidiano das creches	Rubiara Duarte	Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí /SC 2012	Prática Docente e Formação Profissional
21 Ambientes para a educação infantil: o Proinfância em Quatis	Andrea Relva da Fonte Goncalves Endlich	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2017	Infância, Juventude e Educação
22 A formação do leitor - literário na educação infantil: a interação da palavra da vida cotidiana com a palavra literária	Nivia barros Escouto	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2013	Ensino e Formação de Educadores
23 O desenvolvimento das funções psíquicas superiores de crianças de zero a três anos: a atenção e a memória - uma análise histórico-cultural	Waldirene Dos santos Faria	Universidade Federal de São Carlos	São Carlos 2013	Educação Escolar: Teorias e Práticas
24 Da família à creche: narrativas de mães sobre processos de transição de seus bebês	Marina Ribeiro da Cunha Fernandes	Universidade de Brasília	Brasília 2014	Escola, aprendizagem, ação pedagógica e subjetividade na educação
25 A escuta e as palavras nos anos iniciais da vida: diálogos entre os bebês, a psicanálise e a educação infantil	Simoni Antunes Fernandes	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Ijuí/RS 2011	
26 "Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?" documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva	Paulo Sérgio Fochi	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2013	Políticas de Formação, Políticas e Gestão da Educação

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
27 Concepções de creche em artigos acadêmicos publicados nos periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação	Michelle Abreu Furtado	Universidade de Brasília	Brasília 2014	Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação.
28 OS BEBÊS ESTÃO POR TODOS OS ESPAÇOS!: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil	Carolina Gobbato	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2011	Estudos sobre Infâncias
29 A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: uma análise da produção científica recente	Fernanda Gonçalves	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2014	Educação e Infância
30 Um estudo exploratório: interação socioafetiva entre bebês 2011	Katiuska Marcela Grana	Universidade Estadual de campinas	Campinas 2011	
31 Encontros, cantigas, brincadeiras, leituras: um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário	Rosele Martins Guimarães	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2011	
32 As práticas de atendimento à infância no município do Rio Grande: um recuo ao passado para problematizar o presente	Juliana Diniz Gutierrez	Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande 2015	Espaços e Tempos Educativos
33 A judicialização na expansão das vagas em creches: o diálogo entre Poder Judiciário e Poder Executivo	Marcela Inafuku	Universidade cidade de São Paulo	São Paulo 2017	Políticas Públicas e Gestão Escolar: Planejamento e Avaliação nas Instituições de Educação
34 Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil	José Durval Aguiar Junior	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2017	Instituição Escolar: Organização, Práticas Pedagógicas e Formação de Educadores

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
35 A documentação pedagógica e o trabalho com bebês: estudo de caso em uma creche universitária	Juliana Guerreiro Lichy	Universidade de São Paulo	São Paulo 2014	Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares
36 Vitória vai à escola: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil	Mariana Parro Lima	Universidade Estadual de campinas	Campinas 2013	Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte
37 A rotatividade de professores na educação infantil: e as crianças como ficam?	Priscilla Giatti de Lucca	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2018	Desenvolvimento Profissional do Formador e Práticas Educativas
38 A potência das interações dos bebês em uma creche pública do município de Juiz de Fora	Alice de Paiva Macario	Universidade Federal de Juiz de Fora	Juiz de Fora 2017	Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores
39 Artesãs do desejo: a função das educadoras de creche na constituição subjetiva dos bebês	Silvia Helena de Rezende Siste Maia	Universidade Estadual de Londrina	Londrina 2011	
40 Materiais potencializadores e os bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um berçário	Elisete Mallmann	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2015	Políticas de Formação, Políticas e Gestão da Educação
41 Formação inicial de professores para a docência com bebês: o caso do curso de pedagogia da Faced/UFC	Ana Paula Cordeiro Marques Rodrigues	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza 2018	Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança
42 “Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...”. O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil	Jacira Carla Bosquetti Muniz	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2017	Educação e Infância
43 Contribuições da formação continuada a professores de crianças de zero a três anos	Marcia Sayoko Nanaka	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2018	

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
44 A rotina com bebês e crianças bem pequenas nos centros municipais de educação infantil de Guarapuava-PR: invisibilidades e silenciamentos	Edaniele Cristine Machado do Nascimento	Universidade Estadual do Centro-Oeste	Guarapuava 2015	Educação, Cultura e Diversidade
45 Construindo vínculos e compartilhando experiências: educação infantil de zero a três anos e o trabalho com as famílias	Gabriela Novaes	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2018	Desenvolvimento Profissional do Formador e Práticas Educativas
46 O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais	Eliane Sukerth Pantalena	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	São Paulo 2010	
47 Do espaço ao lugar: contribuições para a qualificação dos espaços para bebês e crianças pequenas	Renata Pavesi Cocito	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Presidente Prudente 2017	Processos Formativos, Infância e Juventude
48 Desejo e cuidado na educação de crianças pequenas em creches	Ana Carolina Linardi Munguia Payes	Universidade de São Paulo	São Paulo 2017	Psicologia e Educação
49 O simbolismo da criança e a criança como símbolo: abandonos e sopros de vida na emergência de educar-se na Copame	Karini Wilke Pens	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul 2015	Aprendizagem, Tecnologias E Linguagem Na Educação
50 A coordenação pedagógica na educação infantil: o trabalho observado e as perspectivas da coordenadora e das professoras de uma creche municipal	Jorgiana Ricardo Pereira	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza 2014	Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança
51 Teatro para bebês, estreias de olhares	Luiz Miguel Pereira	Universidade Federal Fluminense	Niterói 2014	
52 Interação de bebês com livros literários	Marcela Lais Allgayer Pinto	Universidade de Caxias do Sul	Caxias do Sul 2018	Educação, Linguagem e Tecnologia

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
53 De mãe substituta a babá malvada: representações sociais sobre professora de bebês segundo acadêmicos de pedagogia da UFMT, campus Cuiabá	Adriana Rossi Ramos	Universidade Federal de Mato Grosso	Cuiabá 2012	Cultura, Memória e Teorias em Educação
54 Docência com bebês e crianças pequenas na educação infantil: encontro com a ação de começar-se no mundo	Amanda de Cassia Borges Ribeiro	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul 2017	Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem em Educação
55 Lições e desafios da educação de bebês no município de Lajeado/RS	Aline Cardoso Richter	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul 2012	Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação
56 A formação continuada do professor de educação infantil numa perspectiva da autoria por meio de ateliês biográficos	Alessandra Olivieri Santos	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2018	
57 Culturas da infância na primeira infância: processos educativos em um projeto de musicalização infantil	Camila Marques Dos Santos	Universidade Federal de São Carlos	São Carlos 2015	Práticas Sociais e Processos Educativos
58 Bebês no Museu de Arte: processos, relações e descobertas	Maria Emília Tagliari Santos	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2017	Processos Culturais, Instâncias de Socialização e a Educação
59 A inserção de bebês em creches: um olhar para as políticas públicas	Patrícia Cristina Santos da Silva	Universidade Metodista de São Paulo	São Bernardo do Campo 2015	Políticas e Gestão Educacionais
60 O cotidiano na educação infantil: espaços, tempos, ações e o lugar dos bebês	Andreia Aparecida Liberali Schorn	Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria/RS 2018	
61 Livros de literatura para bebês e crianças pequenas: concepções de autores e editores brasileiros premiados	Maria Beatriz de Almeida Serra	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2015	Currículo, Docência e Linguagem

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
62 A qualidade das práticas educativas em uma creche do município de Santo André (SP)	José Carlos da Silva	Universidade Nove de Julho	São Paulo 2018	
63 Teatro para bebês: desafios em cena para as artes e a educação na primeiríssima infância	Adriele Nunes da Silva	Universidade de São Paulo	São Paulo 2017	Sociologia da Educação
64 Reflexões sobre currículo das crianças de 0 a 3 anos: o que é e o que propomos	Fernanda Andressa da Cruz Silva	Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí /SC 2018	Práticas Docentes e Formação Profissional
65 O uso do tempo no cotidiano de bebês	Lucélia de Almeida Silva	Universidade de Brasília	Brasília /DF 2015	Estudos Comparados em Educação (Ecoe)
66 As formas de participação social dos bebês nas práticas cotidianas vivenciadas no contexto de uma creche municipal	Marcia Vanessa Silva	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza 2017	Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança
67 Análise da implantação de um currículo para a EI do Centro Social Marista Itaquera: desafios e perspectivas	Viviane Aparecida da Silva	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo 2010	
68 O que pensam as educadoras e o que nos revelam os bebês sobre a organização dos espaços na educação infantil	Viviane dos Reis Silva	Fundação Universidade Federal de Sergipe	São Cristóvão/SE 2018	
69 Berçário como lugar: significações segundo profissionais de educação infantil das unidades de atendimento à criança de até três anos no município de Cuiabá	Giovanna Lobianco Silveira	Universidade Federal de Mato Grosso	Cuiabá /MT 2013	Cultura, Memória e Teorias em Educação
70 Meu quintal é maior que o mundo... A configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês	Luciane Pandini Simiano	Universidade do Sul de Santa Catarina	Tubarão 2010	

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
71 A inserção de bebês na creche e a separação como operador simbólico	Andreia Aparecida Oliveira de Souza	Universidade de São Paulo	São Paulo 2014	Psicologia e Educação
72 Cultura newborn: a pequena infância na cultura do consumo e da performatividade	Edinara de Freitas Teixeira	Universidade Luterana do Brasil	Canoas/RS 2015	Currículo, Ciências e Tecnologias
73 Educação Física com bebês: as práticas pedagógicas nas creches da rede municipal de ensino de Florianópolis	Mirte Adriane Varotto	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2015	Educação e Infância
74 As especificidades das práticas educativas na creche: o que as crianças expressam em suas vivências na educação infantil?	Diolinda Franciele winterhalter	Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria/RS 2015	Práticas Escolares e Políticas Públicas
75 Bebês e suas professoras no berçário: estudo de interações à luz de pedagogias participativas	Andrea costa Garcia	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp	São Paulo 2018	
<b>TESES</b>				
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
1 As linguagens dos bebês na educação infantil: diálogos do círculo de Bakhtin com Henri Wallon	Viviane Maria Alessi	Universidade Federal do Paraná	Curitiba 2017	Cultura, Escola e Ensino
2 Afetividade na creche: construção colaborativa de saberes e práticas docentes a partir da teoria walloniana	Viviane Aparecida Ferreira Favareto	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Presidente Prudente 2017	Processos formativos, Infância e Juventude
3 Bebê e criança pequena: imagens e lugar nos projetos pedagógicos de instituições públicas de educação infantil	Marisa Zanoni Fernandes	Universidade Federal do Paraná	Curitiba 2011	Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano
4 Bebês e crianças pequenas em instituições coletivas de acolhimento e educação: representações de educação em creches	Beatriz Mangione Sampaio Ferraz	Universidade de São Paulo	São Paulo 2011	Psicologia e Educação

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
5 As pedagogias online do complexo kids: crianças, mães e pais em conexão	Luciana Sauer Fontana	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2015	Cultura, Currículo e Sociedade
6 Políticas Públicas de Educação Infantil no Município do Rio de Janeiro: berçário em foco (2009 – 2016)	Márcia de Oliveira Gomes Gil	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2018	
7 Formação em contexto na educação infantil: uma parceria em busca da melhoria da qualidade de uma creche municipal de Fortaleza	Antonia Emanuela Oliveira de Lima	Universidade Federal do Ceará	Fortaleza 2013	Desenvolvimento, Linguagem e Educação da Criança
8 Formação corporal de professoras de bebês: contribuições da pedagogia do teatro	Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi	Universidade de São Paulo	São Paulo 2011	Psicologia e Educação
9 Música no berçário: formação de professores e a teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon	Fabiana Leite Rabello Mariano	Universidade de São Paulo	São Paulo 2015	Psicologia e Educação
10 Bebês e livros: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo	Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2018	
11 Interações e brincadeiras vivenciadas por crianças de 1 e 2 anos na educação infantil	Marianne da Cruz Moura	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Natal/RN 2018	
12 CUIDAR: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da educação infantil	Érica Dumont Pena	Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte 2015	Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas
13 Teatro com bebês, enunciações e vivências. Encontros da arte com a vida	Luiz Miguel Pereira	Universidade Federal Fluminense	Niterói 2018	Linguagem, Cultura e Processos Formativos
14 Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto da educação infantil	Rachel Freitas Pereira	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2015	Políticas de Formação, Políticas e Gestão da Educação
15 Prática docente e vida afetiva na creche: um estudo de caso	Mariana Roncarati de Souza Rocha	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2018	Diferenças Culturais e Processos Educativos



<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
16 As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente	Rosinete Valdeci Schmitt	Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis 2014	Ensino e Formação de Educadores
17 O movimento do bebê na creche: indício orientador do trabalho docente	José Ricardo Silva	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”	Presidente Prudente 2017	Práticas e Processos Formativos em Educação
18 Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância de língua inglesa	Gabriela Guarneri de Campos Tebet	Universidade Federal de São Carlos	São Carlos 2013	Educação, Cultura e Subjetividade
19 Dubabi Du: uma proposta de formação e intervenção musical na creche	Malba Cunha Tormin	Universidade de São Paulo	São Paulo 2014	Psicologia e Educação
20 Bebês em suas experiências primeiras: perspectivas para uma escola da infância	Gardia Maria Santos de Vargas	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2014	Políticas de Formação, Políticas e Gestão da Educação
21 Educação infantil em creches: uma experiência com a escala ITERS-R	Karla Aparecida Zucoloto	Universidade de São Paulo	São Paulo 2011	Psicologia e Educação
22 Tramas e dramas no teatro para bebês: entre significações e sentidos	Maria Paula Vignola Zurawski	Universidade de São Paulo	São Paulo 2018	Sociologia e Educação
23 Práticas e representações da institucionalização da infância: bebês e crianças bem pequenas na creche em Francisco Beltrão/PR (1980/1990)	Caroline Machado Cortelini Conceição	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	São Leopoldo/RS 2014	Educação, História e Políticas
24 Bebês produzem música? O brincar-musical de bebês em berçário	Aruna Noal Correa	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre 2013	Políticas de Formação, Políticas e Gestão da Educação

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
25 Uma escola municipal de educação infantil como lugar de experiência, comunicação e relações: contribuições para a construção de uma Pedagogia da Infância	Maria Cristina Madeira	Universidade Federal de Pelotas	Pelotas 2017	Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente
26 A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas	Paula Cavagni Pecker	Universidade Federal do Paraná	Curitiba 2017	Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano
27 Nós estamos falando! E vocês, estão escutando? Currículos praticados com bebês: professoras com a palavra	Marlene Oliveira dos Santos	Universidade Federal da Bahia	Salvador 2017	Currículo e (In)formação

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

## APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “INFÂNCIAS”

Quadro 2 – Dissertações selecionadas a partir de levantamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, com os descritores “bebês” AND “infâncias”

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
1 Formação continuada na educação infantil: especificidades da atuação com crianças pequenas na rede municipal de São Caetano do Sul	Mercia Figueiredo Della Maggiora Victor Ferreira	Universidade Municipal de São Caetano do Sul	São Caetano do Sul  2018	
2 O brincar do ponto de vista das crianças: uma análise das dissertações e teses do portal capes (2007 a 2012)	Clara Medeiros Veiga Ramires Monteiro	Universidade Federal de Pelotas	Pelotas  2014	Currículo e Profissionalização Docente
3 Ser professora de bebês e crianças pequenas: reflexões sobre os saberes e fazeres docentes na creche	Raquel Marina da Silva do Nascimento	Universidade Federal Fluminense	Niterói  2018	Estudos do Cotidiano e da Educação Popular
4 As imagens de crianças na escola da infância: espaço, tempo e materiais	Deise Raquel Cortes Pinheiro	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Ijuí/RS  2018	
5 Educadoras de bebês: desafios na construção da identidade profissional	Marilda Capitulina Costa Salgado	Universidade Municipal de São Caetano do Sul	São Caetano do Sul  2018	
6 O lugar do brincar dos bebês, uma reflexão da psicanálise à educação	Fátima Cleonice de Souza	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul  2010	Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DE PESQUISAS A PARTIR DO DESCRITOR “BEBÊS” AND “CRECHE”

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
1 Creche: desafios e possibilidades uma proposta curricular para além do educar e cuidar	Rita de Cassia Marinho Oliveira André	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	São Paulo  2016	Formação de Educadores
2 Os espaços lúdicos como elementos formadores em uma creche do município de Santo André	Djanira Alves Biserra Araújo	Universidade Nove de Julho	São Paulo  2016	Linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE)
3 (Desa)fos da gestão nas instituições de educação infantil: entre concepções e práticas de gestoras	Rúbia Borges	Universidade do Sul de Santa Catarina	Tubarão  2016	Relações Culturais e Históricas na Educação
4 E os bebês na creche... Brincam? O brincar dos bebês em interação com as professoras	Michelle Duarte Rios Cardoso	Universidade Federal de Juiz de Fora	Juiz de Fora  2016	Linguagem, Conhecimento e Formação de professores
5 Pelos fios das histórias: narrativas de professoras sobre práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos	Luziane Patrício Siqueira Rodrigues	Universidade Federal Fluminense	Niterói  2016	Linguagem: Processos de Produção de Linguagens, Identidades Culturais e Práticas Educativas
6 Os 12 anos (2003-2015) de educação infantil na Uerj: entre teses e dissertações	Anne Patrícia Pimentel dos Santos	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2016	Infância, Juventude e Educação
7 O que aprendemos com os bebês? Uma experiência de pesquisa no berçário de uma creche pública de Niterói	Maria do Nascimento Silva	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro  2016	Políticas, Direitos e Desigualdades

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
8 PEI egressos da Uerj no facebook: uma busca pelas falas a respeito dos saberes e práticas no berçário carioca	Mariana Rodrigues Zadminas	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro 2016	Infância, Juventude e Educação
<b>Teses</b>				
<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano/Local</b>	<b>Linha de pesquisa</b>
1 Crianças pequeninhas e a luta de classes	Elina Elias de Macedo	Universidade Estadual de Campinas	Campinas 2016	Educação e Ciências Sociais
2 Um <i>locus</i> de constituição do humano: vivências e afecções de bebês e educadoras na creche	Luciana da Silva de Oliveira	Universidade Federal de Minas Gerais	Belo Horizonte 2016	Psicologia, Psicanálise e Educação

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

